



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**A PERCEPÇÃO DISCENTE DA VIOLÊNCIA  
ESCOLAR: UM ESTUDO COMPARADO (TIPO DE  
ESCOLA, AMBIENTE SOCIAL E ESTILO DE VIDA).**

**LEANDRO GABRIEL DOS SANTOS**

Brasília, Maio de 2007.

Esta dissertação foi orientada, lida e aprovada pela Comissão de Dissertação do(a) candidato(a) e aceita como parte dos requisitos da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de:

## **MESTRE EM EDUCAÇÃO**

**Título:** A PERCEPÇÃO DISCENTE DA VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM ESTUDO COMPARADO (TIPO DE ESCOLA, AMBIENTE SOCIAL E ESTILO DE VIDA).

**Apresentada por:** Leandro Gabriel dos Santos

**Área de Concentração:** Políticas Públicas e Gestão da Educação Básica

### ***COMISSÃO EXAMINADORA***

---

Prof. Dr. Bráulio Tarcísio Pôrto de Matos

**Orientador**

---

Prof. Dr. Paulo Kramer

**Examinador externo**

---

Prof. Dr. Jacques Velloso

**Examinador**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA COMO  
REQUISITO PARCIAL PARA A OBTENÇÃO  
DO GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO.

## AGRADECIMENTOS

---

- Primeiramente, a Deus, por estar sempre iluminando os meus caminhos e, sem a sua ajuda e presença em minha vida, não finalizaria mais esta etapa.
- Aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado. Sou grato a tudo o que eles têm feito por mim.
- Aos meus irmãos, sempre presentes na minha vida.
- Aos meus avós, especialmente o Sr. José Gabriel Filho, de quem sinto eternas saudades.
- Aos meus tios Job, Deco, Caçula e Abadia, por tudo o que aprendi com eles.
- À Miriam Gontijo, namorada e companheira de todas as horas.
- Ao meu orientador e amigo, Prof. Bráulio Tarcísio Porto de Matos, pelas suas valiosas contribuições.
- Aos Professores Daniel e Maria Célia Cardoso, pelo valioso auxílio que me foi dado. Abriram as portas de duas das escolas estudadas e contribuíram na aplicação dos instrumentos de pesquisa.
- Aos professores Bernardo Kipnis e Jacques Velloso pelas importantes contribuições de pesquisa.
- À professora Maria de Fátima Guerra de Sousa pelas orientações e indicações de leitura e pesquisa.
- À professora Ana Maria Sarmiento Vellasco, grande amiga e mestre, sempre disposta a me ajudar no que fosse possível.
- Às direções das escolas estudadas, que me abriram as portas para a realização da pesquisa.
- À Adriana do Espírito Santo, que se mostrou disponível em me ajudar na tiragem de cópias dos instrumentos de pesquisa.
- À Ludmila Icó e Silva pela tradução do resumo deste trabalho.

Ao Sr. Guaracy Alves dos Santos e à  
Dona Célia Norma Gabriel dos Santos,  
meus queridos e amados pais.  
À Cecília, Gabriela, Júlia, Nicole,  
Miriam e Gisele, meus amores.

## SUMÁRIO

---

Resumo.....	ix
Abstract.....	xi
Introdução.....	12
Capítulo I – Referencial teórico.....	15
1.1 Violência: um conceito polissêmico.....	15
1.2 As causas da violência: causalidade múltipla e mal determinada empiricamente.....	20
1.3 Indisciplina.....	31
1.4 Papel da escola.....	32
1.5 Violência e gestão educacional.....	33
1.6 Propostas de ação.....	35
1.7 Três estudos de referência.....	37
1.7.1 As enquetes da UNESCO.....	37
1.7.2 Estudo do ILANUD.....	43
1.7.3 Estudo de Javier Elzo.....	48
Capítulo II – Objetivos da pesquisa .....	51
Capítulo III – Procedimentos metodológicos.....	52
Capítulo IV – Resultados.....	55
4.1 Tipos e intensidade da violência percebida.....	56
4.2 Efeitos do Tipo de Escola (pública ou particular).....	68
4.3 Efeitos do Estilo de Vida dos Jovens.....	81
4.4 Efeitos do Ambiente Social da Escola.....	100
4.5 O peso relativo dos fatores estudados.....	115
Conclusão.....	126
Bibliografia.....	129
Anexo – Questionário aplicado.....	134

## ÍNDICE DE TABELAS

---

- Tabela 1 – Causas da violência escolar atribuídas pela própria comunidade, 28
- Tabela 2 – Proporção de alunos do ensino fundamental (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup>) e médio, além de membros do corpo técnico-pedagógico que presenciaram o uso de drogas perto e dentro da escola, 39
- Tabela 3 – Alunos e membros do corpo técnico-pedagógico, por capitais brasileiras, segundo relatos de violência sexual, porte de armas de fogo e/ou outras armas, e relatos de ameaças a alunos, pais, professores e/ou funcionários no ambiente da escola, 40
- Tabela 4 – Vitimização nas escolas, 44
- Tabela 5 – Transgressão nas escolas, 45
- Tabela 6 – Armas nas escolas, 45
- Tabela 7 – Drogas nas escolas, 46
- Tabela 8 – Estilos de vida de jovens espanhóis – análise fatorial, 49
- Tabela 9 – Características gerais da amostra, 54
- Tabela 10 – Perfil sociodemográfico da amostra, 55
- Tabela 11 – Tipos e intensidade de agressões na escola, 56
- Tabela 12 – Armas na escola, 58
- Tabela 13 – Drogas na escola, 58
- Tabela 14 – Vítima, algoz ou ambos, 59
- Tabela 15 – Indicadores de insegurança, 60
- Tabela 16 – Comparação escola pública/particular, 62
- Tabela 17 – Punição atribuída a comportamento desviante, 66
- Tabela 18 – Indicadores de atitude em face da violência, 67
- Tabela 19 – Perfil sociodemográfico por tipo de escola, 68
- Tabela 20 – Tipos e intensidade de agressões na escola por tipo de escola, 71
- Tabela 21 – Armas na escola por tipo de escola, 73
- Tabela 22 – Drogas na escola por tipo de escola, 74
- Tabela 23 – Vítima, algoz ou ambos por tipo de escola, 75
- Tabela 24 – Indicadores de insegurança por tipo de escola, 76
- Tabela 25 – Comparação escola pública/particular por tipo de escola, 77
- Tabela 26 – Punição atribuída a comportamento desviante por tipo de escola, 80
- Tabela 27 – Indicadores de atitude em face da violência por tipo de escola, 81
- Tabela 28 – Indicadores de estilo de vida dos jovens, 83
- Tabela 29 – Estilos de vida dos jovens por indicadores determinantes, 85
- Tabela 30 – Indicadores de participação cívica por estilo de vida do jovem, 86
- Tabela 31 – Estilo de vida do jovem por tipo de escola, 87
- Tabela 32 – Perfil sociodemográfico por estilo de vida do jovem, 88
- Tabela 33 – Tipos e intensidade de agressões na escola por estilo de vida do jovem, 90
- Tabela 34 – Armas na escola por estilo de vida do jovem, 92
- Tabela 35 – Drogas na escola por estilo de vida do jovem, 93
- Tabela 36 – Vítima, algoz ou ambos por estilo de vida do jovem, 94
- Tabela 37 – Indicadores de insegurança por estilo de vida do jovem, 94
- Tabela 38 – Comparação escola pública/particular por estilo de vida do jovem, 97
- Tabela 39 – Punição atribuída a comportamento desviante por estilo de vida do jovem, 99
- Tabela 40 – Indicadores de atitude em face da violência por estilo de vida do jovem, 100
- Tabela 41 – Ambiente social da escola por estilo de vida do jovem, 101
-

- Tabela 42 – Perfil sociodemográfico por ambiente socioeconômico da escola, 102  
 Tabela 43 – Indicadores de agressões por ambiente social da escola, 104  
 Tabela 44 – Armas na escola por ambiente socioeconômico da escola, 106  
 Tabela 45 – Drogas na escola por ambiente socioeconômico da escola, 107  
 Tabela 46 – Vítima, alçoz ou ambos por ambiente socioeconômico da escola, 108  
 Tabela 47 – Indicadores de insegurança por ambiente socioeconômico da escola, 108  
 Tabela 48 – Comparação escola pública/particular por ambiente socioeconômico da escola, 110  
 Tabela 49 – Punição atribuída a comportamento desviante por ambiente socioeconômico da escola, 113  
 Tabela 50 – Indicadores de atitude em face da violência por ambiente socioeconômico da escola, 114  
 Tabela 51 – Variáveis e categorias inseridas na análise multivariada, 117  
 Tabela 52 – Envolvimento pessoal em situações de violência por tipo de escola-ambiente social da escola, 125

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

---

- Gráfico 1 – Problemas de agressão na escola que o respondente atacaria primeiro, 57  
 Gráfico 2 – Escalas específicas e gerais de violência percebida, 59  
 Gráfico 3 – Causas atribuídas à violência, 65  
 Gráfico 4 – Escalas específicas e gerais de violência percebida por tipo de escola, 70  
 Gráfico 5 – Problemas de agressão na escola que o respondente atacaria primeiro por tipo de escola, 72  
 Gráfico 6 – Comparação escola pública/particular por tipo de escola, 76  
 Gráfico 7 – Causas atribuídas à violência por tipo de escola, 79  
 Gráfico 8 – Escalas específicas e gerais de violência percebida por estilo de vida do jovem, 89  
 Gráfico 9 – Problemas de agressão na escola que o respondente atacaria primeiro por estilo de vida do jovem de escola, 91  
 Gráfico 10 – Comparação escola pública/particular por estilo de vida do jovem, 95  
 Gráfico 11 – Causas atribuídas à violência por estilo de vida do jovem, 98  
 Gráfico 12 – Escalas específicas e gerais de violência percebida por ambiente socioeconômico da escola, 103  
 Gráfico 13 – Problemas de agressão na escola que o respondente atacaria primeiro por ambiente socioeconômico da escola, 105  
 Gráfico 14 – Comparação escola pública/particular por ambiente socioeconômico da escola, 109  
 Gráfico 15 – Causas atribuídas à violência por ambiente socioeconômico da escola, 112  
 Gráfico 16 – Escala de violência percebida por tipo de escola-ambiente social da escola, 122

## ÍNDICE DE QUADROS

---

- Quadro 1 – Causas típicas da violência nas escolas, segundo a literatura revisada, 27

## ÍNDICE DE DIAGRAMAS

---

- Diagrama 1 – Esquema geral da análise multivariada, 118



## RESUMO

---

A violência torna-se, cada vez mais, um fenômeno preocupante para a sociedade brasileira. A partir do momento que este fenômeno se manifesta nas escolas, é necessário um estudo em particular, pois, de um ambiente criado para a construção da cidadania, da autonomia e do conhecimento, torna-se um espaço não socializador, que amedronta a comunidade em geral e cria um ambiente de medo e angústia coletiva.

O presente trabalho objetiva captar a percepção da violência entre jovens estudantes, com ênfase em três variáveis-chaves (tipo de escola, ambiente sócio-econômico da escola e estilo de vida do jovem).

Busca-se responder algumas questões e identificar determinados aspectos, dentre eles os tipos e intensidade da violência percebida pelos alunos pesquisados, as causas atribuídas pelos alunos à violência escolar e os principais determinantes da violência percebida pelos alunos, considerando variáveis como escolaridade dos pais.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi o questionário. Este instrumento foi aplicado em quatro escolas do Distrito Federal, sendo duas públicas e duas particulares (categorias do tipo de escola). A variável-chave ambiente social, em conjunto com o tipo de escola, determinou a escolha das instituições em que seriam aplicados os questionários junto aos alunos do ensino médio. Tanto no Plano Piloto de Brasília, quanto na Região Administrativa de Ceilândia, foram escolhidas uma instituição pública e outra particular de ensino.

A análise dos dados foi feita de forma multivariada, tendo, como variáveis principais de estudo, se o aluno foi *vítima/algoz*, além da *escala de violência percebida*. Com respeito à vitimação/envolvimento, o sexo foi a variável secundária de maior importância. Quanto à escala de violência percebida, a variável mais importante foi o tipo de escola.

Dos resultados obtidos no estudo, observa-se, de uma forma geral, uma incidência um pouco mais acentuada de percepção de violência nas escolas públicas. Já o envolvimento em situações de violência é maior na escola privada do que na pública.

Sobre os tipos e intensidade de violência percebida, o desrespeito aos outros, os xingamentos e as pichações destacaram-se como os principais tipos de agressão na escola. Observa-se, com isso, uma forte presença do *bullying* nas escolas estudadas.

A falta de orientação familiar foi apontada pelos alunos das duas redes de ensino como sendo a principal causa da violência nas escolas.

Observa-se graus de sensibilidade diferenciados, quanto ao fenômeno da violência entre os alunos das duas redes de ensino. Pode-se afirmar, no presente estudo, que existe diferença na percepção dos alunos da rede pública e privada quanto ao fenômeno da violência no interior das escolas.

## ABSTRACT

---

Nowadays, violence has become worrying to Brazilian Society. From now on this phenomenon shows up in schools, it's necessary to develop a particular study, because a place based on citizenship, autonomy and knowledge, turns up to be a non sociable place that threatens all the community causing an environment of fear and anguish.

The objective of this work is to attract attention towards violence among young students with emphasis in three main situations (kind of school, social and economical environment of the school and the student's way of life).

Searching the response for some questions and identify certain aspects, among all kind and intensity of violence realized by students that participated of the research, students demonstrated that the main cause to violence at school regards their parents level of education.

The capture of informations to this work was made by questionnaire, applied in four schools of the Federal District, two public schools and two private schools. Social environment variable, with the kind of school, has determined the choice of the institutions where the questionnaires were applied to high school students. In Plano Piloto and at Ceilândia private and public institutions of education have been chosen.

Analysis has been made in various ways, having on focus students that could have been a victim/guilty, beyond the violence scale noticed. Respecting the casualty and involvement, sex was the second motive with higher importance. Related to scale of violence the kind of school has been the main point observed.

The study result realized in a general point of view, a stronger level of violence in public schools. Although students get more involved in violent situations is in private schools.

The intensity of violence, disrespectful against others, takes place as the main kinds of school's aggression. One might observe a strong action of bullying in the studied schools.

Students in private and public schools noticed that the lack of family orientation might be the main cause of violence at schools.

Students from the two kinds of school have related different levels of sensibility concerning violence. The statement of this research, confirms that there is a different perception from part of private and public schools concerning violence indoors.

## INTRODUÇÃO

---

A violência é um dos fenômenos mais discutidos contemporaneamente. Não seria exagero falar de uma “quase onipresença” do tema em todos os lugares e segmentos sociais (países ricos e pobres, empresários e trabalhadores, governo e sociedade etc.). A chamada violência juvenil, em particular, ganha, a cada dia, mais destaque no debate público. Um estudo da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) trazido por Almeida (2005) revela que, no período de 1999 e 2000, a violência foi o tema relacionado à infância e à adolescência que atingiu o maior percentual de aumento no que se refere à abordagem pela mídia escrita brasileira. De 1999 para 2000, houve um aumento de 121,65%. Ainda nessa direção, estatísticas oficiais mostram que, entre 1979 e 1996, a mortalidade por homicídios e outras violências aumentou 97% no total da população brasileira e 135% entre os jovens de 15 a 24 anos de idade (Waiselfisz, 1998). Mostram, também, que os indivíduos envolvidos em situações de violência são cada vez mais jovens.

A própria escola, instituição que pressupõe e que visa a promover uma cultura de paz, sem o quê é impossível educar de verdade, vê-se atormentada por atos de violência (pichações, *bullying*, etc...). Ainda que a violência na escola não seja tão ostensiva quanto fora dela, os membros da comunidade escolar vivem com medo e sentem-se permanentemente ameaçados. Essa configuração gera o aumento da angústia social (Charlot, 2002).

De outra parte, contudo, constata-se também que a pesquisa científica sobre esse tema ainda é inconclusiva. A enorme falta de consenso entre os pesquisadores diz respeito não apenas à descrição empírica e à explicação do fenômeno, como também à sua própria conceituação. Naturalmente, antes de atribuir a timidez do avanço científico a um eventual “subdesenvolvimento relativo” das ciências do comportamento nesse campo temático, cabe argumentar que boa parte do problema deve-se ao elevado teor moral envolvido na qualificação do que seja a própria conduta violenta, bem como ao fato desse objeto de estudo ser, em si mesmo, temerário (como pode o pesquisador aproximar-se dele sem correr o risco de ser mais um vitimado?). Além disso, no campo específico da pesquisa educacional, os esforços de investigação enfrentam um problema adicional: sem dispor de um estatuto epistemológico próprio, a pedagogia e os pedagogos vêm-se praticamente compelidos a realizar análises

pluridisciplinares do fenômeno da violência sem dispor de treinamento sólido nessas respectivas áreas (psicologia, sociologia, história, direito, etc...). Resulta daí uma multiplicação de “olhares” pouco embasados cientificamente e sobrecarregados em termos normativos.<sup>1</sup>

Não obstante tudo isso, o fenômeno da violência impõe-se como problema crucial para os cidadãos em geral e para a comunidade escolar em particular e, por isso, torna-se necessário intensificar os estudos sobre essa temática.

O presente estudo foi inspirado por uma enquête exploratória que desenvolvemos no âmbito de um curso de especialização e que visava comparar a percepção de alunos de escolas públicas e particulares acerca da violência escolar.<sup>2</sup> O principal mérito atribuído àquela enquête pelos examinadores da monografia final foi ter conseguido levantar dados referentes aos dois tipos de escola, dado que as escolas particulares raramente autorizam a pesquisa do fenômeno da violência no seu âmbito. Conforme veremos em maior detalhe no capítulo primeiro desta dissertação (referencial teórico), mesmo instituições prestigiosas como a UNESCO acabaram restringindo a pesquisa sobre o fenômeno da violência no Brasil ao contexto das escolas públicas em função dessa dificuldade de levantar dados no âmbito das escolas particulares. Infelizmente, contudo, os dados levantados pela referida enquête apresentavam notável fragilidade, seja técnica (amostragem precária), seja teórica (refletida na superficialidade dos indicadores).

A pesquisa, cujos resultados ora apresentamos, procurou vencer a debilidade do estudo anterior. Para isso, além da comparação entre os dois *tipos básicos de escola* (pública-particular), acrescentamos duas outras variáveis-chaves à investigação: o *ambiente social* onde a escola está localizada e o *estilo de vida dos jovens*, determinado pelo uso que os jovens fazem de seu tempo livre. Trata-se, ainda, de um estudo de *percepção* sobre o fenômeno da violência, o que sempre suscita a dúvida sobre a *realidade mesma* do fenômeno estudado (particularmente dado ao “segredo”). Entretanto, no que valha como argumento em favor dos estudos de percepção nessa área, cabe notar que estudos feitos com o auxílio de um detector de mentiras sugeriram a

---

<sup>1</sup> Sobre os problemas de interação entre a pedagogia e as ciências sociais, confira-se GOMES, Cândido.

<sup>2</sup> SANTOS, Leandro G., 2005. **A percepção de alunos sobre a temática da violência escolar: um paralelo de uma escola da rede pública e outra da rede particular**. Curso de Especialização em Administração da Educação, UnB. Brasília, 2005. Monografia.

fidedignidade das respostas no caso de violações auto-assumidas, especialmente no caso de delitos de menor gravidade.<sup>3</sup> Tanto a justificativa teórica das variáveis-chaves utilizadas na pesquisa quanto os critérios empregados na operacionalização das mesmas serão apresentados a seguir.

Esperamos sinceramente que os resultados da presente investigação sirvam para aumentar a capacidade decisória da comunidade escolar no trato de um problema tão crucial quanto incompatível com a atividade educacional como é a violência.

\* \* \*

---

<sup>3</sup> Sobre a confiabilidade dos estudos de violações auto-assumidas, confira-se ILANUD - Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente. *O dia a dia na vida das escolas (Violações Auto Assumidas)*, São Paulo, 1999.

## 1. CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO

---

Antes mesmo de saber o tamanho do problema da violência em determinado contexto social, em termos empíricos, e identificar as suas principais causas, os estudiosos enfrentam dificuldades na própria conceituação desse fenômeno.

### 1.1. Violência: um conceito polissêmico

---

Não é fácil definir violência. O termo tem origem na palavra latina *violentia*, derivada de *vis*, que quer dizer força. Nesse caso, a violência seria uma intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de alguém ou de outro grupo. Lexicalmente, contudo, violência significa ato de constrangimento não apenas físico, podendo ser também moral.

As dificuldades em definir o termo violência são reconhecidas por pesquisadores de áreas distintas, tais como da Psicologia, Ciências Sociais e Educação (Costa, 1999; Porto, 2000; Camacho, 2001; Ristum & Bastos, 2004). As diferentes formas de se manifestar e as múltiplas significações atribuídas à violência constituem fatores relacionados aos problemas conceituais com os quais os estudiosos do tema se deparam constantemente.

No âmbito das teorias gerais da “natureza humana”, destacam-se, por exemplo, as teses de Freud e Girard.

Freud (1997) analisa a violência como sendo algo inato no ser humano, ou seja, nascemos com ela. Para ele,

“A existência da inclinação para a agressão, que podemos detectar em nós mesmos e supor com justiça que ela está presente nos outros, constitui o fator que perturba nossos relacionamentos com o nosso próximo e força a civilização a um tão elevado dispêndio [de energia]”.

Para Freud (1997), “os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas, mas sim, criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade”. Fazendo um contraponto com a visão dos comunistas, Freud relata que, para estes:



“(...) o homem é inteiramente bom e bem disposto para com seu próximo, mas a instituição da propriedade privada corrompeu-lhe a natureza. A propriedade da riqueza privada confere poder ao indivíduo e, com ele, a tentação de maltratar o próximo, ao passo que o homem excluído da posse está fadado a se rebelar hostilmente contra seu opressor”.

Porém, Freud argumenta que a agressividade reinou desde os tempos primitivos e que, sem dúvida alguma, não foi criada pela propriedade privada, o que reforça ainda mais a sua tese da violência como sendo algo inato no ser.

Para Girard (1990), “a violência é de todos e está em todos”. De acordo com o autor:

“Enquanto a violência permanece presente entre os homens e enquanto constitui um objeto de disputa ao mesmo tempo total e nulo, nada poderá imobilizá-la” (p.186).

Esta questão da disputa é discutida por Michaud (1989), o qual faz uma análise das idéias de Girard:

“(...) para Girard, desde que eu desejo alguma coisa, meu desejo assinala o objeto para um rival que por sua vez o deseja. O desejo é por natureza mimético, sempre em busca de um modelo. A *mimesis* (o movimento da imitação) do desejo engendra, assim, o conflito. Por uma inversão previsível, a violência torna-se então “o significante do desejável absoluto”: se há violência é porque o objeto é desejável”.

Costuma-se afirmar que a violência é algo “irracional”, porém, no entender de Girard (1990), não lhe faltam razões “quando quer irromper”. E quando a violência não é saciada, ela busca uma “vítima alternativa”. Ainda, segundo o autor:

“Parece que sempre chega um momento onde só é possível opor-se à violência com uma outra violência; nesta ocasião, pouco importa ter sucesso ou fracassar, pois é sempre ela quem ganha. A violência tem extraordinários efeitos *miméticos*, tanto diretos e positivos quanto indiretos e negativos. Quanto mais os homens tentam controlá-la, mais fornecem-lhe alimentos; a violência transforma em meios de ação todos os obstáculos que se acredita colocar contra ela. Assemelha-se a uma chama que devora tudo o que se possa lançar contra ela para abafá-la.”

Consoante Vasconcelos e Costa (2005), a violência “é um fenômeno social decorrente de processos macrossociais e das características subjetivas individuais da vítima e do agressor que se articulam e interagem de forma dinâmica”. Os níveis institucional, estrutural, individual e interpessoal devem ser considerados para a explicação da violência. Esses autores fazem uma diferenciação entre violência e crime, sendo que o primeiro refere-se a fenômenos sociais,

enquanto crime está ligado a comportamentos tipificados na legislação penal, sendo assim um conceito jurídico. Concluem que as violências não se reduzem à criminalidade e nem todos os crimes correspondem a comportamentos violentos nem todo comportamento violento é tipificado pelo Estado como crime.

No entanto, há outra concepção que define violência como ação de reação, de defesa e auto-defesa. A sociedade nos leva a crer que podemos alcançar tudo o que almejamos, o que de fato não ocorre. Essa frustração leva-nos à angústia, que pode culminar na violência (Charlot, 2002).

O ato violento pode ser compreendido como sendo “a expressão da imposição das necessidades, expectativas e vontades de um ator social sobre as necessidades, expectativas e vontades de um outro ator” (Almeida, 2005, p.234).

Para Touraine (1992), a violência é a expressão da exclusão social e um dos maiores fenômenos do nosso tempo, decorrente das crises e do desaparecimento dos controles sociais, políticos e econômicos.

Michaud (1989, p.10-11) afirma que:

“Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.”

Entre as várias formas pelas quais a violência se realiza, para Itani (1998), “as mais nocivas abrigam-se na legalizada” (como exemplo, a violência policial) e “institucionalizada” (ação dos agentes educativos), consideradas quase invisíveis aos olhos do cidadão. A violência, segundo a autora, “se institucionaliza pela reprodução da desigualdade como algo natural”.

Segundo Costa (1999), o conceito de violência varia de acordo com a cultura, a sociedade e o momento histórico de seu enfoque. Portanto, do ponto de vista acadêmico, definir violência não é considerada uma tarefa simples, visto que o conceito em questão abarca uma diversidade de concepções e visões de mundo.

“A violência pode ser definida como o ato de violentar, determinar dano físico, moral ou psicológico através da força ou da coação, exercer opressão e tirania contra a vontade e a liberdade do outro” (Amoretti, 1992, p. 41).

Em consonância com Adorno (1995), “a sociedade permanece baseada na força física, conseguindo impor suas determinações quando é necessário somente mediante a violência física, por mais remota que seja esta possibilidade na pretensa vida normal”.

Em um estudo sobre as abordagens funcionalistas ligadas ao fenômeno da violência, Michaud (1989) faz uma importante citação de Coser<sup>4</sup>.

“A violência de um conflito que ameaça desagregar o consenso básico de um sistema social está ligada à rigidez da estrutura. Não é o conflito enquanto tal que ameaça o equilíbrio dessa estrutura, mas a rigidez que permite que as hostilidades se acumulem e se concentrem numa única linha de separação quando o conflito eclode”.

Para os atores sociais, a violência, segundo Michaud (1989), é uma opção possível sob vários aspectos: “como comportamento desviante a serviço da busca de fins socialmente legítimos” (aqueles que procuram fazer fortuna), como comportamento rebelde para mudar os fins ou os meios socialmente reconhecidos.

Sob a ótica da concepção marxista, “não é o emprego da violência que produz as transformações sociais”, mas são estas transformações que passam pela violência (Michaud, 1989). A ação violenta, por si só, não promove mudanças. É preciso que estejam reunidas as condições econômicas e sociais, já que a violência “é determinada pelo estado econômico e não o contrário”.

Podemos relacionar a seguinte afirmação de Michaud (1989) com as idéias de Freud: “a agressividade é própria do homem bem como dos outros animais. Tal instinto pode ter sido adaptativo nos primeiros homens, mas uma vez que estes começam a dominar o meio ambiente, a se assenhorear das técnicas e a formar grandes grupos, o instinto torna-se nocivo”.

---

<sup>4</sup> Coser (L.A.), *The functions of social conflict*, New York, Ter Free Press, 1956, e *Continuities in the study of social conflict*, New York, The Free Press, 1967, trad. franc. Dos dois textos: *Les fonctions du conflict social*, Col. “Sociologies”, Paris, PUF, 1982.

Num estudo de conduta anti-social ou agressiva, Martins (2005) cita Loeber & Hay<sup>5</sup> (1997, p.373), os quais definem este tipo de conduta como sendo “aquela que inflige dano físico ou psicológico ao outro; e/ou perda ou dano de propriedade, podendo ou não constituir uma infração às leis vigentes”.

Na medida em que a discussão conceitual acerca da violência aproxima-se do ambiente escolar, as reflexões acerca do chamado *bullying* ganham crescente destaque. O termo pode ser definido como “vitimização e/ou intimidação entre pares ou por maus tratos entre iguais” (Martins, 2005).

Os autores Collel e Escudé (2002) fazem uma citação do norueguês Olweus (1983)<sup>6</sup>, estudioso do fenômeno da vitimização no ambiente escolar, que denomina como sendo *bullying*:

“... una conducta de persecución física y/o psicológica que realiza un/a alumno/a contra otro/a, al que elige como víctima de repetidos ataques. Esta acción, negativa e intencionada, sitúa a la víctima en una posición dela que dificilmente puede salir por sus propios medios. La continuidad de estas relaciones provoca en las víctimas efectos claramente negativos: descenso de la autoestima, estados de ansiedad e incluso cuadros depresivos, lo que dificulta su integración en el medio escolar y el desarrollo normal de los aprendizajes”.

A repetição do comportamento, ou pelo menos a ameaça de que pode voltar a repetir-se, a intenção de prejudicar ou magoar o outro, o abuso de poder que alguém exerce sobre outra pessoa e a situação de vulnerabilidade da vítima são aspectos que, para Martins (2005), parecem comuns às definições de *bullying* trazidas por vários estudiosos.

Para Collel e Escudé (2002), o maltrato entre iguais pode tomar diferentes formas e utiliza, como categorias de diferenciação, o maltrato físico, o maltrato verbal, o maltrato misto (físico e verbal) e a exclusão social.

---

<sup>5</sup> LOEBER, Rolf & HAY, Dale (1997). Key issues in the development of aggression and violence from childhood to early adulthood. Annual Revue of Psychology, 48, pp. 371-410.

<sup>6</sup> Olweus, D. (1983). Low school achievement and aggressive behaviour in adolescent boys. En D. Magnusson y V. Allen (Eds.). Human development. An interactional perspective. New York: Academic Press, pp. 353-365. Os estudos sobre o bullying são relativamente recentes (final dos anos 70), através dos estudos empíricos de Olweus.

Estudos feitos por estes autores afirmam que a faixa etária de maior incidência de condutas de *bullying* varia entre os 11 e 14 anos e que os meninos utilizam mais as formas diretas de abuso (pegar, armazenar, insultar), enquanto as meninas usam em maior medida as formas indiretas (falar mal de alguém).

Há, segundo Collel e Escudé (2002), quatro protagonistas na dinâmica do *bullying*: o agressor, a vítima, os companheiros e os adultos (pais e mães). Um *círculo de vitimização* pode ser criado por um ou mais indivíduos que faltam com o respeito ou hostilizam um ou mais pares. O processo, em muitos casos, ocorre de maneira progressiva, podendo atingir proporções mais graves (como a agressão física), fazendo com que a vítima dificilmente saia desse círculo sem a interferência ou ajuda externa.

Dois tipos de vítima são constantemente observados, conforme Collel e Escudé (2002): a vítima clássica, considerada como sendo “fisicamente débil”, com poucos amigos e que reforça as atitudes do agressor pela sua fragilidade (Hodges y Perry, 1996)<sup>7</sup> e a vítima provocadora que é agredida pelo fato de apresentar alguma diferença física do grupo (corpo, vestido, altura, etnia) ou maneiras de ser e de pensar próprias que diferem da maioria (Espelage et al.1999)<sup>8</sup>.

## **1.2. As causas da violência: causalidade múltipla e mal determinada empiricamente**

A falta de consenso com respeito à definição da violência estende-se às tentativas de identificar quais são as principais causas da violência juvenil, em geral, e a violência escolar, em particular.

Em seu consagrado “Transgressão e Controle”, Cohen (1968) busca uma teoria geral do comportamento socialmente desviante. Para ele, onde existem regras, existem transgressões. E “nem toda transgressão é necessariamente destrutiva para a organização”, podendo, de outro lado, trazer-lhe aspectos negativos.

---

<sup>7</sup> Hodges, E.V.E. and Perry D.G. (Fall, 1996). Victimization is never just child’s play. National School Safety Center News Journal, 4-7.

<sup>8</sup> Espelage, D., Asidao, C.S., and Vion, S. (1999). APA’s 1999 Annual Convention, aug 20-24 Boston. [www.apa.org/monitor/oct99/cf3.html](http://www.apa.org/monitor/oct99/cf3.html).

De acordo com esse autor, os sistemas de organização social impõem uma disciplina a seus membros, especificando os objetivos e os meios possíveis de serem empregados. Porém, existem pessoas que, por um motivo ou outro, sentem a necessidade de romper estas regras e se estas forem rigorosamente impostas podem trazer sérias conseqüências para uma determinada organização, gerando insatisfação, descontentamento e frustração. E Cohen (1968) cita um dos trabalhos desenvolvidos por Dollard<sup>9</sup>, o qual afirma que essa frustração geralmente provoca a agressão.

Cohen (1968) descreve a pergunta feita em um de seus trabalhos<sup>10</sup>: “por que a delinqüência é desproporcionalmente freqüente entre os jovens da classe inferior?”.

De acordo com Cohen, “as crianças de classe inferior têm mais probabilidade de sentir fracasso e humilhação”. No jogo em que vivem, os outros jovens são, em geral, os “vencedores” e elas as “vencidas e insignificantes”. Repudiar o jogo e sair dele, não reconhecendo suas regras, pelo contrário, construindo outras é a forma que estes jovens de classe inferior dispõem para enfrentarem o problema.

Muitas teorias já foram propostas para explicar por que os comportamentos violentos atingem auge nos anos da adolescência. Debarbieux e Blaya (2002) descrevem algumas destas teorias, como a associação dos comportamentos aos níveis de testosterona nos jovens do sexo masculino, que aumentam durante a adolescência e os primeiros anos da idade adulta, diminuindo a partir daí. Outra teoria dá ênfase à importância das influências sociais, em que os jovens adolescentes vão gradualmente se libertando do controle dos pais e passam a serem influenciados por amigos.

A falta de dinheiro, pais desajustados e divórcios são também fatores que podem estimular um comportamento negativo por parte da criança, e/ou do adolescente no ambiente escolar.

---

<sup>9</sup> John Dollard, Leonard W. Doob, Neal E. Miller, O. H. Mowrer, e Robert R. Sears, *Frustration and Aggression*.

<sup>10</sup> Albert K. Cohen, *Delinquent Boys: The Culture of the Gang* (Glencoe, Ill.: The Free Press, 1955).

Os fatores de risco – psicológicos, familiares, sócioeconômicos e de vizinhança – assim como os fatores circunstanciais – explicam por que o potencial de violência se atualiza em determinadas situações – influenciam essencialmente o desenvolvimento a longo prazo do potencial para a violência apresentado por um indivíduo.

Shoemaker (1996) analisa o surgimento e disseminação do problema da violência nas escolas sob três enfoques teórico-explicativos: estrutural, individual e institucional. Esses três enfoques não se excluem, mas se complementam.

O enfoque estrutural considera que a problemática da violência nas escolas é decorrente de um processo natural de uma crise estrutural ampla na sociedade. Para solucionar o problema nas escolas, é preciso resolver a violência como um todo.

O enfoque individual atrela a problemática da violência nas escolas a aspectos de personalidade, hereditários e biológicos dos indivíduos agressores. É preciso uma análise da história de vida das pessoas.

O enfoque institucional analisa não apenas o desdobramento de uma crise estrutural na sociedade, mas também em que o contexto pedagógico pode interferir no surgimento de tais questões.

Segundo Silva (2004), a violência escolar é um fenômeno resultante da confluência de múltiplos fatores (internos e externos), entre os quais estão: o contexto familiar - no qual o sujeito é criado e educado -, a escolaridade, as relações interpessoais, o contexto social comunitário, os meios de comunicação de massa, os fatores relacionados ao desenvolvimento geral dos países, as políticas que não atendem na medida do necessário às necessidades dos cidadãos e as deficiências na relação entre profissionais da educação/alunos/comunidade.

A reivindicação por parte de vários alunos de que as metodologias de ensino precisam ser mais dinâmicas acarreta a crença de que a escola parou no tempo, não incorporando, nem acompanhando as inovações e as mudanças tecnológicas dos últimos anos. E, para obterem a

atenção do alunado, muitos profissionais do ensino recorrem à imposição da disciplina. Medidas disciplinares severas e castigos podem também interferir na propagação de atos de violência nas escolas.

Para Leão (2000), a escola, “(...) ao instituir um sistema de notas e avaliações que concentra um grande poder nos professores, muitas vezes utilizado como forma de coação sobre os alunos, pode estar contribuindo para produção e reprodução de atos violentos. O “fracasso” nas avaliações alimenta sentimentos de injustiça e práticas de auto-afirmação muitas vezes ancoradas em formas de resistência violenta e frontal”.

A escola torna-se o alvo de uma parte da violência dos jovens: aqueles que ela exclui prematuramente. Então, a instituição é tentada a restabelecer uma repressão feroz, mas logo se dá conta de que se rompeu o antigo equilíbrio e de que as técnicas de poder, outrora eficazes, agora põem “lenha na fogueira”.

Importa igualmente trabalhar para limitar a parte da violência simbólica e física que os adultos exercem sobre as crianças, sobre a escola, sobre os alunos e sua família. A violência não são apenas golpes, ferimentos, furtos e depredações. É a agressão à liberdade de expressão, de movimento, de comportamento. A obrigação escolar é uma violência legal, que se traduz todos os dias por coações físicas e mentais muito fortes. A escola não é só o lugar onde explode a violência de uma parte dos jovens; ela participa da sua gênese, exercendo sobre eles uma formidável pressão.

Essa pressão está inserida no próprio princípio da escolaridade obrigatória, e os professores não a inventaram por conta própria. Todavia, eles se somam a ela, pois instaurar certa disciplina é para muitos uma condição de sobrevivência profissional, no mínimo tanto quanto uma opção educativa.

Um outro fator que pode ser muito importante é um dado levantado por uma pesquisa realizada pela UNESCO, em 1997, na qual mais da metade (58,3%) dos profissionais da educação afirmaram que o Distrito Federal não oferece aos jovens melhores oportunidades de



sucesso que outras capitais, pelo fato de o seu mercado de trabalho da cidade ser restrito, por não possuir indústrias. Essa falta de perspectiva torna-se uma variável importante, a partir do momento que se verifica no próprio ambiente escolar um desestímulo por parte dos professores (Waiselfisz, 1998).

As agressões, atitudes incoerentes, ameaças por parte dos alunos podem ter origem de vários aspectos e a família é uma das origens de inúmeros casos evidenciados no cotidiano das escolas. O estudo de Rodrigues (1998) conclui que a atribuição causal da violência na escola é imputada à família. O “desajuste familiar”, a “falta de autoridade dos pais” e a “falta de diálogo familiar” foram alguns dos dados mais relevantes obtidos na pesquisa.

Vários estudiosos chamam a atenção para o fenômeno da naturalização da violência entre os jovens e reclamam da divergência de valores e interesses entre eles e os alunos. Consideram ineficazes as tentativas para modificar valores por meio de sua prática de ensino e atribuem principalmente à família as causas do comportamento violento dos jovens. Consoante Silva (2004),

“... ao fazer isto – culpar a família como a grande responsável pela indisciplina e pela violência das crianças na escola – os educadores não contribuem, em nada, para resolver o problema (p.157)”.

Examinemos o seguinte caso: por que um filho de um juiz mataria um índio, considerando que, por estar dormindo em uma parada de ônibus, seria um mendigo? O que leva um jovem de classe média a cometer tal delito?

Primeiramente, cita-se uma hipótese que pode ser considerada real em vários casos como o que estamos analisando. A mãe, considerando o aumento do acesso das mulheres ao mercado de trabalho, encontra-se na mesma situação do pai. O filho, desde cedo, vai para a creche, depois para a escola, chega à adolescência. E o que percebemos? A ausência dos pais. Isso é discutido por Silva (2004), que assevera o seguinte:

“... a fim de garantir minimamente a sobrevivência física, os pais são obrigados a trabalhar fora para sustentar ou ajudar no sustento da família. Como o salário que recebem é insuficiente até para a garantia das três refeições diárias, os filhos são totalmente abandonados à sua própria sorte ou, no máximo, cuidados pelo irmão ou pela irmã mais velha (p.97)”.

Os novos papéis da mulher, para Elzo (2004), potencializam a aparição de novos modelos de família. De forma objetiva, a família exerce um papel preponderante no processo da formação e do desenvolvimento do indivíduo enquanto pessoa. Imposições de limites e medidas a serem tomadas na hora certa sempre são cabíveis em uma relação entre pais e filhos (Elzo, 2000).

A família, para Damatta (1997), é “a unidade mais importante e o sujeito da maioria dos processos sociais básicos de um sistema”. Porém, essa instituição foi historicamente perdendo funções, transferidas para outros tipos de instituições, dentre elas a escolar, que tem como algumas das funções: transmissão do saber acumulado, transformação do indivíduo em cidadão, preparação para o trabalho, formação moral e ética.

Uma pesquisa intitulada “A Voz dos Adolescentes”, realizada pela UNICEF em 2001/2002, obteve um importante dado: a família foi considerada por grande parte dos respondentes como sendo a instituição responsável pela garantia dos seus direitos.

O estudo promovido por Megías<sup>11</sup> e citado por Elzo (2004), junto a jovens espanhóis, revela que as boas relações familiares foram apontadas por esses adolescentes como sendo o mais importante aspecto/valor na vida, entre opções, como a busca de bem-estar, autonomia, religião e política.

Elzo (2000) alega que a família é uma instituição muito valorizada pelos adolescentes e jovens. Essa valorização positiva pelos jovens vem aumentando. A comunicação entre os membros da família é fundamental para que haja maior proximidade/confiança entre pais e filhos. Discutir sobre a origem e o fim da vida, a razão de ser da nossa existência, uma frustração amorosa, um encontro sexual fracassado são temas que elevariam o nível de conversação entre pais e filhos.

Outro estudo desenvolvido por Elzo em 1999<sup>12</sup> sustenta ainda mais a sua defesa em favor da importância da família. Nessa pesquisa, jovens espanhóis consideram que é em casa, na

---

<sup>11</sup> E. Megías (dir.) (2001). *Valores sociales y drogas*. Madrid: FAD, pág. 55.

<sup>12</sup> Jóvenes españoles 99 (pág. 125). Madrid: Fundación Santa Maria. Ed. S. M.

família, onde se encontram as coisas mais importantes enquanto idéias e interpretações do mundo. Em segundo lugar, os jovens apontaram “entre os amigos”.

A violência que ocorre em casa ou no bairro/rua pode afetar a construção da identidade do jovem. Para Damatta (1997), *casa* e *rua* são duas categorias sociológicas fundamentais para compreender-se a sociedade brasileira de uma maneira global: não designam simplesmente espaços geográficos, mas esferas dotadas de ação social e entidades morais.

Damatta (1997) verificou que o discurso dominante é muito mais da “rua” do que da “casa”. Torna-se cada vez mais difícil viver em uma sociedade onde se tem uma cidadania em casa e outra, “tremendamente negativa”, na rua.

“O Pai é a rua, o Estado e o universo implacável das leis impessoais. O Filho é a casa com suas relações calorosas, sua humanidade e seu sentido da pessoa feita de carne e osso. E, finalmente, o Espírito Santo é a relação entre os dois, o “outro lado” do mistério. A virtude que fica no meio – em cima de um muro!” (Damatta, 1997, p.26).

Expõe-se a idéia do referido autor de que, se a casa é um espaço de calma e hospitalidade, a rua é um espaço definido precisamente ao inverso. Assim, gera-se a pergunta: “O que acontece quando o indivíduo sai de casa e vai para o mundo da rua e seu universo de relações impessoais?”.

Queiroz (1999) realizou um importante estudo sobre as diferenças de percepção da violência entre atores da comunidade escolar (professores, alunos e pais).<sup>13</sup> Em termos gerais, ele verificou que a violência se expressa no contexto escolar principalmente sobre a forma de “provocações, desrespeito às pessoas e agressões verbais”, indicando, assim, uma violência de caráter mais relacional. Existem nuances importantes no seio da comunidade escolar. Os professores, por exemplo, apontam índices mais alarmantes de violência do que os alunos e os pais. Pais e professores, por outro lado, tendem a enfatizar os ataques contra o patrimônio mais

---

<sup>13</sup> QUEIROZ, Edmar. **Ocorrência e causas da violência na escola, segundo a percepção de uma comunidade escolar**. Universidade de Brasília, Brasília, 1999. Dissertação de Mestrado. A pesquisa foi realizada em uma escola pública de Ceilândia-DF por meio da aplicação de um questionário padronizado junto a uma amostra representativa de professores, alunos de 5ª a 8ª séries e seus respectivos pais.

do que os alunos. Além disso, Queiroz realizou um levantamento sistemático das causas atribuídas à violência escolar entre os estudiosos do fenômeno no Brasil. O Quadro 1 sumariza as principais causas apontadas pelos respectivos autores.

**Quadro 1 - Causas típicas da violência nas escolas, segundo a literatura revisada**

<i>AUTORES</i> ⇒  <i>ATRIBUIÇÃO CAUSAL DA VIOLÊNCIA</i> ↓	ZALUAR	PAIVA	CARDIA	PERALVA	FUKUI	GUIMARÃES (1)	WASELFSZ	GUIMARÃES (2)	Causas típicas *
• Atração pelo consumo associada ou não ao desemprego	X	X	X						1
• Miséria/pobreza		X	X						1
• Entrada no mercado das drogas			X						1
• Más condições de vida nos bairros pobres			X						1
• Contexto econômico						X			1
• Quebra da sociabilidade comunitária	X								2
• Mudanças nos padrões morais (mais liberdade sexual)/ exposição ao sexo		X							2
• Consumo como forma de atrair as meninas		X							2
• Incapacidade da família para expressar uma perspectiva de futuro		X						X	2
• Falta de referências do que é ser bem sucedido			X						2
• Ambiente familiar/desestruturação familiar/ violência doméstica			X			X			2
• Meios de comunicação						X			2
• Professores afirmam haver falta de civilidade por parte dos alunos/ conflitos nas relações interpessoais/desvalorização do diálogo			X				X		2
• A formação de galeras juvenis								X	2
• Pauperização da escola	X								3
• Ausência de políticas públicas		X							3
• Escolas depredadas/más condições/abandono dos prédios escolares			X		X				3
• Ociosidade e falta de iluminação dos espaços					X				3
• Permissividade na educação das crianças	X								4
• Incompletude nos estudos		X							4
• Falta de controles, limites e normas de comportamento nas escolas/ ausência de punições / perda de autoridade do professor/escola			X	X			X		4
• Resistência: ao julgamento escolar/ resistência à uniformização escolar				X		X			4
• Restrição à utilização das escolas pela comunidade					X				4
• Evasão escolar					X				4
• Uniformização imposta pela escola						X			4
• Violência do mundo externo								X	5
• Falta de carinho						X			5

Fonte: Queiroz, E. (1999).

1. GUIMARÃES (1996) e 2. GUIMARÃES (1998)

\* Na tabela, as causas típicas estão representadas da seguinte forma: 1. Desigualdades de classe; 2. Socialização familiar e cultural; 3. Atuação do governo; 4. Atuação da escola. Algumas explicações que não se encaixam em nenhum dos fatores propostos são agrupadas em nº 5.

Vale ressaltar que praticamente nenhum dos estudos analisados para compor o Quadro 1 tem por base uma coleta sistemática de dados primários ou secundários. As próprias pesquisas que autodenominam aí qualitativas, em verdade a maioria, pouco dizem sobre a sistemática de coleta, registro e análise dos dados sobre os quais supostamente as teses apresentadas descansam.

Mediante análise fatorial, Queiroz (1999) estabeleceu um paralelo entre as causas da violência escolar apontadas pela literatura especializada e as causas apontadas pela própria comunidade escolar. Conforme se verifica na Tabela 1, a comunidade escolar identifica a má formação familiar e a inoperância do governo como os principais determinantes da violência escolar.

**Tabela 1 – Causas da violência escolar atribuídas pela própria comunidade**

**Índice de causas da violência por atores da comunidade escolar: médias e desvios padrão**

Tipo de ator		Atuação da Escola *	Desig. Social *	Atuação do Governo *	Educação Familiar/Cultural *
aluno	M	3,6964	3,2693	3,7729	3,8175
	DP	,6119	,5570	,5267	,5561
professor	M	3,1722	3,3700	3,5641	4,0952
	DP	,5486	,5530	,5013	,3937
pais ou responsáveis	M	3,9935	3,5162	3,8997	4,1763
	DP	,5228	,5757	,5484	,5892
Total	M	3,6729	3,3102	3,7669	3,8930
	DP	,6287	,5634	,5318	,5615

Sig. a 0,05.

Fonte: Queiroz, E. (1999)

Segundo Araújo (2002, p. 123),

“... a escola poderia ser o local do aprendizado dessa negociação. Como não tem se prestado a isso, os conflitos têm se exacerbado a ponto de ficarem inegociáveis, dando, assim, espaço para a violência explícita”.

Sobre as diferentes manifestações da violência na escola, a pesquisa de Candau (1999) informou que a maioria dos professores apontou brigas e agressões verbais entre alunos como sendo as mais frequentes; o restante acrescentou as agressões e as ameaças verbais entre os adultos (professores e funcionários) que trabalham nas escolas e os alunos.

A violência por parte dos professores, diretores e demais agentes que participam diretamente das atividades de gestão na escola deve também ser enfatizada. Eis uma afirmação de Epitácio, 15 anos, morador da Vila da Luz, em Belo Horizonte, recolhida por Araújo (2002, p. 135):

“Se eu tivesse um revólver eu metia bala nele [no coordenador] de raiva. Tá ali todo mundo jogando pingue-pongue, eu tô lá, ele vai e dá um tapa na cabeça. Um dia eu tava jogando, ele veio e me deu um tapa na cara, só tá fazendo eu passá vergonha, eu tô com vontade de pegar ele”.

Muitos jovens das escolas públicas apontam, como principais problemas, a falta de respeito, ausência e autoritarismo dos professores para com os alunos, além da falta de incentivo, a maneira como os professores ensinam, refletindo de forma negativa na relação entre professor-aluno. A precariedade do estado físico de alguns estabelecimentos também é ponto questionado.

“Tem professor que entra na sala e se você respira, ele faz um escândalo. Pergunta se alguém tem dúvida, você responde que sim e ele diz que é problema meu, vira, ri, faz aquela gracinha. Aí a pessoa fica com medo”(entrevista com grupo de alunos da rede pública de ensino de Brasília, Waiselfisz, 1998, p. 57).

As humilhações e o abuso de autoridade por parte dos profissionais de ensino adquiriram a significação de violência. O abuso de autoridade manifesta-se também pelas punições, advertências, suspensões e expulsões.

“Outro dia a professora me desacatou dentro da sala de aula, ela veio me chamar de cretino, de idiota. Não só eu, vários meninos. Partiu dela, ela começou a xingar todo mundo de cretino, idiota, ela xinga qualquer um. Eu tomei suspensão, ela não”(entrevista com grupo de alunos da rede pública de ensino de Brasília, Waiselfisz, 1998, p. 63).

Para Itani (1998), os professores vivem a experiência da desmoralização do seu trabalho, com baixos salários e más condições laborais, e podem ser co-autores de atitudes discriminatórias contra os alunos.

A problemática das drogas também é evidenciada:

“Aqui nessa escola tinha um professor, o bicho era muito doido. Ele ficava direto jogando indiretas, cansava de sair com a galera para cheirar pó, encontrava, marcava, era maconha também. Um dia ele me perguntou onde tinha uma boca no Paranoá, e eu expliquei para ele onde era” (entrevista com aluno que mora na periferia e estuda no Plano Piloto, Waiselfisz, 1998, p. 64).

Um estudo realizado por Silva (1995) em um conjunto de escolas do Município de São Paulo, sobre a percepção que alunos, professores e direção têm em relação à violência urbana e escolar, atesta que os alunos afirmaram que existe uma tendência das pessoas copiarem os programas da televisão. Isso é preocupante, pois mostra o poder da mídia eletrônica nas atitudes, comportamentos e até mesmo na construção dos valores sociais, podendo ser um dos fatores que determinam a ocorrência da violência nos mais diversos segmentos, entre eles, a escola.

A violência nas escolas acarreta, por exemplo, expulsões de alunos da instituição. Estudiosos, tais como Queiroz (1999) e Silva (2004), asseveram que as principais razões para as expulsões são agressão física, comportamentos que perturbam o aprendizado dos demais alunos, comportamentos de intimidação e ameaças, uso de drogas e roubo.

A evasão e a repetência estão presentes no sistema escolar há décadas, demonstrando que o Estado, além de não garantir acesso à escola pública para todos, não garante também a permanência dos alunos com qualidade.

Segundo pesquisa da UNESCO, os profissionais da educação atribuem como principal razão para o rendimento escolar insatisfatório o desinteresse, a apatia e a falta de motivação dos alunos (70,1%). 92,3% das entrevistas registraram o ato de não obedecer ao professor como sendo o principal na percepção desses profissionais sobre problemas de conduta dos alunos na escola (Waiselfisz, 1998).

Baseado em Silva (2004), “os professores, em sua maioria, não estão preparados para lidar com as crianças e os adolescentes”. Muitos docentes têm dificuldade em lidar com alunos oriundos de classes economicamente diferentes, por exemplo. Vale ressaltar também o distanciamento entre os conteúdos curriculares e a vida cotidiana, demonstrando descontextualização e apatia do processo de aprendizagem, por meio do desinteresse.

Os professores das zonas de alto risco dizem que se chocam contra um muro na comunicação: os valores humanistas que eles defendem nada evocam no espírito de uma parte dos seus alunos. O interdito da violência provoca uma reação de incompreensão ou de divertimento, alguns jovens o ouvem como uma norma caída de um outro planeta, que se refere a um jogo social que não tem mais vez no mundo em que eles vivem. É por isso que lutar contra a violência na escola é, antes de mais nada, falar, elaborar coletivamente a significação dos atos de violência que nos circundam, reinventar regras e princípios de civilização.

### 1.3. Indisciplina

---

Para Foucault (1987), a disciplina “fabrica indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. A disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos dóceis”.

“As disciplinas, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras” criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos (...) marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos...” (Foucault, 1987, p.126).

Foucault (1987) manifesta que o poder disciplinar tem, como principal função, “adestrar”, sendo que o seu sucesso se deve ao uso dos seguintes instrumentos: “o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e o exame”. A escola, assim como o exército, funcionam como instituições repressoras, fazendo com que cada indivíduo “se encontre preso numa universalidade punível-punidora”, onde as mínimas coisas são puníveis.

Martins (2005), ao discutir a questão da indisciplina, cita a proposta de Amado (2000, p.7)<sup>14</sup> e Estrela & Amado (2000, pp. 251-252)<sup>15</sup> para que se considere a indisciplina em três níveis distintos: o primeiro nível *abarca os desvios às regras de produção*, podendo incluir neste caso as conversas paralelas em sala durante as explicações do professor; num segundo nível, os conflitos inter-pares, podendo manifestar-se em comportamentos agressivos e violentos, e como terceiro nível, os conflitos na relação entre professor e aluno.

---

<sup>14</sup> AMADO, João (2000). *A construção da Disciplina na Escola*. Suportes Teórico-Práticos. Porto: Asa Ed.

<sup>15</sup> ESTRELA, Maria T. & AMADO, João (2000). *Indisciplina, violência e delinquência na escola*. Revista Portuguesa da Pedagogia, XXXIV, 1, 2 e 3, pp. 249-271.



#### 1.4. Papel da escola

---

O espaço escolar é visto por Foucault (1987) como sendo não apenas uma máquina de “ensinar”, mas também de “hierarquizar”, de “vigiar”, de “recompensar”.

Por mais restritos que sejam o seu alcance e suas possibilidades, um dos principais objetivos da escola, segundo Adorno (1995) é o de promover a “desbarbarização da humanidade”, que por sua vez é o pressuposto imediato da sobrevivência. Mas, para isso, a escola precisa libertar-se dos seus tabus, sob cuja pressão se reproduz a barbárie<sup>16</sup>. Com isso, contrapor-se à barbárie torna-se necessário, principalmente na escola.

A escola, na visão de Adorno (1995), constitui quase o “protótipo da própria alienação social”, já que é na própria escola que a criança, pela primeira vez, experimenta, de um modo “chocante e ríspido”, a “alienação”, sendo o agente dessa alienação a “autoridade do professor”.

Silva (1995) considera que a escola reflete o modelo violento de convivência social, sendo que muitos educadores “não se apercebem como violadores dos direitos dos alunos”, o que pode ser chamado de violência simbólica, pois ajuda a mascarar a violência.

De acordo com Waiselfisz (1998), “a escola preocupa-se muito em preparar o jovem para o êxito profissional e pouco em abrir espaços para compromissos sociais e em estimular uma visão crítica dos valores da modernidade”.

Para Paro (2003, p. 149), “a escola assume um papel efetivamente revolucionário na medida em que consiga levar as massas trabalhadoras a se apropriarem do saber historicamente acumulado e a desenvolverem a consciência crítica da realidade em que se encontram”.

A escola sabe que está condenada a negociar, a não usar mais a violência institucional sem se preocupar com as reações. Os professores dos estabelecimentos de alto risco não ignoram

---

<sup>16</sup> Na visão de Adorno, barbárie refere-se ao extremismo, preconceito delirante, opressão, genocídio, tortura. *As pessoas se encontram atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização* (p.155).

isso: hoje em dia, uma punição<sup>17</sup> pode provocar represálias mais ou menos diretas. Importa, portanto, que a escola se torne uma cidade em construção, na qual a ordem não está adquirida no momento em que se entra nela, mas deve ser permanentemente renegociada e conquistada.

Para Foucault (1987, p.148),

“O professor deve evitar, tanto quanto possível, usar castigos; ao contrário, deve procurar tornar as recompensas mais freqüentes que as penas, sendo os preguiçosos mais incitados pelo desejo de ser recompensados como os diligentes que pelo receio dos castigos; por isso será muito proveitoso, quando o mestre for obrigado a usar de castigo, que ele ganhe, se puder, o coração da criança, antes de aplicar-lhe o castigo”.

O diálogo é, nesse caso, fator preponderante na educação de nossos jovens. A busca de soluções, através de ações realmente educativas, e não meramente punitivas, como bem salienta Foucault, é um dos caminhos a serem tomados pela instituição escolar. Vale lembrar que esta postura deve ser tomada não apenas pelos professores, mas por todos os agentes envolvidos na escola.

## **1.5. Violência e Gestão Educacional**

---

A violência nas escolas é, atualmente, um grave problema a ser enfrentado por aqueles que trabalham na gestão educacional (Debarbieux, 2002). Os fatores que movem a violência dentro de uma instituição de ensino são tamanhos que se torna difícil a contenção ou solução por parte dos gestores, diretores, orientadores e demais membros pertencentes à comunidade escolar.

A aceitação por parte de todos de que o problema da violência deve ser eliminado, a participação dos professores, a colaboração de pesquisadores, a necessidade de incorporar as famílias, as devidas importâncias ao contexto sócio-cultural do aluno são elementos necessários para uma abordagem à violência de maneira sensata.

---

<sup>17</sup> “Pela palavra punição, deve-se compreender tudo o que é capaz de fazer as crianças sentirem a falta que cometeram, tudo o que é capaz de humilhá-las, de confundi-las: ...uma certa frieza, uma certa indiferença, uma pergunta, uma humilhação, uma destituição de posto.” (FOUCAULT, 1987. p.149).

A violência escolar tem e muita interferência no processo de trabalho de gestão educacional. Uma gestão democrática torna-se fundamental e exige a participação de todos os agentes ligados à escola (pais, alunos, professores, diretores, coordenadores, funcionários). A Administração Escolar deve estar, para Paro (2003), verdadeiramente comprometida com a transformação social, buscando objetivos que beneficiem a classe trabalhadora. Esse é um fator preponderante para a eficácia do tratamento a ser dado para a resolução do problema de violência dentro das escolas.

A luta pela democratização das escolas encontra-se no próprio processo de luta pela democratização da sociedade. E a preocupação com o provimento de um ensino de qualidade que leve em conta os interesses dos usuários deve induzir a se priorizarem formas e práticas eficazes de gestão, principalmente por parte dos diretores de ensino, articulando as práticas juntamente a toda comunidade escolar.

O diretor escolar tende a concentrar em suas mãos todas as medidas e decisões a serem tomadas no âmbito de trabalho e passa a ser visto como uma figura autoritária. E o excesso de autoritarismo pode influenciar determinadas práticas na escola, ligadas à violência.

Deve-se ter um extremo cuidado ao analisar os mais diferentes casos e situações de violência dentro da escola, em virtude dos seus diversos tipos, variações e fatores. Os gestores da educação devem-se preocupar um pouco mais acerca de tal temática, pois esta pode generalizar-se e problematizar o ambiente escolar de tal forma que se tornará difícil uma solução.

Evidencia-se este tema não somente nas escolas públicas, mas também nas de âmbito privado. O trabalho conjunto, por parte de toda a comunidade escolar, é necessário, essencial para reduzirmos tais casos e contribuirmos, contudo, para um país mais tranquilo, com menos violência.

Também nas relações entre instituições públicas e seus usuários, as práticas de violência estão presentes, a partir do próprio modelo de instituição, patrimonialista, com características de

gerenciamento autoritário, individualista, e não tendo como prevalência o atendimento ao público. A escola também reproduz esse modelo.

Talvez se tenha chegado a isso por não ter percebido que a violência está em germe na relação pedagógica, quando for relação de forças, e na coexistência em um estabelecimento de ensino, quando não se reconhecem os mesmos direitos a todos ou não se assegura o respeito a eles.

### **1.6. Propostas de Ação**

---

Muitos programas mostram-se eficazes na redução da prática de delitos, como treinamento em gerenciamento para os pais, programas pré-escolares de enriquecimento intelectual, treinamento no desenvolvimento de habilidades para as crianças, treinamento de professores, programas de combate à intimidação por colegas e programas de base comunitária.

Vista por estudiosos (Abramovay, Waiselfisz, Andrade & Rua, 1999) como sendo uma manifestação cultural, o *rap* vem se tornando um dos elementos para a construção da cidadania dos jovens, os quais transferem suas “raivas” na música, compondo letras que relatam e questionam a pobreza, a discriminação racial, a violência e outros.

A auto-estima pode ser vista como um processo básico para desarmar violências, contribuindo para dar sentidos positivos e projetos de vida aos jovens, através de atividades artísticas, esportivas e de educação para a cidadania. O resgate da auto-estima é visto pelos educadores como sendo contribuinte para o afastamento de situações de risco, do crime organizado, da violência e das drogas.

Entre as políticas públicas para a educação, tem-se de transmitir noções básicas de cidadania aos alunos, investir nos projetos político-pedagógicos e curriculares da rede pública, valorizar a arte e a cultura nas escolas, estimular debates sobre temáticas ligadas à violência, à cidadania e valores democráticos, à organização de atividades conjuntas entre jovens de diferentes classes sociais, à democratização e descentralização de equipamentos para a difusão artístico-social, a fim de evitar-se “apartheid social”.

A escola pode influenciar o seu próprio clima e a violência que ocorre dentro dos seus muros, embora não seja capaz de resolver todos os problemas, nem de compensar as desvantagens sociais. Debarbieux e Blaya (2002) afirmam que a solução para os problemas de insegurança e de violência reside na introdução de fatores organizacionais na própria escola e no sistema educacional, como: relação professor/aluno de melhor qualidade, disciplina justa e coerente, desenvolver a auto-estima dos alunos, avaliações regulares de clima interno de cada escola e do nível de violência.

De acordo com Prina (2003)<sup>18</sup>, a política para formação em violência escolar tem que oferecer aos professores uma compreensão de como a violência se desenvolve; deve fazer com que os mestres se convençam de que a educação e, mais especificamente, as escolas podem contribuir para evitar o desenvolvimento da violência; levar os educadores a intervir de forma ativa, mais do que reativa, com respeito à violência e aos comportamentos agressivos em sua escola; ajudar os professores a desenvolverem capacidades sólidas de estabelecer parcerias com os pais, sabendo que a participação dos pais tem influência considerável sobre a eficácia das intervenções dos professores; desenvolver capacidade do trabalho em equipe.

O Projeto Save (Sevilha Antiviolença Escolar) foi criado para reduzir os problemas da violência interpessoal nas escolas da Espanha. Três grandes linhas programáticas objetivam evitar a violência por meio do aperfeiçoamento da convivência: a) o programa de educação de sentimentos e emoções, a incorporar a atenção à vida afetiva e emocional dos alunos; b) o programa de gestão democrática da convivência, dando atenção à formulação e cumprimento das normas e regras que regulam a escola; c) o programa de trabalho de cooperação em grupo, com aprendizado e ensino dinâmicos, através das relações, dos diálogos<sup>19</sup>.

Ortega (2003), citando Vettenburg (1999), considera que, como prevenção da violência escolar, podemos pensar em três linhas de atuação, a saber:

---

<sup>18</sup> Anais do Seminário Internacional de Violências nas Escolas: PRINA, F. *A violência na escola: da pesquisa ao projeto, a experiência da rede européia Nova Res.* In. *Desafios e Alternativas: Violências nas Escolas*. UNESCO, 2003.

<sup>19</sup> Anais do Seminário Internacional de Violências nas Escolas: ORTEGA, R. *Programas educacionais de prevenção da violência escolar na Espanha: O Modelo Sevilha.* In. *Desafios e Alternativas: Violências nas Escolas*. UNESCO, 2003.

- prevenção primária: otimização das condições sociais que cercam o sujeito;
- prevenção secundária: ação da escola prestando assistência aos estudantes em situação de risco;
- prevenção terciária: trabalho direto com estudantes que já estão envolvidos em fenômenos de violência.

Será que a qualidade do ensino e o fato dos professores educarem bem os jovens que apresentam condutas agressivas têm relação com o bom aproveitamento escolar dos jovens e com a sua adaptação social?

Um dos grandes desafios é fazer com que o saber fazer para evitar e controlar a violência no ambiente escolar seja implantado diretamente nas escolas, nas práticas dos agentes educacionais.

Ferreira e Penna (2005) admitem a importância do papel do espaço urbano no processo de produção e reprodução da violência. Agir sobre o território “significa criar oportunidades novas”, de maneira que “os processos sociais se realizem de forma menos perversa”, evitando a formação de áreas de risco e tornando menos vulneráveis as áreas de risco já existentes.

## **1.7. Três estudos de referência**

---

Como balanço crítico do conjunto de estudos apresentados até aqui, acreditamos que os estudos sobre o fenômeno da violência escolar precisam ser melhor balizados por investigação empírica direta. Nesse sentido, decidimos direcionar o desenvolvimento de nossa própria pesquisa para o conjunto de aspectos abordados por três investigações empíricas mais recentes, cujos resultados básicos apresentamos a seguir.

### **1.7.1 As enquetes da UNESCO**

---

A UNESCO, por meio do Observatório de Violência nas Escolas, vem promovendo desde 1997 estudos e pesquisas sobre a juventude, a violência e a cidadania. Tais trabalhos

tornaram-se referência no Brasil e em outros países da América Latina. Dentre vários estudos, abordaremos particularmente dois: um artigo de Abramovay (2003), intitulado *Enfrentando a violência nas escolas: um informe do Brasil*<sup>20</sup> e um livro, que tem como um dos organizadores a referida autora, denominado “*Gangues, Galeras, Chegados e Rappers*”.

No primeiro trabalho, a autora começa tratando sobre aspectos gerais presentes no Brasil, como a desigualdade na distribuição de renda, as diferenças regionais, miscigenação, composição racial da população, o sistema educacional e o crescimento do número de matrículas de crianças e jovens ao longo dos últimos anos, apesar de todos os problemas de evasão e repetência observados.

No referido trabalho, entende-se por violência,

“(...) a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) ou de grupo(s) e também contra si mesmo, abrangendo desde suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos, homicídios e até a violência no trânsito, disfarçada sob a denominação de “acidentes”, além de diversas formas de agressão sexual e todas as formas de violência verbal, simbólica e institucional.” (Abramovay, 2003, p. 93).

A autora segue informando acerca das escolas, que se vêm tornando cenários de violência, deixando de ser espaços de integração social; das dificuldades do jovem para ingressar no mercado de trabalho; da carência dos espaços de lazer e de acesso aos bens culturais; do alto grau de exposição dos jovens às mais diferentes formas de violência; da banalização da violência.

Feita a exposição geral dos temas já descritos aqui, Abramovay inicia uma análise e descrição dos dados coletados em uma pesquisa nacional intitulada *Violência nas Escolas*<sup>21</sup> mas, principalmente, em um trabalho também de âmbito nacional intitulado *Violência, Aids e Drogas nas Escolas*<sup>22</sup>. Estas pesquisas objetivaram identificar as percepções de diferentes atores da comunidade escolar de 14 capitais brasileiras.

---

<sup>20</sup> Artigo publicado no livro *Violência na Escola: América Latina e Caribe*, 2003.

<sup>21</sup> Pesquisa coordenada pela UNESCO (Abramovay e Rua, 2002).

<sup>22</sup> Realizada em 2001 e lançada em 2002, também coordenada pela UNESCO.

A violência simbólica, a violência física e as incivildades são tipos de manifestação de violência captados pelas pesquisas.

**Tabela 2 – Proporção de alunos do ensino fundamental (5ª a 8ª) e médio, além de membros do corpo técnico-pedagógico que presenciaram o uso de drogas perto e dentro da escola**

Capitais	% de alunos que presenciaram o uso de drogas		% de membros do corpo técnico-pedagógico que presenciaram o uso de drogas	
	Perto da escola	Dentro da escola	Perto da escola	Dentro da escola
Manaus	25,7	18,6	27,1	6,2
Belém	18,6	15,7	27,8	6,7
Fortaleza	28,3	21,0	33,9	9,7
Recife	28,4	22,1	28,2	13,4
Maceió	31,8	22,8	18,4	4,4
Salvador	29,7	25,5	26,5	14,3
Vitória	30,6	22,7	23,3	10,4
Rio de Janeiro	25,8	18,6	28,9	4,6
São Paulo	41,1	24,7	43,6	13,6
Florianópolis	42,2	35,1	43,3	17,6
Porto Alegre	45,6	29,1	43,1	14,8
Cuiabá	32,8	27,0	27,1	13,7
Goiânia	31,4	21,7	33,3	13,4
Brasília	39,1	27,3	35,8	13,9
Média	33,5	23,1	30,5	10,8
N absoluto	1.551.609	1.070.393	944	336

Fonte: Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, Unesco, 2001.

Percebe-se, na tabela acima, que: os alunos das cidades do Sul do país indicaram, em maior número, que já presenciaram o uso de drogas perto e dentro das suas respectivas instituições de ensino; quanto aos membros do corpo técnico-pedagógico, também se observa um percentual acentuado de indicação de uso de drogas dentro e perto das escolas por parte de profissionais das duas cidades da Região Sul, em conjunto com São Paulo.



Os alunos indicaram com maior incidência, se comparado com os números obtidos junto ao corpo técnico-pedagógico, que já presenciaram o uso de drogas perto e dentro das escolas.

**Tabela 3 – Alunos e membros do corpo técnico-pedagógico, por capitais brasileiras, segundo relatos de violência sexual, porte de armas de fogo e/ou outras armas, e relatos de ameaças a alunos, pais, professores e/ou funcionários no ambiente da escola**

Estado	% de alunos				% de membros do corpo técnico-pedagógico			
	Viol. Sexual	Porte de Armas de Fogo	Porte de Outras Armas	Ameaças	Viol. Sexual	Porte de Armas de Fogo	Porte de Outras Armas	Ameaças
DF	9	18	15	40	20	5	10	36
GO	7	11	14	33	6	7	18	58
MT	12	17	16	38	6	8	13	41
AM	11	9	12	32	10	6	13	39
PA	5	9	12	21	5	7	10	37
CE	5	12	12	28	5	8	13	30
PE	6	12	10	27	9	8	11	48
AL	7	11	14	23	3	2	8	34
BA	9	10	12	35	4	2	14	39
ES	5	12	15	29	5	3	12	33
RJ	6	10	9	23	3	5	6	38
SP	11	15	14	40	18	7	10	50
SC	6	12	20	36	7	4	18	42
RS	9	17	16	35	7	6	19	51
Total (N)	4241396	4633301	4633301	463330	3099	311	311	3099

Fonte: Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, Unesco, 2001.

A tabela acima apresenta dados também coletados junto a estudantes e membros do corpo técnico-pedagógico. Em violência sexual, solicitou-se aos informantes que marcassem um “x”, caso soubessem de alguma ocorrência de estupro ou violência sexual dentro ou perto da escola; em porte de armas de fogo, se os pesquisados viram alguma pessoa da comunidade escolar portando arma de fogo; em porte de outras armas, se os mesmos pesquisados presenciaram algum membro da comunidade escolar portando outro tipo de arma (canivete,

porrete, faca, etc.); por último, em ameaças, se pais, alunos, professores e funcionários já foram ameaçados.

Os percentuais presentes na tabela referem-se apenas às respostas afirmativas obtidas na amostra de alunos e na amostra de membros do corpo técnico-pedagógico.

Observa-se que a violência sexual, na percepção dos estudantes de Mato Grosso, ocorre em maior frequência, sendo que no Distrito Federal, os membros do corpo técnico-pedagógico deram maior relevância à ocorrência do fenômeno, se comparado com os demais Estados.

Já em porte de armas de fogo, os estudantes do Distrito Federal indicaram com maior frequência a presença de tais instrumentos no ambiente escolar, sendo que, no meio do corpo técnico-pedagógico, houve uma quase homogeneidade das respostas dadas, destacando-se os Estados de Mato Grosso, Ceará e Pernambuco.

Em se tratando de porte de outras armas, os alunos catarinenses e os funcionários gaúchos deram maior destaque.

Por fim, analisando os dados relativos às ameaças sofridas por alunos, pais, professores e funcionários, os alunos dos Estados de São Paulo e Distrito Federal deram grande destaque, sendo os membros do corpo técnico-pedagógico do Estado de Goiás os que apontaram em maior número.

Com relação ao segundo estudo aqui apresentado (Gangues, Galeras, Chegados e Rappers), foram investigadas as formas emergentes de sociabilidade transgressora (gangues e galeras) e as representações sociais da violência. Uma das indagações iniciais deste estudo foi saber se existem, ou não, gangues e galeras no DF (como atuam, o que pensam).

O trabalho inicia-se com a descrição dos objetivos e da metodologia aplicada para a coleta dos dados. Metodologicamente, houve uma combinação das abordagens quantitativa (survey) e qualitativa (grupos focais).

O levantamento quantitativo dos dados se deu através da aplicação de questionários junto a 809 jovens de três Regiões Administrativas do DF (Ceilândia, Planaltina e Samambaia). Tais jovens foram escolhidos mediante amostragem domiciliar.

Já os dados qualitativos, foram colhidos através de grupos focais<sup>23</sup>, realizados com jovens e policiais; por meio também de processos de jovens sentenciados ou provisórios do Centro de Atendimento Juvenil Especializado (CAJE), além de entrevistas semi-estruturadas com jovens e com delegados de polícia (10 entrevistas).

Os resultados do trabalho foram apresentados ao longo de 4 (quatro) capítulos. O primeiro trata das assimetrias do espaço urbano, a exclusão e desigualdade social, a falta de espaço nas cidades, o jovem e o lazer e as experiências e representações da violência. O segundo trata, basicamente, da importância da família e a relação entre educação e trabalho. No terceiro capítulo, vê-se a temática das gangues nos EUA e no Brasil, mais precisamente no Plano Piloto e na periferia de Brasília, formação, organização e atividades das gangues, as relações de liderança, armas e drogas, além da influência do *rap* nesta questão. Por fim, o quarto capítulo contempla a relação entre o jovem e a polícia, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), corrupção, criminalidade e tráfico de drogas.

Embora 87,7% dos jovens pesquisados afirmarem ser a família a instituição mais relevante para a vida deles (teve mais destaque que o trabalho, a turma de amigos e os estudos), não faltaram críticas aos pais nas entrevistas realizadas.

Para os jovens da periferia, ao contrário deles, os jovens do Plano Piloto não são incomodados pela polícia, não precisam trabalhar, pois a família dá tudo, estudam em escola particular e são individualistas, dentre outras coisas.

Outro dado importante a ser enfatizado é que 58,8% dos jovens consideram ruim o aspecto “diversão e lazer” no DF. A falta de investimentos em cultura, por exemplo, pode ser um

---

<sup>23</sup> 33 grupos com jovens e 3 grupos com policiais.

dos indicadores do problema. Observa-se em várias Regiões Administrativas do DF a falta de cinemas, teatros e quadras de esporte.

De maneira geral, a contribuição dada pelas enquetes da UNESCO consiste na excelente amostragem, já que são pesquisas empíricas, em sua maioria, realizadas em escala nacional, além dos resultados instigarem novos estudos e questionamentos sobre a temática da juventude, da violência e da cidadania.

Analisando criticamente, e o presente estudo procura abordar tal questão, é a constatação de que os dados apresentados não são segmentados por “tipo de escola”, ou seja, não é feita uma comparação entre os âmbitos público e privado. Talvez seja pelo simples fato das enquetes da UNESCO serem desenvolvidas, basicamente, junto a estudantes oriundos de escolas públicas, já que existe uma dificuldade enorme de acesso às instituições privadas, particularmente no que se refere à abordagem da violência.

### **1.7.2. Estudo do ILANUD**

---

O ILANUD (Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente) desenvolveu uma pesquisa intitulada *O dia a dia na vida das escolas (Violações Auto Assumidas)*, no ano de 1999. Nestas pesquisas de violações auto-assumidas, também chamadas de “**self reported offenses**”, pergunta-se aos entrevistados se eles cometeram certos crimes e contravenções nos últimos anos ou meses.

Uma das principais conclusões destes estudos é a de que tanto grupos de estudantes comuns quanto grupos de jovens infratores podem cometer, por exemplo, pequenos crimes na mesma frequência, sem que os estudantes sejam penalizados pelas infrações cometidas.

De acordo com o próprio relatório do ILANUD, poucas hipóteses, como a descrita no parágrafo anterior, foram testadas no Brasil, sendo que boa parte dos fatores que contribuem para a delinqüência juvenil continuam ainda desconhecidos.

A pesquisa do ILANUD tratada aqui foi desenvolvida da seguinte forma: inicialmente, mediante técnica de amostragem estratificada, foram sorteadas aleatoriamente 40 escolas das redes particular e pública de ensino fundamental do Município de São Paulo. Infelizmente, conforme justificativa apresentada pelos próprios pesquisadores do ILANUD, somente 4 das instituições públicas e 3 das instituições privadas sorteadas aceitaram participar da pesquisa. Essa impressionante limitação introduzida no plano amostral (17% da amostra planejada) ilustra bem a resistência que as escolas oferecem aos estudos sobre violência em seu âmbito de atuação. Ao todo, portanto, 710 alunos do ensino fundamental (7ª e 8ª séries) e do ensino médio responderam os formulários de coleta de dados.

Além de haver restringido fortemente o plano de amostra original, o estudo do ILANUD optou por tratar os dados coletados de forma agregada, sem discriminar e comparar tendências em termos do tipo de escola a que os respondentes pertencem (particular ou pública). Não se encontra no estudo uma justificativa para essa decisão de não segmentar os dados por tipo de escola.

Entre os principais resultados da pesquisa do ILANUD, serão expostas a seguir as tabelas de vitimização, transgressão, armas e drogas nas escolas.

**Tabela 4 - Vitimização nas escolas**

<b>Tipo de delito</b>	<b>Nunca</b>	<b>Uma vez</b>	<b>Algumas vezes</b>	<b>Várias vezes</b>
Furto de algo de pouco valor	51,8	25,1	13,3	9,7
Ameaça de agressão	63,5	19,1	14,1	3,3
Teve pertences danificados	66,9	18,3	11,6	3,2
Furto de algo valioso	94,5	3,6	1,2	0,6
Foi agredido por colega	95,3	4,2	0,4	0,0
Extorsão	96,3	2,5	0,6	0,6
Foi agredido por funcionário ou professor	98,5	1,3	0,2	0,0

Fonte: “O dia a dia na vida das escolas”, ILANUD/Instituto Sou da Paz

Das modalidades de contravenção que mais vitimam os estudantes pesquisados, obteve-se, em maior destaque, os furtos de algo de pouco valor. Casos de agressão por parte de funcionários ou professores são relativamente raros, ou quase nulos.

**Tabela 5 - Transgressão nas escolas**

<b>Tipo de delito</b>	<b>Nunca</b>	<b>Uma vez</b>	<b>Algumas vezes</b>	<b>Várias vezes</b>
Falsificação	71,6	14,3	9,5	4,6
Depredação	74,5	11,3	11,1	3,1
Agressão a colega	87,8	8,6	2,2	1,4
Furto de algo de pouco valor	90,3	4,4	4,0	1,3
Arma branca	91,1	5,3	2,9	0,7
Assédio	91,6	3,9	2,9	1,7
Outra arma	97,9	1,2	0,6	0,4
Furto de algo valioso	98,1	0,6	0,6	0,6
Arma de fogo	98,2	0,9	0,3	0,7
Agressão func./prof.	99,4	0,2	0,4	0,0

Fonte: “O dia a dia na vida das escolas”, ILANUD/Instituto Sou da Paz.

Dos tipos de transgressão nas escolas, a falsificação de documentos e a depredação de bens tiveram destaque, sendo que as ocorrências de agressões de professores e funcionários aparecem, novamente, como quase nulas.

Outro dado importante trazido pelo relatório do ILANUD, também ligado à questão da transgressão, é o de que os alunos das escolas particulares aparecem como os que mais transgridem. Observa-se, também, a existência de uma grande quantidade de alunos não envolvida em nenhum tipo de transgressão e uma pequena quantidade de estudantes responsável, de maneira desproporcional, pelo cometimento de várias transgressões.

**Tabela 6 - Armas nas escolas**

<b>Armas</b>	<b>Nunca</b>	<b>Uma vez</b>	<b>Algumas vezes</b>	<b>Várias vezes</b>
Viu arma branca	63,9	15,0	13,9	7,2
Viu arma de fogo	85,4	7,4	3,8	3,4
Viu outra arma	90,5	2,8	3,3	3,4
Levou arma branca	91,1	5,3	2,9	0,7
Levou outra arma	97,9	1,2	0,6	0,4
Levou arma de fogo	98,2	0,9	0,3	0,7

Fonte: “O dia a dia na vida das escolas”, ILANUD/Instituto Sou da Paz

As armas brancas são as mais freqüentes nas escolas, tendo sido observadas por 64% dos estudantes. Vale ressaltar também que as armas brancas destacam-se no quesito “porte de armas”.

**Tabela 7 - Drogas nas escolas**

<b>Drogas</b>	<b>Nunca</b>	<b>Uma vez</b>	<b>Algumas vezes</b>	<b>Várias vezes</b>
Ofereceu cigarro	72,4	10,2	9,4	8,0
Ofereceu álcool	83,6	4,7	6,1	5,6
Ofereceu maconha	89,1	3,7	4,1	3,0
Ofereceu cocaína	96,1	1,3	1,4	1,2
Ofereceu crack	97,1	1,2	0,5	1,2
Ofereceu inalante	97,6	0,5	1,0	1,0
Ofereceu outras	98,2	0,6	0,3	0,9
Usou álcool	47,1	10,7	26,3	15,9
Usou cigarro	62,4	11,7	14,6	11,3
Usou maconha	94,7	2,1	1,5	1,7
Usou inalante	97,1	1,0	0,4	1,5
Usou cocaína	98,8	0,7	0,2	0,2
Usou outras	99,0	0,6	0,4	0,0
Usou crack	99,3	0,5	0,0	0,2

Fonte: “O dia a dia na vida das escolas”, ILANUD/Instituto Sou da Paz

Os dados indicam que o cigarro e o álcool estão em destaque como substâncias, tanto no que diz respeito ao uso, quanto ao oferecimento a outros estudantes. Vale ressaltar também a presença de outros tipos de drogas, destacando a maconha. De maneira geral, se retirarmos os dados ligados ao cigarro e ao álcool, dá-se a impressão de que os alunos fazem uso bastante limitado das drogas, e quando o fazem, optam pelas drogas mais leves, como é o caso da maconha.

De acordo com o relatório da pesquisa descrita, a oferta de drogas em geral parece ser maior nas escolas públicas, tendo maior envolvimento os estudantes mais velhos.

Um outro dado importante obtido no estudo do ILANUD é o de que a maioria dos pesquisados afirma se sentir segura na escola, enquanto 20% sentem-se inseguros ou mesmo

muito inseguros (6,5%). 16% dos pesquisados já deixaram de ir à escola porque se sentiram inseguros. Esse sentimento de insegurança mostrou-se maior nas escolas públicas e nos bairros de maior criminalidade.

Quanto às opiniões e sugestões dos alunos sobre o que fazer para melhorar o problema da violência nas escolas, chama a atenção o fato de que a resposta mais freqüente foi “não existem problemas na escola”. Dos problemas citados, merecem destaque “escolas grandes/muitos alunos na escola” e “falta de apoio dos parentes/falta de interesse dos pais”.

Perguntados sobre as causas gerais da violência nas escolas, permanece o fator “escolas grandes/muitos alunos na escola” em destaque, além do fator “classes grandes/muitos alunos por classe”.

Uma das limitações do estudo do ILANUD é a de que, na amostra selecionada, as escolas públicas estavam, de maneira geral, localizadas em bairros considerados violentos, e as escolas privadas nos menos violentos. Isso pode interferir diretamente nos dados da pesquisa, revelando uma falsa tendência de que nas escolas públicas a violência é melhor observada, se comparado com as instituições privadas.

Outro ponto que precisa ser observado é o de que, nas tabelas expostas no relatório, não é feita uma comparação entre os âmbitos público e privado. As análises do ILANUD preocupam-se mais com as diferenças de percepções de gênero. Não é promovida uma análise comparativa minuciosa entre o público e o privado, o que se considera importante, já que pouquíssimos trabalhos no Brasil se atêm a tal questão, e este estudo busca desenvolver tal análise.

Vale lembrar, outrossim, a dificuldade de acesso às escolas privadas, já que das 20 instituições convidadas, apenas 3 (três) aceitaram participar da pesquisa. Isso, principalmente, se levarmos em conta que o ILANUD é o braço regional da ONU no Brasil que visa a prevenir a violência e aprimorar o sistema de Justiça, além de efetivar os Direitos Humanos.



### 1.7.3. Estudo de Javier Elzo

---

Estudos que buscam compreender a escolarização de adolescentes deparam-se constantemente com o problema sociológico do estilo de vida dos jovens. Esta pesquisa não poderia deixar de, pelo menos, balizar essa questão<sup>24</sup>. Apesar de a pesquisa sociológica ser institucionalizada no Brasil nos anos 30 e o perfil demográfico do nosso país ser ainda bastante jovem, a literatura sobre estilos de vida dos jovens é relativamente escassa. Para que sejam atendidos os propósitos desta pesquisa, recorreremos à tipologia criada por Javier Elzo em “La Educación en valores como fator de prevención de la violencia juvenil”<sup>25</sup>.

Vale observar que a tipologia descrita tem por base um levantamento empírico realizado, em 1999<sup>26</sup>, na Espanha. Tal levantamento focalizou o uso que os jovens fazem do “tempo livre”, projetando as atividades desenvolvidas em dois eixos básicos: atividades individuais versus atividades relacionais e atividades domésticas versus atividades extradomésticas. Obteve-se, como resultado dessas análises, a classificação dos jovens em quatro estilos básicos de vida: a) caseiros; b) notívagos; c) cibernéticos; e d) cultos. A tabela a seguir descreve um dos principais resultados obtidos pelo sociólogo espanhol: a identificação dos referidos estilos de vida a partir de uma análise fatorial aplicada às atividades realizadas pelos jovens nos momentos de ócio (as cargas fatoriais que mais contribuem na definição de cada fator são apresentadas em negrito).

---

<sup>24</sup> Estranhamente, embora o perfil demográfico do país seja bastante jovem e a institucionalização da pesquisa sociológica nacional remonte aos anos 30, a literatura especializada sobre estilos de vida juvenis ainda é escassa no Brasil. Ao longo da última década, a Unesco Brasil patrocinou uma série de enquetes de âmbito nacional sobre juventude, violência e escola, a exemplo de Abramovay, Miriam e Rua, Maria das Graças et alii, *Violência nas escolas*. Brasília, UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2004. O rigor técnico dos planos amostrais nessas enquetes, contudo, contrasta claramente com a pobreza teórica e até mesmo taxonômica dos resultados apresentados.

<sup>25</sup> ELZO, Javier. *La Educación en valores como fator de prevención de la violencia juvenil*. San Sebastián-México, Enero-Febrero de 1997. (Reprografia).

<sup>26</sup> Cf. Elzo, Javier. Los jóvenes españoles 99. Madrid, Fundación Santa Maria, 1999. \_\_ “El adolescente em la sociedad actual: una visión sociológica” ([www.svnp.es/Documen/Elzo.htm](http://www.svnp.es/Documen/Elzo.htm)). \_\_ “La educación del futuro y los valores” ([www.uoc.edu/dt/esp/elzo0704.pdf](http://www.uoc.edu/dt/esp/elzo0704.pdf)).

**Tabela 8**  
**Estilos de vida de jovens espanhóis - Análise fatorial**

	<i>Fator 1</i>	<i>Fator 2</i>	<i>Fator 3</i>	<i>Fator 4</i>
	<b>Caseiro</b>	<b>Notívago</b>	<b>Cibernético</b>	<b>Culto</b>
* Falar com os pais sobre amigos, diversão, política	<b>0,85</b>	0,06	-0,90	0,12
* Falar com os pais sobre os estudos	<b>0,85</b>	-0,14	0,32	0,08
* Sair com os amigos para a discotecas, bares	0,47	<b>0,75</b>	-0,15	0,05
* Montar em moto só por diversão	0,00	<b>0,57</b>	0,18	-0,13
* Ir a igreja	0,30	<b>-0,46</b>	0,17	0,11
* Jogar com jogos eletrônicos	-0,09	0,01	<b>0,71</b>	-0,01
* Participar ativamente em esportes	0,10	-0,12	<b>0,67</b>	0,06
* Jogar com máquinas de dinheiro	-0,70	0,45	<b>0,49</b>	-0,02
* Tocar instrumentos, cantar, desenhar	0,09	0,07	0,01	<b>0,84</b>
* Ler livros por diversão	0,12	-0,24	0,40	<b>0,71</b>

Fonte: ELZO (1997: 16)

Um outro ponto a ser discutido está relacionado aos valores dos jovens de hoje, e Elzo (2000) lega-nos muitas contribuições a esse respeito. Para ele, uma educação em valores é um importante fator de prevenção da violência juvenil. Afirma também que a ausência de limites, ligada à ausência de normas, a falta de amor e a preocupação dos adolescentes pelo dinheiro são questões preocupantes.

Os amigos e o uso do tempo livre são, para Elzo (2000), fatores que ajudam a entender, em grande parte, o modo como os adolescentes vão construindo a forma de ver a realidade.

Nem sempre os jovens são os agentes ativos da violência no interior das escolas. Muitos são objetos de violência (Elzo, 1997). Essa vitimização sofrida pelos jovens nas escolas é reforçada também por estudos feitos na Espanha<sup>27</sup> e na França<sup>28</sup>, os quais são abordados por Elzo (1997). De acordo com estes estudos, 16,9% de estudantes, nos dois países, afirmaram ter sido vítimas de violência em suas respectivas escolas, sendo os homens, em maior proporção que as meninas, objeto de violência.

<sup>27</sup> Elzo (dir), "Drogas y Escuela V". Edit. Gobierno Vasco. Vitoria, 1997. Trabajo de campo. Febrero de 1996 Escolares desde 7º de EGB hasta COU y FP2 de la CAV.

<sup>28</sup> Choquet y Ledoux, "Adolescents: enquête nationale", Edit Inserm. París 1994. Trabajo de campo. Abril-Mayo de 1993. 186 establecimientos y 578 aulas de Francia Enseñanzas Medias.

Vale ressaltar que, nesse estudo desenvolvido por Elzo, os jovens que se consideraram “notívagos”, ou seja, que têm como estilo freqüentar bares e discotecas, além de afirmarem não ter nenhuma prática religiosa, foram os que apresentaram maior proporção de vítimas de violência, se comparado com os demais estilos estudados, dentre eles os “cibernéticos” e os “cultos”. Esses jovens ditos “notívagos” também apresentaram uma baixa autopercepção do seu rendimento escolar, autoposicionando-se entre os piores da classe.

Em síntese, a violência escolar não se explica, exclusivamente, pela origem da classe social dos alunos, nem pela região onde se encontra a escola, muito menos se a instituição de ensino é pública ou privada, laica ou religiosa (Elzo, 1997).

A escola, de acordo com Elzo (2004), tem um papel crucial de formação, educação e transmissão de valores. Através da educação, devem ser difundidos valores como a racionalidade, a competência pessoal, a tolerância, a solidariedade, a espiritualidade e o desejo por uma sociedade melhor.

Infelizmente, estudos, como o citado por Elzo (2004), consideram que o título é o principal motivo descrito pelos jovens para estudar; em segundo lugar, os jovens afirmam que o fator de obtenção de um trabalho é o mais relevante<sup>29</sup>. Na percepção de muitos alunos, a escola é vista como sendo um espaço imposto.

A educação deve ser um exercício da tolerância ativa, de maneira a ajudar na inserção dos jovens em uma sociedade pluralista e aberta, respeitando as diferentes culturas, costumes, crenças, etnias (Elzo, 1997).

---

<sup>29</sup> J. González-Anleo, Jóvenes españoles 99, pág.170.

## **2. CAPÍTULO 2 – OBJETIVOS DA PESQUISA**

---

Basicamente, o objetivo principal deste trabalho é captar a percepção da violência entre jovens estudantes, com ênfase em três variáveis-chaves: a) tipo de escola; b) ambiente socioeconômico da escola; c) estilo de vida do jovem.

Busca-se responder as seguintes perguntas:

- 1) Quais os tipos e intensidade da violência percebida pelos alunos pesquisados?
- 2) Quais as causas atribuídas pelos alunos à violência escolar?
- 3) A percepção da violência varia em função do tipo de escola?
- 4) A percepção da violência varia em função do ambiente socioeconômico da escola?
- 5) A percepção da violência varia em função do estilo de vida do jovem?
- 6) Quais são os principais determinantes da violência percebida pelos alunos, considerando, além das variáveis-chaves do estudo, variáveis sociológicas clássicas (sexo, escolaridade dos pais etc.)?

### 3. CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

---

O presente capítulo procura esclarecer os procedimentos metodológicos utilizados na seleção da amostra, na elaboração do instrumento de coleta de dados e na subsequente análise e interpretação dos dados coletados.

Dada a dificuldade de acesso às escolas, testemunhada também por todos os pesquisadores mencionados no capítulo anterior (Edmar, Unesco e Ilanud), decidimos utilizar uma amostra por conveniência. Segundo Gil (1999), em amostras por conveniência, também chamadas de amostras de acessibilidade,

“(…) O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo. Aplica-se este tipo de amostragem em estudos exploratórios ou qualitativos, onde não é requerido elevado nível de precisão.” (1999, p.104).

Das três variáveis-chaves, a saber, *tipo de escola* e *ambiente social* no qual a escola está inserida, foram utilizadas como parâmetros para selecionar a amostra de alunos pesquisados. A variável tipo de escola foi operacionalizada em duas categorias: escola particular e escola pública. Ignoramos a distinção entre escolas particulares filantrópicas (notadamente religiosas) e escolas comerciais (que visam a fins lucrativos).

A variável ambiente social também foi operacionalizada em duas categorias: centro e periferia. Por “centro” entenda-se escola localizada no Plano Piloto de Brasília. Por periferia, entenda-se escola localizada na cidade satélite de Ceilândia.

É bem sabido, e confirmado por diversas agências que produzem indicadores socioeconômicos (IBGE, DIEESE, CODEPLAN etc.), que o Distrito Federal apresenta uma distribuição de renda familiar altamente territorializada, sendo o rendimento médio das famílias residentes em Brasília muito superior ao rendimento médio das famílias residentes nas cidades satélites. Nesse sentido, decidiu-se que a localização das escolas constituem uma *proxy* da condição socioeconômica das famílias dos alunos.

Vale ressaltar a dificuldade que se teve em conseguir a autorização para aplicar os questionários nas escolas, principalmente nas instituições privadas. Já fora mencionado o fato de a própria UNESCO acabar restringindo as suas pesquisas aos alunos de escolas públicas. No caso do estudo do ILANUD, conforme observamos no primeiro capítulo, somente 7 das 40 escolas sorteadas com base no plano amostral concordaram em participar da pesquisa e autorizaram a aplicação dos questionários (710 alunos).

Optou-se em trabalhar com estudantes apenas do turno diurno (períodos matutino e vespertino). Não foram incluídos os alunos do noturno, pelo fato de praticamente inexistirem escolas particulares no DF que ofereçam ensino médio regular à noite. Naturalmente, seria importante explicar por que as escolas particulares não oferecem ensino médio regular noturno (maiores índices de inatividade entre os jovens de classe média etc.). Caberia investigar, também, se os índices de violência na escola pública variam substantivamente em função do turno (mais violência no noturno?). Não se pôde, assim, analisar essas questões.

Optou-se, ainda, por realizar a pesquisa somente entre os alunos. Tendo em vista que já havia sido difícil obter a autorização de quatro escolas para aplicar os questionários, decidiu-se não arriscar esse relativo “trunfo” insistindo com as escolas para autorizar o contato com os pais ou mesmo com os professores. No caso dos professores, em particular, por se tratar de um grupo relativamente pequeno em cada escola, as taxas de retorno precisariam ser muito elevadas para que a própria tabulação estatística fizesse algum sentido.

Chegamos a considerar a conveniência de combinar pesquisa quantitativa (questionário padronizado aplicado a um número razoável de alunos) com pesquisa qualitativa (entrevistas semi-estruturadas ou grupos focais com um grupo de professores e gestores). Percebemos, porém, que seria metodologicamente equivocado comparar essas duas fontes de dados.

Por tudo isso, acrescido das limitações financeiras e de tempo por parte do mestrando, decidiu-se limitar este estudo à percepção dos alunos.

A tabela 9 sumariza o perfil geral da amostra utilizada. No total, 358 questionários foram respondidos pelos alunos.

**Tabela 9 – Características gerais da amostra**

		Ambiente socioeconômico		
		Centro	Periferia	Total
Escola Pública	1ª série	27	36	63
	2ª série	35	37	72
	3ª série	25	32	57
	Sub-total	87	105	192
Escola Particular	1ª série	23	30	53
	2ª série	23	26	49
	3ª série	32	32	64
	Sub-total	78	88	166
Total		165	193	358

O instrumento para a coleta dos dados foi um questionário aplicado junto aos estudantes das escolas pesquisadas. Esse instrumento encontra-se no anexo deste trabalho.

Os dados foram trabalhados em nível descritivo, ou seja, não realizamos testes estatísticos propriamente ditos com eles, posto que esses testes são inferenciais e o nosso plano amostral não possui a robustez necessária para esse tipo de generalização.

Construíram-se três escalas específicas (agressão, drogas e armas) e uma escala geral de violência percebida a partir dos inúmeros indicadores de violência contidos no questionário. Todas as escalas construídas variam de 0 a 10 pontos, em ordem crescente de violência percebida.

Tentou-se construir outras escalas, de modo a obter uma visão mais compreensiva dos dados (participação cívica, tolerância ao ilícito etc.), e serão especificados todos os indicadores utilizados na construção das mesmas, na medida em que os resultados forem apresentados.

## 4. CAPÍTULO 4 – RESULTADOS

---

Em primeiro lugar, cabe atentar para algumas características sociodemográficas básicas dos alunos pesquisados. Já mencionamos a diferenciação dos alunos por tipo de escola, série e ambiente social da escola ao tratar-se da seleção da amostra. A tabela 10 traz outras informações sobre o perfil sociodemográfico dos alunos.

**Tabela 10 – Perfil sociodemográfico da amostra (%)**

	Indicador	%
Sexo	Masculino	40.3
	Feminino	59.7
	Total	100.0
Idade (média em anos)		16,9
Com quem reside?	Família nuclear completa	68.3
	Outra situação	31.7
	Total	100.0
Situação laboral	Inativo	55.2
	Desempregado	30.3
	Trabalhando	14.6
	Total	100.0
Escolaridade do pai	Primeiro grau	37.2
	Segundo grau	34.8
	Terceiro grau	27.9
	Total	100.0
Escolaridade da mãe	Primeiro grau	31.2
	Segundo grau	47.7
	Terceiro grau	21.1
	Total	100.0

O maior número de respondentes pertence ao sexo feminino, com uma média de 17 anos de idade. Residem, na maioria, com a família, e a minoria trabalha (14,6%).



No que se refere ao nível de escolaridade dos pais e das mães, encontra-se bastante dividido. Apesar disso, destaque para o primeiro grau (pais) e segundo grau (mães). De maneira geral, pode-se dizer que os pais e mães não apresentam um grau elevado de letramento.

Passemos, então, aos indicadores de ocorrência da violência na escola, segundo a percepção do conjunto dos alunos pesquisados.

#### 4.1 Tipos e intensidade da violência percebida

A tabela 11 mostra a incidência de inúmeros tipos de agressões e a intensidade com que ocorrem no dia-a-dia das escolas pesquisadas.

**Tabela 11 – Tipos e intensidade de agressões na escola (%) \***

	Nunca	Às vezes	Sempre	Total
Ameaças de agressão com armas (canivete, revólver, etc)	76.5	22.4	1.1	100.0
Ameaças de espancamento	50.9	40.3	8.9	100.0
Brigas entre galeras/gangues	41.8	48.9	9.3	100.0
Brigas entre pessoas	10.7	75.6	13.8	100.0
Depredações	53.6	31.1	15.4	100.0
Desrespeito aos outros	7.9	51.8	40.3	100.0
Humilhações em público	28.1	51.1	20.7	100.0
Pichações	12.4	38.1	49.4	100.0
Roubos e furtos	24.5	55.0	20.5	100.0
Uso e distribuição de drogas	66.1	24.0	9.9	100.0
Violência racial	44.4	44.9	10.7	100.0
Violência sexual	85.2	12.3	2.6	100.0
Xingamentos	1.1	23.2	75.7	100.0
ESCALA DE AGRESSÕES NA ESCOLA (0 a 10 pontos)		= 4.1 pontos (média)		

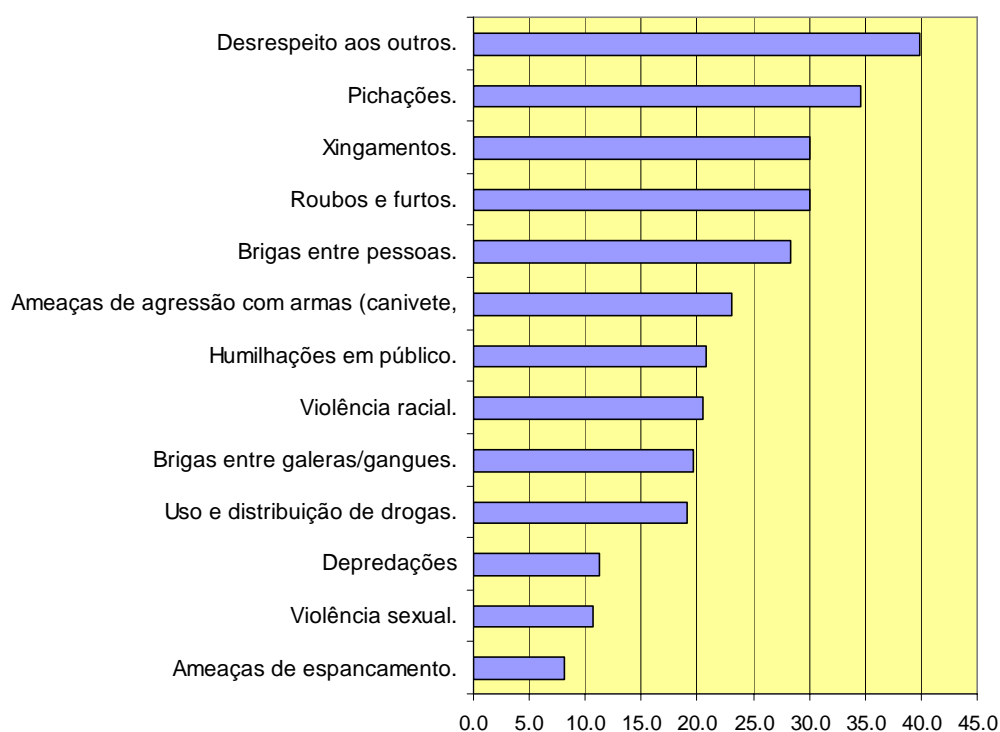
\* A escala de agressões (de 0 a 10) apresentada na parte inferior da tabela corresponde ao somatório de todos os indicadores da tabela. Para efetuar o cálculo, pontuamos as categorias da seguinte forma: nunca = 0 pontos; às vezes = 5 pontos; e sempre = 10 pontos.

Observa-se que os alunos destacam, sobretudo, a prática constante de xingamentos (75.7% deles afirmaram que esse tipo de agressão sempre ocorre na escola). Ressaltam também a ocorrência freqüente de pichações e desrespeito aos outros. Apesar de a questão não especificar se os xingamentos e desrespeito aos outros ocorrem, sobretudo entre os próprios alunos, não seria

imprudente interpretar os dados nessa direção, o que significa dizer que o *bullying* está fortemente presente nas instituições estudadas.

Indagou-se, outrossim, os alunos sobre os problemas de violência cujo combate consideram mais urgente. As respostas são apresentadas no gráfico 1.

**Gráfico 1 – Problemas de agressão na escola que o respondente atacaria primeiro (múltipla escolha - %)**



O desrespeito aos outros seria o tipo de agressão mais combatido pelos alunos, caso pudessem resolver o problema em suas respectivas escolas. Em segundo lugar, as pichações e, no terceiro lugar, dividem os xingamentos e os roubos e furtos, resultado que se configurou similar à tabela anterior, que atina aos “tipos e intensidade de agressões na escola”, porém, desta vez, em ordem inversa de destaque.

Observa-se, mais uma vez, que os jovens sentem-se de fato muito incomodados pelas práticas de desrespeito no seu dia-a-dia.

Perguntados se já vivenciaram algum aluno portando certo tipo de arma na escola, 14.8 % dos alunos, conforme se verifica na tabela 12, afirmaram que sim, ao menos uma vez. Trata-se de um fato preocupante.

**Tabela 12 – Armas na escola (%) \***

	Nunca	Uma vez	Algumas vezes	Muitas vezes	Total
Arma de fogo (revolver, pistola) na escola	85.1	10.3	3.1	1.4	100.0
Arma branca (canivete, faca) na escola	57.2	24.8	15.8	2.3	100.0
Outro tipo de arma (pedra, soqueira) na escola	64.1	11.7	16.5	7.7	100.0
<b>ESCALA DE ARMAS NA ESCOLA (0 a 10 pontos)</b>	<b>= 1.7 pontos (média)</b>				

\* A escala de armas (de 0 a 10) corresponde ao somatório de todos os indicadores da tabela. Para efetuar o cálculo, pontuamos as categorias da seguinte forma: nunca = 0 pontos; uma vez = 3,3 pontos; algumas vezes = 7,7 pontos; muitas vezes = 10 pontos.

Indagados se já viram algum colega usando algum tipo de droga (lícita ou ilícita) nas dependências da escola, metade dos alunos afirmou, conforme se verifica na tabela 13, que o consumo de álcool e de cigarro é muito freqüente na escola.

**Tabela 13 – Drogas na escola (%) \***

	Nunca	Uma vez	Algumas vezes	Muitas vezes	Total
Álcool (cerveja, pinga)	8.4	11.5	30.6	49.4	100.0
Cigarro	15.1	6.2	28.3	50.4	100.0
Maconha	57.7	7.7	19.0	15.6	100.0
Inalante (éter, cola, lança)	71.7	4.9	12.9	10.6	100.0
Cocaína	88.3	4.3	3.4	4.0	100.0
Crack	94.0	2.6	1.7	1.7	100.0
<b>ESCALA DE DROGAS NA ESCOLA (0 a 10 pontos)</b>	<b>= 3.5 pontos (média)</b>				

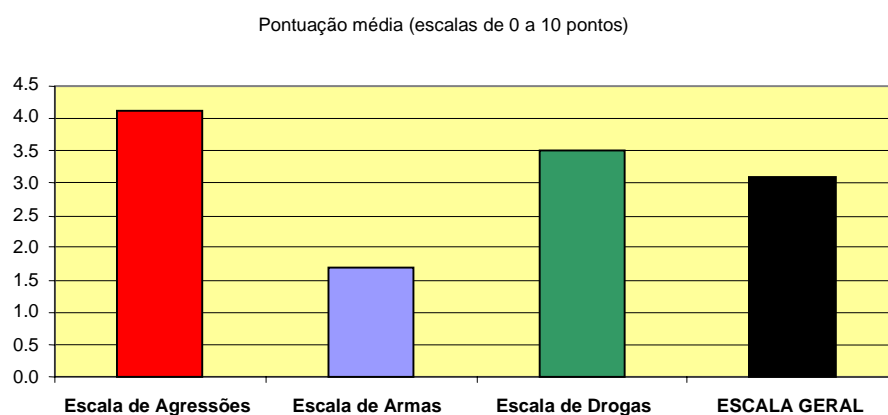
\* A escala de drogas (de 0 a 10) corresponde ao somatório de todos os indicadores da tabela. Para efetuar o cálculo, as categorias foram pontuadas da seguinte forma: nunca = 0 pontos; uma vez = 3.3 pontos; algumas vezes = 7.7 pontos; muitas vezes = 10 pontos.

Também o uso de maconha e de inalantes foi, relativamente, acentuado, o que é preocupante. Drogas consideradas mais pesadas, como é o caso da cocaína e do *crack*, aparecem com baixas freqüências. Todavia, é também muito preocupante, proceder-se a uma análise sob a

perspectiva de que essas drogas aparecem nos ambientes escolares e podem, perfeitamente, ganhar mais espaços, tornando os jovens dependentes do consumo de tais substâncias.

No Gráfico 2, abaixo, descreve-se a construção feita de uma escala geral de violência percebida a partir do somatório das três escalas específicas (agressões, armas e drogas). Assim, escala geral = (escala de agressões + escala de armas + escala de drogas)/3. Observa-se, portanto, que os indicadores de agressões são os que mais contribuem empiricamente na composição da escala geral de violência.

**Gráfico 2 – Escalas específicas e geral de violência percebida  
(todas de 0 a 10 pontos)**



Perguntados se já haviam sido vítimas de violência, agredido alguém ou as duas coisas, o conjunto dos alunos responderam conforme consta na tabela 14.

**Tabela 14 – Vítima, algoz ou ambos (%)**

		%
Já agrediu ou foi agredido na escola?	Nunca	70.3
	Já foi vítima	10.3
	Já foi vítima e algoz	8.9
	Já foi algoz	10.6
	Total	100.0

Conquanto 70% dos respondentes afirmem nunca ter se envolvido pessoalmente em episódios de violência, 30% já vivenciaram esse tipo de situação. Além de envolver um contingente considerável de pessoas (3 em cada 10 alunos!), a ocorrência de agressões contribui para gerar um ambiente de insegurança no seio da comunidade como um todo e da comunidade escolar em particular.

A tabela 15 apresenta um conjunto de indicadores de insegurança coletiva.

**Tabela 15 – Indicadores de insegurança (%)**

Indicadores		%
Considera que a violência em sua escola está:	Diminuindo	36,1
	A mesma	51,1
	Aumentando	12,8
	Total	100,0
Considera que o respeito pelos professores em sua escola está:	Diminuindo	26,5
	O mesmo	62,8
	Aumentando	10,7
	Total	100,0
De uma maneira geral, você diria que se sente:	Tão seguro na escola quanto em casa	24,6
	Mais seguro em casa	60,3
	Mais seguro na escola	1,1
	Inseguro tanto em casa quanto na escola	13,9
	Total	100,0
1) A rua é um lugar de perigo (assaltos, acidentes de trânsito). 2) A rua é um lugar de diversão (passear, shows). 3) A rua é um espaço de locomoção (ir ao trabalho, fazer compras).	Concordo mais com a primeira	28,7
	Concordo mais com a segunda	38,4
	Concordo mais com a terceira	32,8
	Total	100,0
Os meus melhores amigos ou amigas:	Não são meus parentes e não estudam na minha escola	25,0
	Não são meus parentes, mas estudam na minha escola	42,8
	São meus parentes, mas não estudam na minha escola	24,1
	São meus parentes e estudam na minha escola	8,1
	Total	100,0

É importante notar que apenas um segmento minoritário dos alunos, aproximadamente 10% deles, considera que a violência na sua escola e o respeito pelos professores está aumentando. Aproximadamente um terço deles, aliás, acredita mesmo que a violência contra a escola está diminuindo, assim como o respeito pelos professores. Nem por isso, contudo, a escola aparece como um abrigo tão seguro quanto à própria casa (60,3% deles sentem-se mais seguros em casa).

Quando focalizamos especificamente a percepção do jovem sobre a rua, observamos que a rua é “neutra”, um mero espaço de locomoção, apenas para 32,8% dos respondentes. Para 38,4% dos jovens, a rua é interpretada principalmente em termos positivos, como um *lugar de diversão* (*passar, shows*). A afirmativa com a qual os jovens menos concordam (28,7%) considera a rua como *um lugar de perigo* (*assaltos, acidentes de trânsito*). Naturalmente, não se pode inferir daqui que a rua seja efetiva e principalmente um lugar de diversão. Em verdade, os estudos de Javier Elzo, já mencionados, apontam mesmo a existência de uma correlação positiva entre o estilo de vida notívago dos jovens e o envolvimento em episódios violentos (voltaremos a essa questão oportunamente).

Outro dado a ser descrito é o fato dos melhores amigos ou amigas dos estudantes serem, na maioria, da própria escola. Laços de amizade são construídos nos ambientes escolares e muitos deles seguem por toda a vida. É bom dizer também que, em geral, esses melhores amigos não possuem nenhum grau de parentesco.

Considere-se, agora, a percepção dos alunos sobre a maior ou menor ocorrência de violência em função do tipo de escola (tabela 16).

Tabela 16 - Comparação escola pública/particular (%) \*

Opinião		%
A violência é a mesma, tanto nas escolas públicas, quanto nas particulares.	Discordo muito	20.1
	Discordo em parte	34.0
	Não tenho opinião formada	5.7
	Concordo em parte	28.9
	Concordo muito	11.3
	Total	100.0
Os pais de alunos que estudam nas escolas privadas pegam mais no pé dos filhos quanto ao comportamento na escola do que os pais de alunos que estudam em escolas públicas.	Discordo muito	17.4
	Discordo em parte	18.5
	Não tenho opinião formada	5.9
	Concordo em parte	34.5
	Concordo muito	23.8
	Total	100.0
É mais fácil expulsar um aluno violento de uma escola privada do que de uma escola pública.	Discordo muito	23.0
	Discordo em parte	14.3
	Não tenho opinião formada	11.8
	Concordo em parte	25.0
	Concordo muito	25.8
	Total	100.0
A direção e a coordenação pedagógica das escolas privadas ouve mais as reclamações dos alunos do que a direção das escolas públicas.	Discordo muito	10.6
	Discordo em parte	13.2
	Não tenho opinião formada	16.5
	Concordo em parte	34.7
	Concordo muito	24.9
	Total	100.0
Os professores dão mais atenção aos alunos nas escolas particulares do que nas escolas públicas.	Discordo muito	15.9
	Discordo em parte	19.0
	Não tenho opinião formada	12.8
	Concordo em parte	24.9
	Concordo muito	27.4
	Total	100.0
<b>OPINIÃO DE QUE ESCOLA PARTICULAR CONTROLA MAIS A VIOLÊNCIA (escala de concordância de 0 a 10 pontos) =</b>		<b>5.8 (média)</b>

\* Construiu-se uma escala de concordância com a opinião de que as escolas particulares controlam mais a violência (de 0 a 10 pontos), utilizando os indicadores da tabela (exceto o primeiro, que não permite inferir o pendor da comparação). Para efetuar o cálculo, pontuamos as categorias da seguinte forma: discordo muito = 0 ponto; discordo em parte = 2,5 pontos; não tenho opinião formada = 5,0; concordo em parte = 7,5; concordo muito = 10,0.

Antes de analisar cada uma das afirmações descritas na Tabela 16, de um “grosso modo”, as opiniões a favor ou contrárias dadas pelos alunos foram bem divididas.

Na afirmação “a violência é a mesma, tanto nas escolas públicas quanto nas particulares”, apesar das opiniões divididas, o índice de discordância de tal colocação foi mais acentuado. Talvez essa divisão das opiniões seja, por exemplo, por causa do desconhecimento de muitos alunos que tenham estudado a vida inteira em instituições públicas de ensino, não tendo experimentado o âmbito privado.

Em “os pais de alunos que estudam nas escolas privadas pegam mais no pé dos filhos quanto ao comportamento na escola do que os pais de alunos que estudam em escolas públicas”, o índice de concordância foi maior, o que pode ser reflexo de uma questão meramente financeira. As mensalidades *caras* pagas pelos pais nas instituições particulares podem fazer com que estes exijam mais dos filhos e da própria instituição que se propõe a trabalhar para o desenvolvimento do processo de formação dos jovens.

Já em “é mais fácil expulsar um aluno violento de uma escola privada do que de uma escola pública”, o índice de concordância também foi maior. Pode-se afirmar em parte que, para os alunos, as instituições privadas são mais rigorosas e buscam seguir à risca suas normas e regras. Vale ressaltar também a questão da autonomia: talvez as escolas privadas tenham maior poder decisório, no que se refere à expulsão de algum aluno que comete um ato violento.

Na afirmação “a direção e a coordenação pedagógica das escolas privadas ouve mais as reclamações dos alunos do que a direção das escolas públicas”, o índice de concordância foi mais acentuado. Isso entra de acordo com os dados anteriores, reforçando a tendência de que os alunos vêm, nas escolas particulares, maior rigor, melhor definição e clareza das normas e regras a serem seguidas, além de pulso forte da direção e preocupação de seus membros no sentido de resolver ou minimizar os problemas.

Por fim, na afirmação “os professores dão mais atenção aos alunos nas escolas particulares do que nas escolas públicas”, também houve um maior índice de concordância. Isso

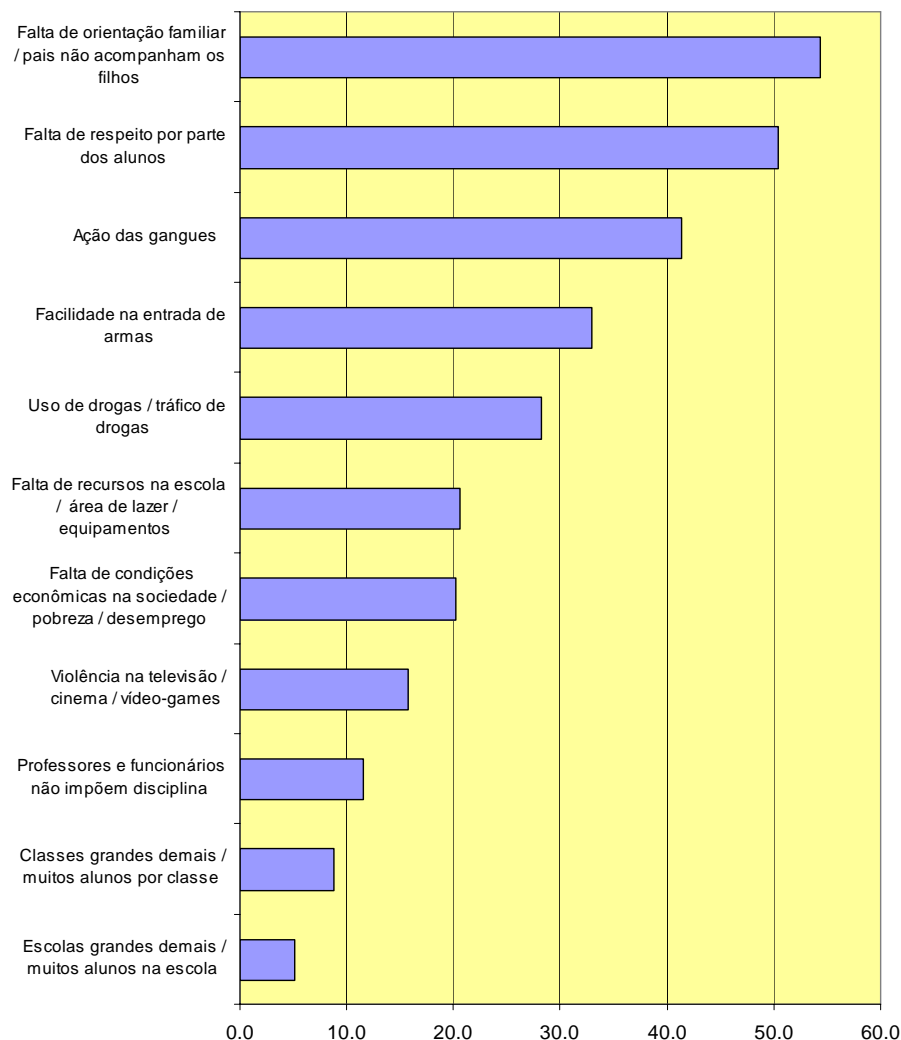


pode ser causa do intenso processo de desvalorização dos professores, principalmente os da rede oficial de ensino, dado aos baixos salários, elevada carga horária de trabalho e falta de plano de carreira. Os docentes, de forma geral, são melhor remunerados nas instituições privadas, e esse fator pode-se refletir no resultado aqui descrito.

Na percepção dos alunos, geralmente observa-se uma desvalorização dos serviços prestados pelas escolas públicas, em face dos serviços prestados pelas instituições particulares, no que se refere ao trabalho docente e de gestão pedagógica. Muitos acreditam que esses serviços funcionam mais nas instituições de âmbito privado.

Consideremos, agora, as causas atribuídas pelos jovens à violência (gráfico 3).

**Gráfico 3 – Causas atribuídas à violência (múltipla escolha - %)**



No que tange às causas atribuídas à violência nas escolas, os alunos deram maior destaque à falta de orientação familiar, significando um não-acompanhamento dos pais com o desenvolvimento dos filhos. Esse dado confirma, em certo sentido, a tendência identificada na pesquisa de Queiroz (1999), comentada no primeiro capítulo. Em segundo lugar, aparece a falta de respeito por parte dos alunos e, em terceiro, a ação das gangues.

O teor e o grau das punições imaginadas pelas pessoas no enfrentamento do problema da violência ajudam a compreender melhor o fenômeno. Alguns estudos mostram, por exemplo, que o enfrentamento inadequado da violência reside não apenas na indiferença em relação aos delitos (impunidade), mas também em um imaginário de punições desproporcionalmente severas

em relação aos delitos cometidos (sabe-se, por exemplo, que os próprios delinquentes tendem a ser intolerantes ao extremo). A tabela 17 apresenta a opinião dos alunos no que concerne à punição que eles consideram adequada aos respectivos tipos de comportamento desviantes.

**Tabela 17 – Punição atribuída a comportamento desviante (%)**

Indicador	Não merece punição	Repreensão verbal	Suspensão de aulas	Expulsão da escola	Total
Pegar escondido algum objeto de pouco valor de um colega (algo que custe menos que 50 reais).	0.8	40.8	41.7	16.6	100.0
Danificar de propósito bens da escola, como carteiras, vidraças, banheiros e paredes.	2.6	22.2	50.6	24.7	100.0
Tentar beijar ou agarrar alguém sem o consentimento da pessoa.	9.3	44.1	28.0	0.0	100.0
Ofender alguém por causa da cor da pele.	1.4	19.4	35.6	43.6	100.0
ESCALA DE PUNIÇÃO (0 a 10 pontos) =	3.7 pontos (média)				

\* A escala de punição (de 0 a 10) corresponde ao somatório de todos os indicadores da tabela. Para efetuar o cálculo, as categorias foram pontuadas da seguinte forma: não merece punição = 0 pontos; repreensão verbal = 3.3 pontos; suspensão de aulas = 7.7 pontos; expulsão da escola = 10 pontos.

No quesito punição, os alunos mostraram-se mais rigorosos com as atitudes ligadas à violência racial (ofender alguém por causa da cor da pele). Isso mostra que esses estudantes estão conscientes sobre a problemática do racismo e das suas trágicas conseqüências. Apesar disso, vale observar que 1,4% afirmam não merecer punição aquele indivíduo que comete este tipo de ofensa, o que é preocupante, mesmo sendo um índice baixo.

O item “tentar beijar ou agarrar alguém sem o consentimento da pessoa” foi o que obteve o menor nível de exigência, no que se refere a algum tipo de punição a ser dada. Esse item implica uma das formas de agressão sexual, e é curioso o fato de nenhum aluno ter considerado isso como sendo um caso passível de expulsão da escola.

Por fim, cabe considerar a disposição dos alunos para o enfrentamento do problema da violência. A tabela 18 apresenta alguns indicadores nessa direção.

**Tabela 18 – Indicadores de atitude em face da violência (%)**

Indicadores	%
Para você, o problema da violência nas escolas é:	
Impossível de ser resolvido	2.2
Difícil de ser resolvido	69.2
Fácil de ser resolvido	14.3
Não sei se pode ser resolvido ou não	14.3
Total	100.0
“Por mais pobre e sofrida que seja uma pessoa, ela tem sempre a liberdade de escolher se vai cometer um crime ou não.”	
Discordo muito	8.7
Discordo em parte	7.6
Não tenho opinião formada	9.5
Concordo em parte	15.1
Concordo muito	59.1
Total	100.0
“Têm pessoas que são violentas por natureza.”	
Discordo muito	30.9
Discordo em parte	17.4
Não tenho opinião formada	7.6
Concordo em parte	28.9
Concordo muito	15.2
Total	100.0

Analisando os indicadores de atitude em face da violência, os alunos, na sua maioria, percebem a violência nas escolas como um problema difícil de resolver-se, dada a sua complexidade e múltiplas causas envolvidas.

No que concerne às duas afirmações seguintes, a primeira (por mais pobre e sofrida que seja uma pessoa, ela tem sempre a liberdade de escolher se cometerá um crime ou não), houve um elevado índice de concordância. Já na segunda afirmação (há pessoas que são violentas por natureza), as opiniões foram bem divididas. Metade concorda, outra metade discorda da idéia de que existem homens que já nascem com a tendência a serem agressivas/violentas.

Nos três tópicos subseqüentes, abordar-se-á a eventual segmentação na percepção da violência em função do tipo de escola, do ambiente social da escola e do estilo de vida dos jovens.

Tendo em mente, portanto, ser essa a percepção do conjunto dos alunos pesquisados sobre o fenômeno da violência na escola, passou-se a investigar o possível efeito explicativo das

variáveis (i) tipo de escola, (ii) ambiente social e (iii) estilo de vida do jovem sobre esse mesmo fenômeno. É disso que tratam os três tópicos seguintes.

#### 4.2 Efeitos do Tipo de Escola

---

Consideraram-se, inicialmente, algumas diferenças de perfil sociodemográfico entre os alunos de escolas particulares e públicas.

**Tabela 19 - Perfil sóciodemográfico por tipo de escola (%)**

		Escola pública	Escola particular
Sexo	Masculino	35,6	45,8
	Feminino	64,4	54,2
	Total	100,0	100,0
Idade (média em anos)		17,2	16,5
Com quem reside	Família nuclear completa	63,4	74,1
	Outra situação	36,6	25,9
	Total	100,0	100,0
Situação laboral	Inativo	40,3	72,3
	Desempregado	42,9	15,7
	Trabalhando	16,8	12,0
	Total	100,0	100,0
Escolaridade do pai	Primeiro grau	53,1	19,6
	Segundo grau	29,7	40,5
	Terceiro grau	17,1	39,9
	Total	100,0	100,0
Escolaridade da mãe	Primeiro grau	43,8	16,8
	Segundo grau	44,9	50,9
	Terceiro grau	11,4	32,3
	Total	100,0	100,0

Ao analisar-se a tabela 19, verifica-se que o predomínio de meninas é mais elevado entre os alunos de escolas públicas do que entre os alunos de escolas particulares. Esse dado é compatível com as informações que vêm sendo sistematicamente coletadas pelos Censos Escolares. Segundo especialistas em mercado de trabalho, essa tendência reflete uma espécie de estratégia utilizada pelos segmentos de menor renda, que “antecipam” a entrada dos meninos no

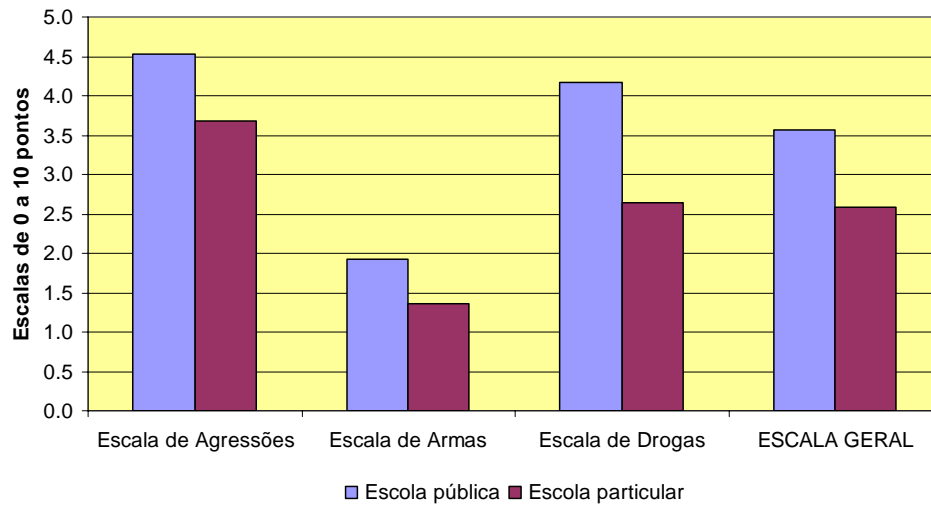
mercado de trabalho e “investem” mais na escolarização das meninas. De fato, um indicador bastante confiável de que os alunos de escolas públicas pesquisados apresentam um padrão de renda inferior ao dos alunos de escolas particulares consiste na escolaridade dos pais. Basta notar que 53,1% dos pais de alunos de escolas públicas possuem apenas o primeiro grau, contra 19,6% dos pais de alunos de escolas particulares nesse mesmo nível de ensino. O fato de os alunos de escolas públicas serem um pouco mais velhos do que os alunos de escolas particulares também é coerente com as estatísticas oficiais, tendo em vista a defasagem-série ser maior naquele primeiro contexto.

Observa-se, também, que a probabilidade de o jovem estar residindo com a família nuclear completa é maior entre os alunos de escolas particulares (74,1% contra 63,4%).

No que se refere à situação laboral, quase a metade dos alunos da rede pública disseram ser desempregados, enquanto mais da metade dos estudantes da rede privada afirmaram não ter atividade (inativos). Apesar da pouca diferença entre os percentuais de jovens que trabalham, percebe-se nos dados que os alunos da rede oficial de ensino estão mais envolvidos com a questão do estudo e trabalho ocorrendo simultaneamente.

O gráfico 4 sintetiza os diferenciais de percepção dos alunos de escolas particulares e públicas com respeito à ocorrência de violência no estabelecimento, onde esses alunos estudam. Os critérios utilizados na construção dessas escalas (parciais e geral) já foram apresentados. Observa-se que os alunos de escolas públicas apontam maior ocorrência de violência do que os alunos de escolas particulares nas três escalas parciais e na escala geral. A diferença entre os dois tipos de escola é mais acentuada notadamente na escala de drogas.

**Gráfico 4 - Escalas específicas e geral de violência percebida por tipo de escola (todas de 0 a 10 pontos)**



Tão importante quanto mensurar os níveis de violência que ocorrem nos dois tipos de escola, é analisar detalhadamente os diferentes tipos de violência que predominam em cada contexto. É o que mostram as tabelas 20, 21 e 22.

Tabela 20 – Tipos e intensidade de agressões na escola por tipo de escola (%)

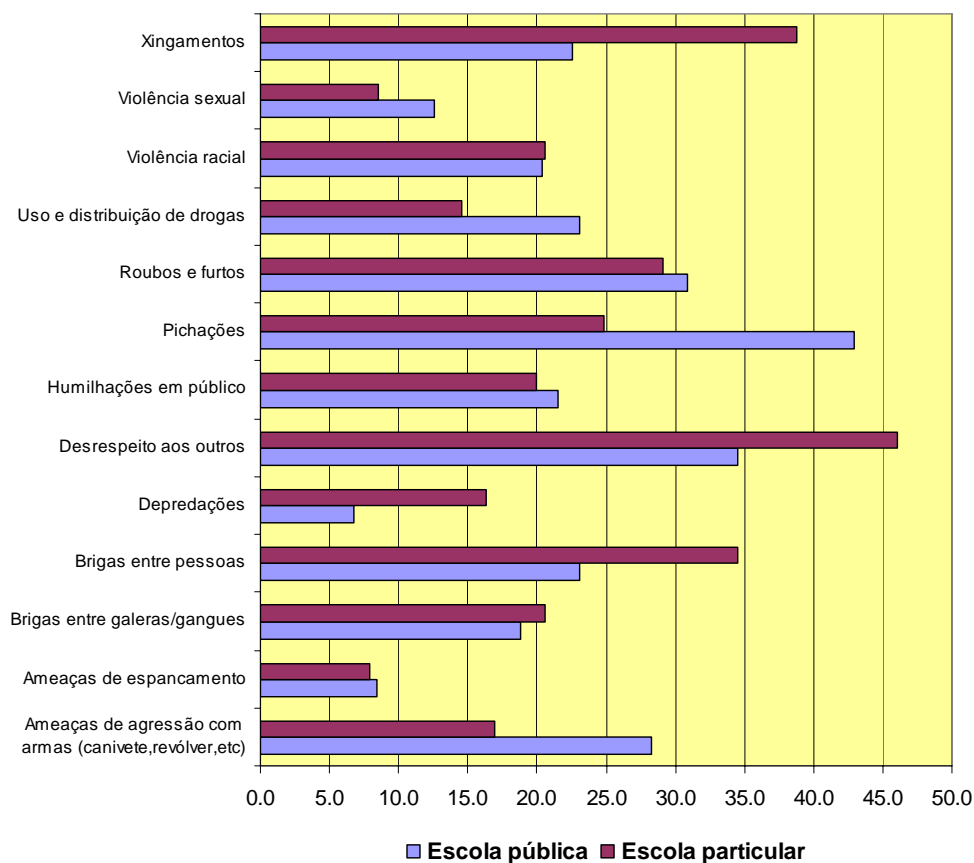
		Escola pública	Escola particular
Ameaças de agressão com armas (canivete, revólver, etc)	Nunca	65.2	89.2
	Às vezes	32.6	10.8
	Sempre	2.1	
	Total	100.0	100.0
Ameaças de espancamento.	Nunca	41.6	61.2
	Às vezes	44.3	35.8
	Sempre	14.1	3.0
	Total	100.0	100.0
Brigas entre galeras/gangues.	Nunca	36.0	48.5
	Às vezes	50.3	47.3
	Sempre	13.8	4.2
	Total	100.0	100.0
Brigas entre pessoas.	Nunca	9.5	12.0
	Às vezes	72.6	78.9
	Sempre	17.9	9.0
	Total	100.0	100.0
Depredações	Nunca	60.5	45.8
	Às vezes	24.3	38.6
	Sempre	15.1	15.7
	Total	100.0	100.0
Desrespeito aos outros.	Nunca	9.5	6.0
	Às vezes	47.6	56.6
	Sempre	42.9	37.3
	Total	100.0	100.0
Humilhações em público.	Nunca	31.6	24.2
	Às vezes	46.5	56.4
	Sempre	21.9	19.4
	Total	100.0	100.0
Pichações.	Nunca	5.9	19.9
	Às vezes	28.2	49.4
	Sempre	66.0	30.7
	Total	100.0	100.0
Roubos e furtos.	Nunca	20.4	29.1
	Às vezes	49.5	61.2
	Sempre	30.1	9.7
	Total	100.0	100.0
Uso e distribuição de drogas.	Nunca	53.4	80.6
	Às vezes	31.2	15.8
	Sempre	15.3	3.6
	Total	100.0	100.0
Violência racial.	Nunca	38.8	50.6
	Às vezes	48.9	40.4
	Sempre	12.2	9.0
	Total	100.0	100.0
Violência sexual.	Nunca	82.2	88.6
	Às vezes	15.1	9.0
	Sempre	2.7	2.4
	Total	100.0	100.0
Xingamentos.	Nunca	1.1	1.2
	Às vezes	19.1	27.7
	Sempre	79.8	71.1
	Total	100.0	100.0



A tabela 20 mostra que os xingamentos, em primeiro lugar, e o desrespeito aos outros, em segundo, apresentam os maiores índices de ocorrência tanto nas escolas públicas quanto particulares. Alguns indicadores, todavia, apresentam diferenças muito acentuadas. A ocorrência de violência física, por exemplo, parece ser muito maior no caso das escolas da rede oficial de ensino (espancamento, brigas de galeras ou entre pessoas). Muito mais acentuado também parece ser o uso e a distribuição de drogas, bem como a prática de pichações nas escolas públicas.

Indagados sobre os problemas de violência que atacariam primeiro, os alunos de escolas particulares destacaram o desrespeito aos outros, seguido dos xingamentos e das brigas entre pessoas. Os alunos de escolas públicas destacaram o problema das pichações, seguido do desrespeito aos outros e dos roubos e furtos.

**Gráfico 5 - Problemas de agressão na escola que o respondente atacaria primeiro por tipo de escola (múltipla escolha - %)**



Embora a presença de armas de fogo nas escolas possa parecer pequena, a tabela 21 mostra que esse indicador é o que mais diferencia as escolas públicas das particulares, tendendo as primeiras a apresentar maior incidência desse tipo de arma (21,8% dos alunos de escolas públicas dizem já ter visto algum aluno portando arma de fogo na escola pelo menos uma vez, contra 6,7% de incidência nas escolas particulares).

**Tabela 21 - Armas na escola por tipo de escola (%)**

		Escola pública	Escola particular
Arma de fogo (revolver, pistola) na escola?	Nunca	78.2	93.2
	Uma vez	14.9	4.9
	Algumas vezes	4.8	1.2
	Muitas vezes	2.1	0.6
	Total	100.0	100.0
Arma branca (canivete, faca) na escola?	Nunca	54.2	60.6
	Uma vez	26.8	22.4
	Algumas vezes	16.3	15.2
	Muitas vezes	2.6	1.8
	Total	100.0	100.0
Outro tipo de arma (pedra, soqueira) na escola?	Nunca	58.8	70.1
	Uma vez	14.4	8.5
	Algumas vezes	17.6	15.2
	Muitas vezes	9.1	6.1
	Total	100.0	100.0

Analogamente ao que acontece com respeito à presença de armas na escola, observa-se que a presença de drogas nas escolas públicas é muito preocupante, posto que a incidência de drogas ilícitas é mais incidente nesse contexto (cocaína, *crack* e maconha), com pequena exceção no caso dos inalantes. É interessante notar a enorme diferença existente entre os dois tipos de escola com respeito ao cigarro. Não se sabe se isso se deve a uma proibição explícita por parte da escola particular em relação ao uso de cigarro dentro da escola (independente de local ou horário).

Tabela 22 - Drogas na escola por tipo de escola (%)

		Escola pública	Escola particular
Álcool (cerveja, pinga)	Nunca	5.8	11.4
	Uma vez	6.8	16.9
	Algumas vezes	28.9	32.5
	Muitas vezes	58.4	39.2
	Total	100.0	100.0
Cigarro	Nunca	1.0	31.5
	Uma vez	2.6	10.3
	Algumas vezes	20.8	37.0
	Muitas vezes	75.5	21.2
	Total	100.0	100.0
Maconha	Nunca	46.0	71.2
	Uma vez	9.5	5.5
	Algumas vezes	24.3	12.9
	Muitas vezes	20.1	10.4
	Total	100.0	100.0
Inalante (éter, cola, lança)	Nunca	69.4	74.4
	Uma vez	5.4	4.3
	Algumas vezes	16.1	9.1
	Muitas vezes	9.1	12.2
	Total	100.0	100.0
Cocaína	Nunca	80.7	97.0
	Uma vez	6.4	1.8
	Algumas vezes	6.4	
	Muitas vezes	6.4	1.2
	Total	100.0	100.0
Crack	Nunca	90.4	98.2
	Uma vez	3.7	1.2
	Algumas vezes	3.2	
	Muitas vezes	2.7	0.6
	Total	100.0	100.0

É curioso observar, contudo, que, quando indagados acerca do envolvimento pessoal em episódios de violência, os alunos de escolas particulares apresentam uma tendência levemente mais acentuada de exposição a essa situação do que os alunos de escolas públicas. É o que mostra a tabela 23. Como explicar esse relativo descompasso entre a percepção da violência no contexto da própria escola e a chance de se ver envolvido pessoalmente em episódios dessa natureza? Não conseguimos formular uma resposta incisiva sobre essa questão. Parece-nos, porém, que a diferença se explica em parte por aquela diferença de prioridades a serem atacadas no combate à violência. Os alunos de escolas particulares acentuaram principalmente o desrespeito aos outros,

ao passo que os alunos de escolas públicas acentuaram principalmente as pichações. Ora, sendo o desrespeito aos outros um comportamento mais subjetivo e difuso do que a prática de pichações, parece razoável esperar-se que o segmento mais incomodado com o primeiro problema seja também o que apresenta maiores índices de vitimação/violação.

**Tabela 23 - Vítima, algoz ou ambos por tipo de escola (%)**

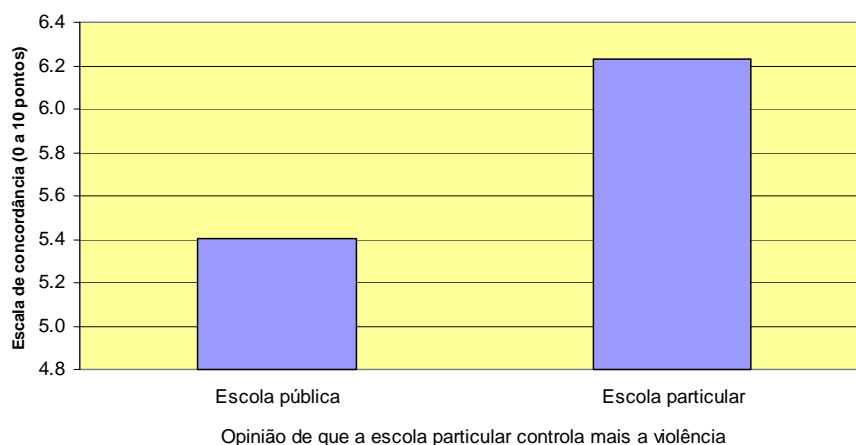
		Escola pública	Escola particular
Já agrediu ou foi agredido na escola?	Nunca	72.7	67.5
	Já foi vítima	8.6	12.3
	Já foi vítima e algoz	8.0	9.8
	Já foi algoz	10.7	10.4
		100.0	100.0

A tabela 24 informa sobre os indicadores de insegurança nos dois tipos de escola. De fato, inexistem diferenças marcáveis entre os dois contextos em relação aos dois primeiros indicadores. Vale ressaltar, contudo, no que concerne ao terceiro indicador, que os alunos de escola particular sentem-se muito mais seguros na escola do que os alunos de escolas públicas. O fato de os alunos de escolas públicas, mais do que os alunos de escolas particulares, apontarem o lar como lugar onde se sentem mais seguros, não deve ofuscar essa tendência. A diferença fundamental reside no fato de que 39,9% dos alunos de escola particular sentem-se tão seguros em casa quanto na escola, segurança essa sentida por apenas 11,6% dos alunos de escolas públicas. Reforça essa tendência, o fato de os alunos de escolas particulares recrutarem seus melhores amigos, sobretudo na escola (48,4% deles disseram que os melhores amigos não são parentes, mas estudam na mesma escola, proporção que cai para 38% entre os alunos de escolas públicas).

**Tabela 24 - Indicadores de insegurança por tipo de escola (%)**

Indicadores		Escola Pública	Escola Particular
Considera que a violência em sua escola está:	Diminuindo	37.6	34.4
	A mesma	49.2	53.4
	Aumentando	13.2	12.3
	Total	100.0	100.0
Considera que o respeito pelos professores em sua escola está:	Diminuindo	24.6	28.7
	O mesmo	62.3	63.4
	Aumentando	13.1	7.9
	Total	100.0	100.0
De uma maneira geral, você diria que se sente:	Tão seguro na escola quanto em casa	11.6	39.9
	Mais seguro em casa	67.4	52.1
	Mais seguro na escola	1.1	1.2
	Inseguro tanto em casa quanto na escola	20.0	6.7
	Total	100.0	100.0
1) A rua é um lugar de perigo (assaltos, acidentes de trânsito). 2) A rua é um lugar de diversão (passear, shows). 3) A rua é um espaço de locomoção (ir ao trabalho, fazer compras). Os meus melhores amigos ou amigas:	Concordo mais com a primeira	30.0	27.3
	Concordo mais com a segunda	38.9	37.9
	Concordo mais com a terceira	31.1	34.8
	Total	100.0	100.0
	Não são meus parentes e não estudam na minha escola	29.6	19.6
	Não são meus parentes, mas estudam na minha escola	38.0	48.4
	São meus parentes, mas não estudam na minha escola	25.1	22.9
	São meus parentes e estudam na minha escola	7.3	9.2
	Total	100.0	100.0

É muito importante atentar para a comparação que os alunos fazem entre a incidência de violência em seu próprio contexto escolar comparativamente ao “outro” tipo de contexto escolar. O gráfico 6 sintetiza a percepção dos dois segmentos com respeito à opinião de que a escola particular controla mais a violência. Conforme se observa, os alunos de escolas particulares estão mais convencidos de que assim o seja, isto é, que as escolas particulares apresentam menores índices de violência ou estão mais preparadas para lidar com o problema.

**Gráfico 6 - Comparação escola pública/particular por tipo de escola**

A tabela 25 permite analisar mais detalhadamente a opinião dos jovens a esse respeito.

**Tabela 25 – Comparação escola pública/particular por tipo de escola (%)**

Opinião		Escola Pública	Escola Particular
A violência é a mesma, tanto nas escolas públicas, quanto nas particulares.	Discordo muito	14.3	26.8
	Discordo em parte	28.0	40.9
	Não tenho opinião formada	5.8	5.5
	Concordo em parte	34.4	22.6
	Concordo muito	17.5	4.3
	Total	100.0	100.0
Os pais de alunos que estudam nas escolas privadas pegam mais no pé dos filhos quanto ao comportamento na escola do que os pais de alunos que estudam em	Discordo muito	19.8	14.5
	Discordo em parte	18.8	18.2
	Não tenho opinião formada	7.8	3.6
	Concordo em parte	32.3	37.0
	Concordo muito	21.4	26.7
	Total	100.0	100.0
É mais fácil expulsar um aluno violento de uma escola privada do que de uma escola pública.	Discordo muito	30.4	14.5
	Discordo em parte	12.6	16.4
	Não tenho opinião formada	14.1	9.1
	Concordo em parte	17.8	33.3
	Concordo muito	25.1	26.7
	Total	100.0	100.0
A direção e a coordenação pedagógica das escolas privadas ouve mais as reclamações dos alunos do que a direção das escolas públicas.	Discordo muito	12.6	8.4
	Discordo em parte	12.0	14.5
	Não tenho opinião formada	19.9	12.7
	Concordo em parte	28.3	42.2
	Concordo muito	27.2	22.3
	Total	100.0	100.0
Os professores dão mais atenção aos alunos nas escolas particulares do que nas escolas públicas.	Discordo muito	22.9	7.8
	Discordo em parte	18.8	19.3
	Não tenho opinião formada	13.0	12.7
	Concordo em parte	19.3	31.3
	Concordo muito	26.0	28.9
	Total	100.0	100.0

Analisando a primeira opinião comparativa entre escola pública e privada da tabela acima, apesar dos alunos das escolas públicas ficarem divididos, a maioria concordou com a afirmação de que a violência é a mesma, tanto nas escolas públicas quanto nas particulares. Já os alunos da rede privada discordaram, em sua maioria, de tal afirmação.

A maioria dos alunos das duas redes de ensino concordou com a opinião de que os pais dos estudantes das escolas privadas “pegam mais no pé” dos filhos quanto ao comportamento na escola do que os pais dos estudantes da rede pública. A questão financeira pode ser primordial para a resposta de tal resultado.

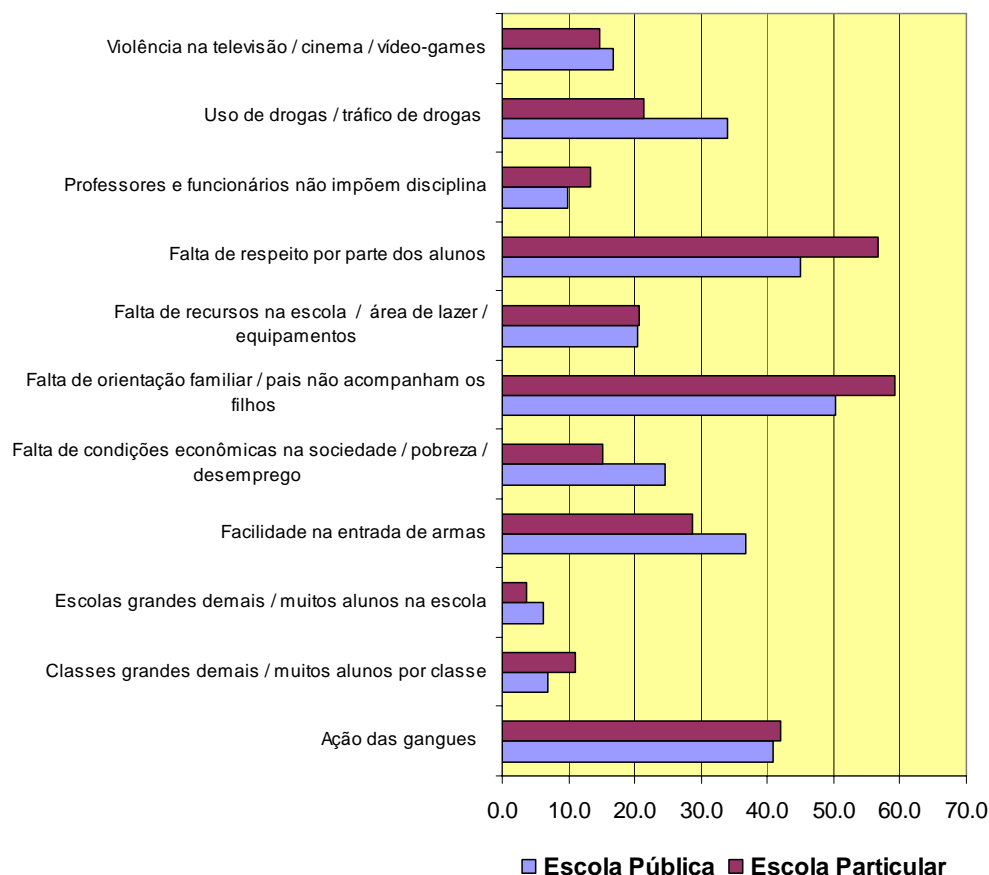
Os alunos das escolas públicas ficaram absolutamente divididos com a opinião de que é mais fácil expulsar um aluno violento de uma escola privada do que de uma escola pública. Já os da rede privada concordaram, em sua maioria, com tal opinião. Isso reforça a tese de que os estudantes da rede particular consideram as instituições não públicas como sendo espaços de maior segurança e de combate à violência.

Quanto à opinião de que a direção e a coordenação pedagógica das escolas privadas ouvem mais as reclamações dos alunos do que a direção das escolas públicas, o índice de concordância foi maior do que o de discordância nas duas redes, o que indica, de forma geral, o descrédito pelo trabalho desenvolvido pelos gestores das escolas públicas.

Ainda que bem divididos, os estudantes da rede pública concordaram com a opinião de que os professores dão mais atenção aos alunos nas escolas particulares do que nas escolas públicas. A maioria dos alunos da rede privada apoiou tal questão. Tais dados demonstram que os respondentes dão maior credibilidade ao trabalho docente desenvolvido nas instituições privadas, no que diz respeito ao aspecto avaliado.

O gráfico 7 refere-se à diferença de percepção em relação às causas atribuídas à violência entre alunos de escolas públicas e particulares.

**Gráfico 7 - Causas atribuídas à violência por tipo de escola (múltipla escolha - %)**



No que tange às causas atribuídas à violência, observa-se que os alunos das duas redes apontaram os mesmos fatores básicos e na mesma ordem de importância. Em primeiro lugar, destacaram a falta de orientação familiar (pais que não acompanham os filhos); em segundo lugar, a falta de respeito por parte dos próprios alunos; em terceiro, a ação das gangues. A ênfase nesses três fatores, contudo, é maior entre os alunos de escolas particulares. O quarto e quinto fatores mais apontados (facilidade na entrada de armas e uso de drogas, respectivamente) foram enfatizados principalmente pelos alunos de escolas públicas.

A tabela 26 refere-se ao tipo de punição que os alunos consideram adequado à conduta desviante. Parece-nos que a tendência mais evidente nesse conjunto de indicadores consiste no posicionamento mais “duro” por parte dos alunos de escolas públicas contra os que cometem tais tipos de violação. A opinião de que esses alunos devem ser expulsos da escola é muito mais acentuada nesse segmento do que entre os alunos de escolas particulares. A única exceção, ainda assim relativa, refere-se ao racismo. Nesse caso, tanto alunos de escolas públicas quanto



particulares opinaram fortemente a favor da expulsão. Pode ser, contudo, que a opinião dos alunos sobre o problema do racismo esteja um tanto sobrecarregada ideologicamente, fenômeno esse intimamente ligado com a introdução de políticas de cotas no contexto nacional. Em todo caso, também nesse exemplo, a tendência é a mesma, ou seja, os alunos de escolas públicas são favoráveis a punições mais rigorosas do que os alunos de escolas particulares. Ainda com respeito a esses dados, mereceria ser melhor investigado o fato de aproximadamente 10% dos alunos nos dois segmentos opinarem contrários a qualquer tipo de punição para os casos de agressão sexual (beijar ou agarrar alguém a força).

**Tabela 26 - Punição atribuída a comportamento desviante por tipo de escola (%)**

Indicador		Escola Pública	Escola Particular
Pegar escondido algum objeto de pouco valor de um colega (algo que custe menos que 50 reais).	Não merece punição	0.5	1.2
	Repreensão verbal	34.7	47.9
	Suspensão de aulas	44.7	38.2
	Expulsão da escola	20.0	12.7
	Total	100.0	100.0
Danificar de propósito bens da escola, como carteiras, vidraças, banheiros e paredes.	Não merece punição	1.1	4.3
	Repreensão verbal	19.7	25.0
	Suspensão de aulas	43.1	59.1
	Expulsão da escola	36.2	11.6
	Total	100.0	100.0
Tentar beijar ou agarrar alguém sem o consentimento da pessoa.	Não merece punição	8.9	9.8
	Repreensão verbal	45.0	42.9
	Suspensão de aulas	24.1	32.5
	Expulsão da escola	22.0	14.7
	Total	100.0	100.0
Ofender alguém por causa da cor da pele.	Não merece punição	1.1	1.9
	Repreensão verbal	18.0	21.0
	Suspensão de aulas	32.8	38.9
	Expulsão da escola	48.1	38.3
	Total	100.0	100.0

Por fim, a tabela 27 apresenta diferenças de disposição nos dois segmentos para o enfrentamento do problema da violência na escola.

Tabela 27 - Indicadores de atitude em face da violência por tipo de escola (%)

Indicadores	Escola Pública	Escola Particular
Para você, o problema da violência nas escolas é:		
Impossível de ser resolvido	2.1	2.4
Difícil de ser resolvido	64.1	75.2
Fácil de ser resolvido	19.3	8.5
Não sei se pode ser resolvido ou não	14.6	13.9
Total	100.0	100.0
“Por mais pobre e sofrida que seja uma pessoa, ela tem sempre a liberdade de escolher se vai cometer um crime ou não.”		
Discordo muito	6.8	10.9
Discordo em parte	7.8	7.3
Não tenho opinião formada	10.9	7.9
Concordo em parte	14.1	16.4
Concordo muito	60.4	57.6
Total	100.0	100.0
“Têm pessoas que são violentas por natureza.”		
Discordo muito	35.1	26.1
Discordo em parte	17.3	17.6
Não tenho opinião formada	6.8	8.5
Concordo em parte	24.1	34.5
Concordo muito	16.8	13.3
Total	100.0	100.0

Embora nos dois segmentos predomine a opinião de que o problema da violência nas escolas é difícil de ser resolvido, os alunos de escolas particulares mostraram-se mais convencidos disso. Em contrapartida, a opinião de que o problema é fácil de ser resolvido é maior entre os alunos de escolas públicas.

Alunos de escolas públicas e particulares opinam de modo parecido sobre a tese de que a pobreza não cerceia em última instância a liberdade de escolha e a rejeição da prática criminosa. No que se refere à afirmação “têm pessoas que são violentas por natureza”, os alunos ficaram bem divididos. Nas escolas públicas, o índice de discordância foi um pouco mais acentuado, enquanto que nas escolas particulares, o índice de concordância foi um pouco maior.

#### 4.3. Efeitos do Estilo de Vida dos Jovens

Foge ao escopo da presente pesquisa avaliar teórica e metodologicamente a contribuição da tipologia elaborada por Javier Elzo (ela evidencia empiricamente, por exemplo, que a violência juvenil associa-se mais fortemente com o estilo de vida notívago). Não obstante isso, considerou-se que ela constitui um ponto de partida valioso para o estudo dessa problemática no

contexto brasileiro. Nesse sentido, decidimos adaptar a bateria de itens utilizada por ELZO ao nosso próprio questionário de pesquisa, aplicando aos dados coletados uma análise de agrupamentos (*cluster analysis*).

A tabela 28 apresenta o conjunto de atividades mensuradas nesta pesquisa. Por certo, qualquer estudo mais aprofundado dessa questão demandará uma formulação mais adequada desses itens ao contexto nacional. Pode-se argumentar, por exemplo, que “ir ao cinema” e “ir ao teatro”, tomados como indicadores de estilo de vida, não são atividades equivalentes no Brasil. Ir ao cinema em nosso contexto está mais relacionado com passear no *shopping* do que com ler livros por diversão. Acresça-se, aliás, que as salas de cinema estão cada vez mais restritas aos shoppings e os filmes exibidos cada vez mais restritos ao entretenimento fácil. Na mesma direção, a inclusão de pintura e de música dentro da expressão “desenvolve atividades artísticas” pode gerar ambigüidade. Ouvir música, “arranhar um violão” e dedicar-se ao aprendizado de um instrumento musical são coisas distintas. Ademais, chega a ser difícil estimar o significado da dedicação à pintura entre jovens brasileiros. Defeitos de elaboração à parte, o quadro de atividades apresentados na tabela 28 parece se prestar à análise dos estilos de vida dos jovens por meio da análise de agrupamentos.

Tabela 28 - Indicadores de estilo de vida dos jovens (%)

indicador	Nunca	Às vezes	Sempre	total
* Ajudo nas atividades domésticas (limpeza, compras, etc)	4.2	48.7	47.1	100.0
* Falo com os meus pais sobre os estudos	8.8	55.8	35.4	100.0
* Vou à Igreja (culto, missa, grupo de jovens, etc)	13.8	44.2	42.0	100.0
* Saio com os amigos, à noite, para festas, barzinhos, boates	23.8	51.8	24.4	100.0
* Pratico esportes (além das aulas de educação física)	22.8	48.1	29.1	100.0
* Leio livros por diversão, nas horas vagas	34.4	48.2	17.5	100.0
* Divirto-me em salas de games (fliperama, jogos em rede, etc)	52.1	33.4	14.4	100.0
* Vou passear em shoppings	7.7	62.7	29.6	100.0
* Divirto-me ao computador (email, orkut, sites, jogos, etc)	11.0	39.1	49.9	100.0
* Vou ao teatro ou a espetáculos musicais	54.0	39.5	6.5	100.0
* Vou ao cinema	9.4	71.6	19.0	100.0
* Visito ou saio com parentes (primos, tios, etc)	14.0	45.5	40.4	100.0
* Desenvolvo atividades artísticas (pintura, dança, música, etc)	50.1	32.4	17.5	100.0
* Assisto televisão	2.3	30.1	67.6	100.0

A análise de agrupamentos é um conjunto de técnicas estatísticas que visa a identificar grupos de objetos homogêneos. Não obstante existam vários procedimentos e métodos de agrupamento, a idéia básica dessa análise é maximizar a homogeneidade de objetos dentro dos grupos ao mesmo tempo em que maximiza a heterogeneidade entre os grupos. O resultado obtido não possui base inferencial.<sup>30</sup> No presente caso, após realizarmos as devidas simulações, concluímos pela utilização de procedimento não-hierárquico, escolha aleatória das sementes, e formação de 3 (três) agrupamentos. A tabela 28 apresenta o resultado dessa análise.

Fundamentalmente, importa observar que não se verificou entre os jovens pesquisados os quatro estilos de vida identificados por Javier Elzo no contexto espanhol. Na melhor das hipóteses, os estilos de vida apontados pelo sociólogo espanhol aparecem aqui “simplificados” em duas categorias: notívago-cibernético e caseiro-culto. Além disso, no contexto pesquisado

<sup>30</sup> Cf. Hair, J.F. Jr., Anderson, R.E., Tatham, R.L. e Black, W.C. **Análise multivariada de dados**, Porto Alegre, Bookman, 2005.

(população estudantil do ensino médio do DF e entorno) identificamos uma terceira categoria de jovens cujo estilo de vida se caracteriza por significativo “Isolamento doméstico”. Assim sendo, os três estilos de vida juvenil identificados pela pesquisa apresentam as seguintes características distintas:

- 1) Notívago-cibernético – grupo de jovens que se destaca por empregar o tempo livre divertindo-se ao computador, praticando esportes, passeando em shoppings, freqüentando bares, boates e festas, e indo ao cinema;
- 2) Culto-caseiro – grupo de jovens que se destaca por empregar o tempo livre desenvolvendo atividades artísticas, conversando com os pais sobre estudos e amigos, participando de grupos religiosos e lendo por diversão;
- 3) Isolamento doméstico – grupo de jovens que se destaca por empregar o tempo livre auxiliando nos afazeres domésticos (sem, contudo, conversar tanto com os pais sobre os estudos e os amigos quanto os jovens da categoria anterior).

A tabela 29 detalha o peso empírico assumido pelos indicadores utilizados face a face os estilos de vida gerados pela análise de agrupamentos.

**Tabela 29 - Estilos de vida dos jovens por indicadores determinantes (diferenças de médias – escala de 1 a 3 pontos)\***

indicador	Notívago-cibernético	Caseiro-culto	Isolamento doméstico	Total
* Ajudo nas atividades domésticas (limpeza, compras, etc)	2.2	2.5	2.6	2.4
* Falo com os meus pais sobre os estudos	2.1	2.6	2.2	2.3
* Vou à Igreja (culto, missa, grupo de jovens, etc)	2.0	2.5	2.3	2.3
* Saio com os amigos, à noite, para festas, barzinhos, boates	2.4	1.9	1.7	2.0
* Pratico esportes (além das aulas de educação física)	2.6	2.0	1.6	2.1
* Leio livros por diversão, nas horas vagas	1.5	2.2	1.8	1.8
* Divirto-me em salas de games (fliperama, jogos em rede, etc)	2.2	1.5	1.2	1.6
* Vou passear em shoppings	2.4	2.3	1.9	2.2
* Divirto-me ao computador (email, orkut, sites, jogos, etc)	2.7	2.4	2.1	2.4
* Vou ao teatro ou a espetáculos musicais	1.4	1.9	1.3	1.5
* Vou ao cinema	2.3	2.2	1.8	2.1
* Visito ou saio com parentes (primos, tios, etc)	2.3	2.6	1.9	2.3
* Desenvolvo atividades artísticas (pintura, dança, música, etc)	1.5	2.4	1.2	1.7
* Assisto televisão	2.8	2.7	2.5	2.6
Número (e %) de jovens por estilo de vida	113 (35%)	106 (32%)	108 (33%)	327 (100%)

\* Escala de 1 a 3 pontos, sendo 1=Nunca, 2=Às vezes, 3=Sempre.

A participação cívica das pessoas constitui um aspecto complementar importante com respeito ao estilo de vida que elas levam. Por certo, não se espera que os jovens, pelo simples fato de serem jovens, tenham uma inserção cívica muito grande. Entretanto, vale a pena conferir se existe alguma inserção nesse sentido. É o que informa a tabela 30.

**Tabela 30 – Indicadores de participação cívica por estilo de vida do jovem**

Participação		Notívago- cibernético	Culto- caseiro	Isolamento doméstico	Total
Grupo religioso	Não	74,3	39,6	47,2	54,1
	Sim	25,7	60,4	52,8	45,9
		100,0	100,0	100,0	100,0
Grêmio escolar	Não	92,9	98,1	98,1	96,3
	Sim	7,1	1,9	1,9	3,7
		100,0	100,0	100,0	100,0
Associação comunitária	Não	97,3	97,2	97,2	97,2
	Sim	2,7	2,8	2,8	2,8
		100,0	100,0	100,0	100,0
Partido político ou sindicato	Não	98,2	98,1	98,1	98,2
	Sim	1,8	1,9	1,9	1,8
		100,0	100,0	100,0	100,0
Grupo cultural (banda, coral, etc...)	Não	84,1	75,5	92,6	84,1
	Sim	15,9	24,5	7,4	15,9
		100,0	100,0	100,0	100,0

De fato, a participação cívica é baixa entre os jovens pesquisados, exceção feita à inserção em grupos religiosos (45,9% disseram participar desse tipo de grupo). Em todo caso, a tendência geral evidenciada pelos dados é de uma maior participação cívica entre os jovens cultocaseiros e de menor participação cívica entre os notívago-cibernéticos. Infelizmente, no que tange ao segmento que diz participar de grupos religiosos, os dados obtidos não permitem distinguir aqueles que se limitam assistir os cultos de suas igrejas ou seitas e aqueles que se dedicam mais intensamente à prática religiosa (coral da igreja, visita a asilos etc.). Essa poderia esclarecer melhor a participação relativamente elevada dos jovens que vivem em isolamento doméstico nesse tipo de associação voluntária (52,8%). No caso dos jovens notívago-cibernéticos, caberia conjecturar se a baixa participação cívica não seria a contrapartida de uma elevada dose de narcisismo nesse segmento social.

Quando referimos o estilo de vida dos jovens ao tipo de escola que freqüentam, conforme mostra a tabela 31, verificamos que o isolamento doméstico predomina nas escolas públicas e o estilo notívago-cibernético nas escolas particulares. É importante notar, porém, que

os jovens culto-caseiros distribuem-se proporcionalmente nos dois tipos de escolas (e que as escolas públicas e particulares pesquisadas apresentam aproximadamente a mesma proporção de jovens culto-caseiros).

**Tabela 31 – Estilo de vida do jovem por tipo de escola (% linha e coluna)**

	Notívago- cibernético	Culto- caseiro	Isolamento doméstico	Total
Tipo de escola				
Pública	28,2	31,2	40,6	100,0
Particular	41,4	33,8	24,8	100,0
Tipo de escola				
Pública	42,5	50,0	63,9	52,0
Particular	57,5	50,0	36,1	48,0
	100,0	100,0	100,0	100,0

Nas escolas públicas estudadas, um maior número de jovens encontra-se no grupo isolamento doméstico. Já nas particulares, a maioria dos estudantes encontra-se no grupo notívago-cibernético.

A tabela 32 informa sobre o perfil sócio-demográfico por estilo de vida dos jovens.



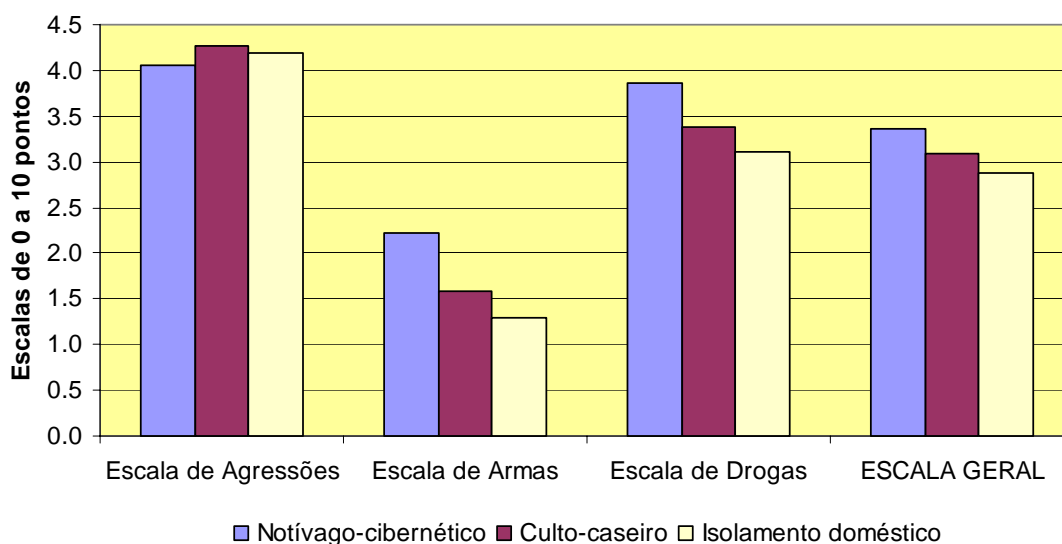
Tabela 32 - Perfil sócio-demográfico por estilo de vida do jovem (%)

		Notívago- cibernético	Culto- caseiro	Isolamento doméstico
Sexo	Masculino	71.4	22.6	29.6
	Feminino	28.6	77.4	70.4
	Total	100.0	100.0	100.0
Idade (média em anos)		16.8	16.8	17.0
Com quem reside	Família nuclear completa	69.0	69.8	64.5
	Outra situação	31.0	30.2	35.5
	Total	100.0	100.0	100.0
Situação laboral	Inativo	58.9	60.4	50.9
	Desempregado	31.3	25.5	28.7
	Trabalhando	9.8	14.2	20.4
	Total	100.0	100.0	100.0
Escolaridade do pai	Primeiro grau	30.0	31.0	46.3
	Segundo grau	40.9	35.0	29.5
	Terceiro grau	29.1	34.0	24.2
	Total	100.0	100.0	100.0
Escolaridade da mãe	Primeiro grau	21.8	27.9	42.3
	Segundo grau	53.6	48.1	39.4
	Terceiro grau	24.5	24.0	18.3
	Total	100.0	100.0	100.0

É notável o predomínio do sexo masculino entre os jovens notívago-cibernéticos. Isso se deve, provavelmente, ao fato de os pais ainda exercerem maior controle sobre as meninas do que sobre os meninos, quando se trata de sair à noite sozinhas, especialmente para freqüentar bares. De outra parte, é importante observar também o predomínio do sexo feminino tanto entre jovens culto-caseiros quanto entre aqueles que vivem em isolamento doméstico. Em relação a esse último segmento, cabe destacar a presença um pouco menor da família nuclear completa e uma maior incidência de trabalho remunerado. A proporção relativamente elevada de desempregados entre os jovens notívago-cibernéticos mereceria ser mais bem investigada.

Consideremos, agora, os diferenciais de percepção acerca da violência escolar associados com o estilo de vida dos jovens. O gráfico 8 sintetiza essas diferenças de percepção em relação à ocorrência de violência nas escolas onde os jovens estudam.

**Gráfico 8 - Escalas específicas e geral de violência percebida por estilo de vida do jovem (todas de 0 a 10 pontos)**



De fato, não notamos diferenças acentuadas entre os diferentes estilos de vida dos jovens seja na escala geral seja nas escalas parciais. Por certo, os jovens notívago-cibernéticos apresentam um grau levemente mais acentuado nas escalas de armas, drogas e na própria escala geral. Nota-se também, no caso da escala de agressões, uma certa ascendência dos jovens culto-caseiros. Em todo caso, as diferenças não são muito grandes.

Novamente aqui, contudo, precisamos analisar mais detidamente se existem diferenças de percepção entre os estilos de vida em relação a tipos específicos de violência, diferenças essas eventualmente apagadas pela agregação desses indicadores na construção das referidas escalas.

A tabela 33 trata dos tipos e intensidade das agressões por estilo de vida do jovem.

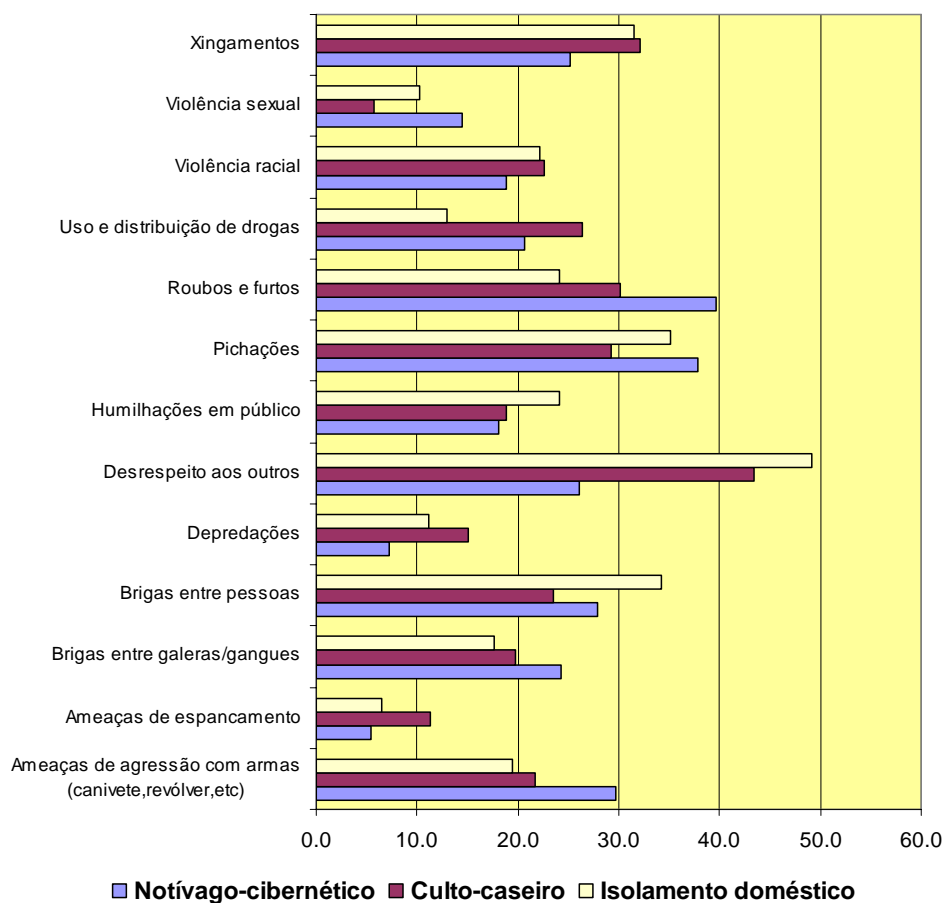
**Tabela 33 – Tipos e intensidade de agressões na escola por estilo de vida do jovem (%)**

		Notívago- cibernético	Culto- caseiro	Isolamento doméstico
Ameaças de agressão com armas (canivete, revólver, etc)	Nunca	75,0	78,3	75,9
	Às vezes	24,1	20,8	22,2
	Sempre	0,9	0,9	1,9
	Total	100,0	100,0	100,0
Ameaças de espancamento.	Nunca	43,6	53,8	51,9
	Às vezes	45,5	37,7	39,6
	Sempre	10,9	8,5	8,5
	Total	100,0	100,0	100,0
Brigas entre galeras/gangues.	Nunca	38,4	41,9	43,5
	Às vezes	50,9	48,6	48,1
	Sempre	10,7	9,5	8,3
	Total	100,0	100,0	100,0
Brigas entre pessoas.	Nunca	10,6	10,4	9,3
	Às vezes	77,9	71,7	78,7
	Sempre	11,5	17,9	12,0
	Total	100,0	100,0	100,0
Depredações	Nunca	58,9	44,8	54,2
	Às vezes	29,5	36,2	29,9
	Sempre	11,6	19,0	15,9
	Total	100,0	100,0	100,0
Desrespeito aos outros.	Nunca	8,8	8,6	6,5
	Às vezes	56,6	46,7	49,1
	Sempre	34,5	44,8	44,4
	Total	100,0	100,0	100,0
Humilhações em público.	Nunca	29,2	23,1	30,6
	Às vezes	46,9	57,7	48,1
	Sempre	23,9	19,2	21,3
	Total	100,0	100,0	100,0
Pichações.	Nunca	17,7	9,4	12,0
	Às vezes	31,0	46,2	35,2
	Sempre	51,3	44,3	52,8
	Total	100,0	100,0	100,0
Roubos e furtos.	Nunca	29,5	18,1	25,9
	Às vezes	51,8	61,9	48,1
	Sempre	18,8	20,0	25,9
	Total	100,0	100,0	100,0
Uso e distribuição de drogas.	Nunca	64,3	60,4	71,3
	Às vezes	23,2	32,1	16,7
	Sempre	12,5	7,5	12,0
	Total	100,0	100,0	100,0
Violência racial.	Nunca	45,1	44,8	44,4
	Às vezes	43,4	44,8	42,6
	Sempre	11,5	10,5	13,0
	Total	100,0	100,0	100,0
Violência sexual.	Nunca	86,6	84,5	81,5
	Às vezes	10,7	13,6	14,8
	Sempre	2,7	1,9	3,7
	Total	100,0	100,0	100,0
Xingamentos.	Nunca	1,8		1,9
	Às vezes	19,5	27,6	16,8
	Sempre	78,8	72,4	81,3
	Total	100,0	100,0	100,0

Não observamos na tabela 33 diferenças expressivas entre os estilos de vida dos jovens com respeito a nenhum dos indicadores específicos de agressão.

O gráfico 9, porém, indica que a definição de prioridades no combate à agressão não é indiferente ao estilo de vida dos jovens.

**Gráfico 9 - Problemas de agressão na escola que o respondente atacaria primeiro por estilo de vida do jovem de escola (múltipla escolha - %)**



De acordo com o gráfico 9, os alunos do estilo de vida notívago-cibernético atacariam, primeiramente, os roubos e furtos; em seguida, as pichações. Já os alunos de estilo culto-caseiro dariam maior importância ao desrespeito aos outros e, em segundo lugar, aos xingamentos. Assim como os de estilo culto-caseiro, em primeiro lugar, os alunos do grupo isolamento doméstico trabalhariam a questão do desrespeito aos outros, porém, em segundo lugar, seguindo a indicação dos alunos de estilo notívago-cibernético, atacariam as pichações.

As tabelas 34 e 35, referentes à presença de armas e drogas, respectivamente, também sugerem algumas segmentações de opiniões em função do estilo de vida dos jovens.

**Tabela 34 - Armas na escola por estilo de vida do jovem (%)**

		Notívago- cibernético	Culto- caseiro	Isolamento doméstico
Arma de fogo (revolver, pistola) na escola?	Nunca	76.8	89.3	89.5
	Uma vez	15.2	7.8	7.6
	Algumas vezes	6.3	1.9	1.9
	Muitas vezes	1.8	1.0	1.0
	Total	100.0	100.0	100.0
Arma branca (canivete, faca) na escola?	Nunca	46.0	58.7	63.0
	Uma vez	29.2	24.0	22.2
	Algumas vezes	20.4	16.3	13.9
	Muitas vezes	4.4	1.0	0.9
	Total	100.0	100.0	100.0
Outro tipo de arma (pedra, soqueira) na escola?	Nunca	55.9	65.1	70.5
	Uma vez	13.5	9.4	11.4
	Algumas vezes	21.6	14.2	14.3
	Muitas vezes	9.0	11.3	3.8
	Total	100.0	100.0	100.0

Tabela 35 - Drogas na escola por estilo de vida do jovem (%)

		Notívago- cibernético	Culto- caseiro	Isolamento doméstico
Alcool (cerveja, pinga)	Nunca	4.4	4.7	16.7
	Uma vez	6.2	15.1	15.7
	Algumas vezes	29.2	36.8	25.0
	Muitas vezes	60.2	43.4	42.6
	Total	100.0	100.0	100.0
Cigarro	Nunca	12.5	16.0	16.7
	Uma vez	6.3	3.8	9.3
	Algumas vezes	32.1	31.1	24.1
	Muitas vezes	49.1	49.1	50.0
	Total	100.0	100.0	100.0
Maconha	Nunca	48.2	60.0	65.7
	Uma vez	8.2	7.6	7.4
	Algumas vezes	21.8	21.0	13.9
	Muitas vezes	21.8	11.4	13.0
	Total	100.0	100.0	100.0
Inalante (éter, cola, lança)	Nunca	63.3	72.4	77.8
	Uma vez	5.5	6.7	2.8
	Algumas vezes	14.7	13.3	11.1
	Muitas vezes	16.5	7.6	8.3
	Total	100.0	100.0	100.0
Cocaína	Nunca	88.2	87.6	89.8
	Uma vez	3.6	4.8	2.8
	Algumas vezes	3.6	4.8	2.8
	Muitas vezes	4.5	2.9	4.6
	Total	100.0	100.0	100.0
Crack	Nunca	95.5	92.4	93.5
	Uma vez	2.7	1.9	3.7
	Algumas vezes		4.8	0.9
	Muitas vezes	1.8	1.0	1.9
	Total	100.0	100.0	100.0

De modo geral, os jovens notívago-cibernéticos são os que mais apontam a presença de armas e drogas nas escolas. Os jovens que vivem o isolamento doméstico são os que apontam menor incidência desses delitos. É particularmente acentuada a referência ao consumo de maconha na escola na opinião dos jovens notívago-cibernéticos.

A tabela 36 informa sobre a relação entre estilo de vida e o envolvimento pessoal em situações de violência.

Tabela 36 - Vítima, algoz ou ambos por estilo de vida do jovem (%)

		Notívago- cibernético	Culto- caseiro	Isolamento doméstico
Já agrediu ou foi agredido na escola?	Nunca	57.8	77.7	72.0
	Já foi vítima	13.8	10.7	9.3
	Já foi vítima e algoz	11.9	5.8	9.3
	Já foi algoz	16.5	5.8	9.3
		100.0	100.0	100.0

O contraste observável, nesse caso, é principalmente entre jovens notívago-cibernéticos e jovens culto-caseiros. Apenas 57,8% dos primeiros disseram nunca ter se envolvido pessoalmente em situações de violência (contra 77,7% dos segundos). Além disso, 16,5% dos jovens notívago-cibernéticos disseram já ter sido algozes de outrem, violação assumida por apenas 5,8% dos jovens culto-caseiros.

A tabela 37 permite ver o efeito do estilo de vida sobre alguns indicadores de insegurança.

Tabela 37 - Indicadores de insegurança por estilo de vida do jovem (%)

Indicadores		Notívago- cibernético	Culto- caseiro	Isolamento doméstico
Considera que a violência em sua escola está:	Diminuindo	40,7	37,1	31,7
	A mesma	42,5	49,5	60,6
	Aumentando	16,8	13,3	7,7
	Total	100,0	100,0	100,0
Considera que o respeito pelos professores em sua escola está:	Diminuindo	21,2	29,2	28,0
	O mesmo	67,3	58,5	63,6
	Aumentando	11,5	12,3	8,4
	Total	100,0	100,0	100,0
De uma maneira geral, você diria que se sente:	Tão seguro na escola quanto em casa	29,5	22,9	20,8
	Mais seguro em casa	55,4	60,0	66,0
	Mais seguro na escola	2,7	1,0	
	Inseguro tanto em casa quanto na escola	12,5	16,2	13,2
	Total	100,0	100,0	100,0
1) A rua é um lugar de perigo (assaltos, acidentes de trânsito). 2) A rua é um lugar de diversão (passear, shows). 3) A rua é um espaço de locomoção (ir ao trabalho, fazer compras).	Concordo mais com a primeira	24,3	28,4	31,4
	Concordo mais com a segunda	56,1	32,4	28,6
	Concordo mais com a terceira	19,6	39,2	40,0
	Total	100,0	100,0	100,0
Os meus melhores amigos ou amigas:	Não são meus parentes e não estudam na minha escola	20,8	22,7	32,7
	Não são meus parentes, mas estudam na minha escola	50,0	50,5	28,7
	São meus parentes, mas não estudam na minha escola	21,7	19,6	29,7
	São meus parentes e estudam na minha escola	7,5	7,2	8,9
	Total	100,0	100,0	100,0

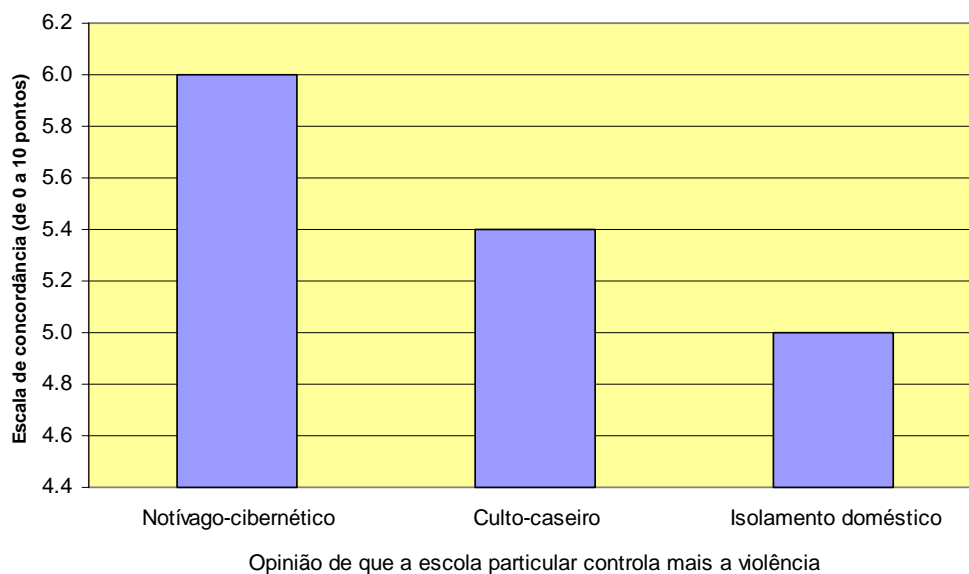
Os alunos dos três estilos, de maneira geral, consideram que a violência em suas respectivas escolas é a mesma. Não aumenta, nem diminui. Mesma análise é feita quando nos referimos ao respeito dado aos professores. Os alunos também alegam se sentir mais seguros em casa do que na escola.

Das três afirmativas analisadas, os alunos de estilo notívago-cibernético concordam mais com a segunda, que é “a rua é um lugar de diversão”. Já os alunos dos dois outros estilos concordam mais com a terceira, que é “a rua é um espaço de locomoção”.

De maneira geral, os alunos de estilo isolamento doméstico afirmam que os melhores amigos não são seus parentes e não estudam na mesma escola. Já os estudantes dos outros dois estilos consideram os melhores amigos não sendo parentes, mas pertencentes à mesma escola.

O gráfico 10 permite ver, de forma sintética, se o estilo de vida do jovem está relacionado com a opinião de que a escola particular controla mais a incidência da violência em seu âmbito do que a escola pública.

**Gráfico 10 – Comparação escola pública/particular por estilo de vida do jovem**



O gráfico indica que os jovens notívago-cibernéticos são os que mais concordam com essa tese, em contraste principalmente com os jovens que vivem em isolamento doméstico.



Entretanto, quando nos detemos nos indicadores específicos que compõem o indicador sintético, observamos nuances importantes de opinião entre os três estilos de vida. É o que mostra a tabela 38, abaixo apresentada. Em relação ao primeiro indicador, não observamos diferenças expressivas entre os três estilos de vida. Quando atentamos para os demais indicadores, porém, notamos que a opinião dos jovens notívago-cibernéticos está baseada principalmente nos indicadores que tratam da capacidade “repressiva” das escolas particulares (pais “pegam no pé” e é mais fácil “expulsar”). De outra parte, os jovens culto-caseiros aproximam-se da tese de que as escolas particulares controlam mais a violência tendo por base principalmente os indicadores que tratam da “atenção” dedicada pelas escolas aos alunos (direção “ouve mais as reclamações” e professores “dão mais atenção”).

**Tabela 38 – Comparação escola pública/particular por estilo de vida do jovem (%)**

Opinião		Notívago- cibernético	Culto- caseiro	Isolamento doméstico
A violência é a mesma, tanto nas escolas públicas, quanto nas particulares.	Discordo muito	22,1	20,0	16,8
	Discordo em parte	37,2	31,4	34,6
	Não tenho opinião formada	7,1	2,9	6,5
	Concordo em parte	24,8	36,2	26,2
	Concordo muito	8,8	9,5	15,9
	Total	100,0	100,0	100,0
Os pais de alunos que estudam nas escolas privadas pegam mais no pé dos filhos quanto ao comportamento na escola do que os pais de alunos que estudam em escolas públicas.	Discordo muito	15,9	22,9	17,6
	Discordo em parte	14,2	23,8	16,7
	Não tenho opinião formada	8,0	1,0	4,6
	Concordo em parte	36,3	33,3	35,2
	Concordo muito	25,7	19,0	25,9
	Total	100,0	100,0	100,0
É mais fácil expulsar um aluno violento de uma escola privada do que de uma escola pública.	Discordo muito	18,9	27,4	24,1
	Discordo em parte	16,2	17,0	9,3
	Não tenho opinião formada	11,7	7,5	13,9
	Concordo em parte	26,1	26,4	23,1
	Concordo muito	27,0	21,7	29,6
	Total	100,0	100,0	100,0
A direção e a coordenação pedagógica das escolas privadas ouve mais as reclamações dos alunos do que a direção das escolas públicas.	Discordo muito	9,7	11,3	10,2
	Discordo em parte	13,3	15,1	11,1
	Não tenho opinião formada	16,8	15,1	14,8
	Concordo em parte	38,1	35,8	32,4
	Concordo muito	22,1	22,6	31,5
	Total	100,0	100,0	100,0
Os professores dão mais atenção aos alunos nas escolas particulares do que nas escolas públicas.	Discordo muito	11,5	18,9	15,7
	Discordo em parte	15,9	18,9	21,3
	Não tenho opinião formada	22,1	3,8	11,1
	Concordo em parte	21,2	31,1	25,9
	Concordo muito	29,2	27,4	25,9
	Total	100,0	100,0	100,0

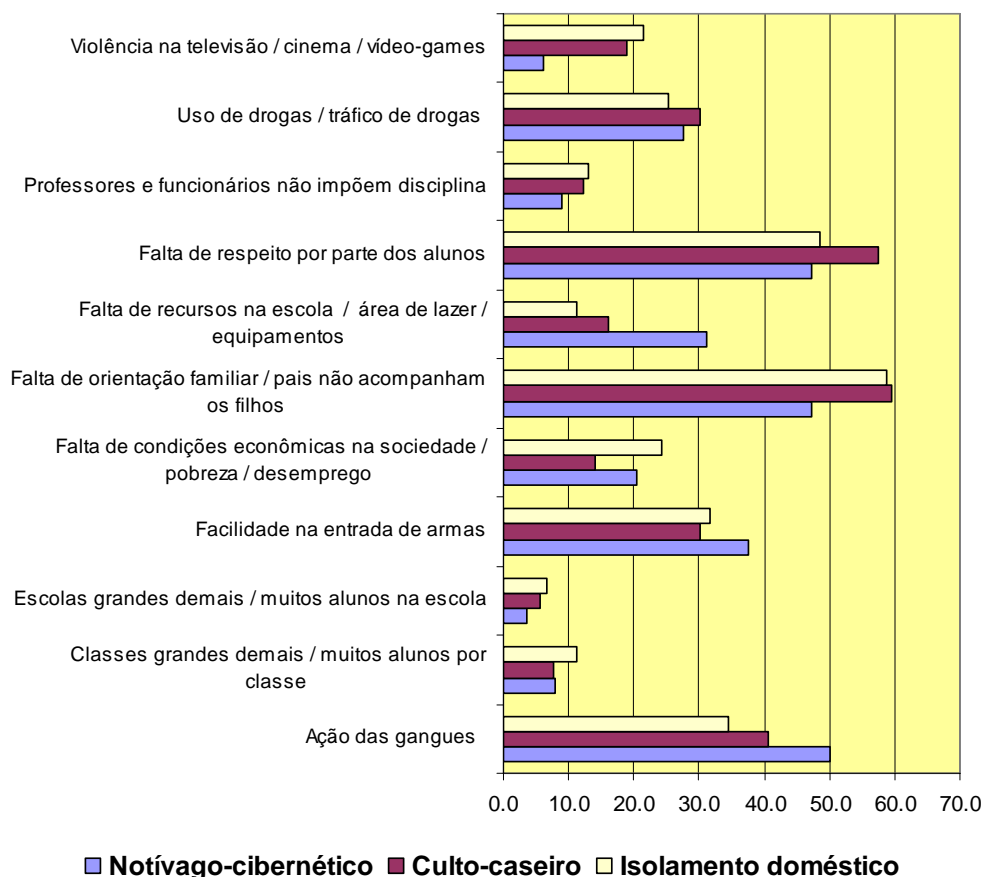
Os alunos dos três estilos discordam, em sua maioria, da opinião de que a violência é a mesma, tanto nas escolas públicas quanto nas particulares. Consideram, portanto, que há diferença entre os dois âmbitos de ensino, quando o assunto é violência.

Os alunos concordam, em geral, com a afirmativa de que os pais de alunos que estudam nas escolas privadas pegam mais no pé dos filhos quanto ao comportamento na escola do que os pais de alunos que estudam em escolas públicas. Concordam também com a afirmativa de que é mais fácil expulsar um aluno de uma escola privada do que de uma escola pública, o que dá a

idéia de maior rigor dos pais e das próprias instituições privadas de ensino, no que se refere ao controle do comportamento do jovem.

O efeito do estilo de vida do jovem sobre a atribuição de causas à violência é mostrado pelo gráfico 11.

**Gráfico 11 - Causas atribuídas à violência por estilo de vida do jovem (múltipla escolha - %)**



Os alunos de estilo culto-caseiro e isolamento doméstico levantaram a falta de orientação familiar, em primeiro, e a falta de respeito por parte dos alunos, em segundo. Já os de estilo notívago-cibernético consideraram, como primeira causa, a ação das gangues. Em seguida, a falta de orientação familiar e a falta de respeito por parte dos alunos dividem o segundo lugar. Novamente, observa-se a importância do núcleo familiar na formação dos jovens e o desrespeito de muitos estudantes. Vale ressaltar também a relevância dada pelos alunos de estilo notívago-cibernético, quanto à ação das gangues no interior das escolas.

A tabela 39 informa sobre a associação entre o estilo de vida do jovem e o “senso de punição” em relação à conduta desviante.

**Tabela 39 - Punição atribuída a comportamento desviante por estilo de vida do jovem (%)**

Indicador		Notívago- cibernético	Culto- caseiro	Isolamento doméstico
Pegar escondido algum objeto de pouco valor de um colega (algo que custe menos que 50 reais).	Não merece punição	0.9	0.9	
	Repreensão verbal	38.9	39.6	45.3
	Suspensão de aulas	43.4	37.7	42.5
	Expulsão da escola	16.8	21.7	12.3
	Total	100.0	100.0	100.0
Danificar de propósito bens da escola, como carteiras, vidraças, banheiros e paredes.	Não merece punição	7.2		0.9
	Repreensão verbal	21.6	20.8	21.7
	Suspensão de aulas	55.9	50.9	49.1
	Expulsão da escola	15.3	28.3	28.3
	Total	100.0	100.0	100.0
Tentar beijar ou agarrar alguém sem o consentimento da pessoa.	Não merece punição	17.0	4.8	7.5
	Repreensão verbal	47.3	41.9	40.2
	Suspensão de aulas	22.3	31.4	29.9
	Expulsão da escola	13.4	21.9	22.4
	Total	100.0	100.0	100.0
Ofender alguém por causa da cor da pele.	Não merece punição	2.7		1.9
	Repreensão verbal	20.9	15.4	20.6
	Suspensão de aulas	37.3	36.5	32.7
	Expulsão da escola	39.1	48.1	44.9
	Total	100.0	100.0	100.0

Embora as diferenças entre os segmentos não sejam muito acentuadas, vale ressaltar que os jovens culto-caseiros são os que opinam mais duramente contra essas violações (especialmente em relação ao roubo e ao racismo). De outro lado, os jovens notívago-cibernéticos são os que opinam de maneira mais branda sobre essas violações (especialmente a agressão sexual).

Por fim, a tabela 40 informa o efeito do estilo de vida dos jovens sobre diferenças de disposição com respeito ao enfrentamento do problema da violência.

**Tabela 40 - Indicadores de atitude em face da violência por estilo de vida do jovem (%)**

Indicadores	Notívago-cibernético	Culto-caseiro	Isolamento doméstico
Para você, o problema da violência nas escolas é:			
Impossível de ser resolvido	2.7	2.8	0.9
Difícil de ser resolvido	63.4	70.8	72.2
Fácil de ser resolvido	17.9	12.3	11.1
Não sei se pode ser resolvido ou não	16.1	14.2	15.7
Total	100.0	100.0	100.0
“Por mais pobre e sofrida que seja uma pessoa, ela tem sempre a liberdade de escolher se vai cometer um crime ou não.”			
Discordo muito	8.9	11.3	7.4
Discordo em parte	8.9	7.5	8.3
Não tenho opinião formada	12.5	6.6	7.4
Concordo em parte	17.9	10.4	13.9
Concordo muito	51.8	64.2	63.0
Total	100.0	100.0	100.0
“Têm pessoas que são violentas por natureza.”			
Discordo muito	27.7	32.4	34.3
Discordo em parte	17.0	21.0	14.8
Não tenho opinião formada	9.8	6.7	4.6
Concordo em parte	33.0	24.8	29.6
Concordo muito	12.5	15.2	16.7
Total	100.0	100.0	100.0

Embora modestas, algumas nuances de opinião podem ser observadas nessa tabela. De modo geral, os jovens notívago-cibernéticos são mais favoráveis a uma tese “naturalista” da violência do que os demais jovens. Curiosamente, porém, a tese de que o problema da violência é fácil de ser resolvido encontra adeptos principalmente entre os que vivem aquele estilo de vida.

Consideremos, agora, a terceira variável-chave da pesquisa, o ambiente social no qual a escola está localizada.

#### 4.4 Efeitos do Ambiente Social da Escola

Em primeiro lugar, cabe indagar sobre a relação entre o ambiente social da escola e o estilo de vida do jovem. De fato, não surpreende que o isolamento doméstico prepondere na periferia, conforme mostra a tabela 41. Entretanto, não deixa de ser surpreendente os jovens que vivem em isolamento doméstico estudarem principalmente na periferia (60,2% na coluna), nem que, entre os estudantes do centro, predomine o estilo culto-caseiro (36,7% na linha). Entretanto, não deixa de ser surpreendente a mesma proporção de estudantes do centro e da periferia viverem um estilo de vida notívago-cibernético (34,7% e 34,5% na linha, respectivamente), e que a proporção de jovens culto-caseiros seja basicamente a mesma no centro e na periferia (51,9% e

48% na coluna, respectivamente). Embora seja muito difícil avaliar o alcance dessa informação, talvez possamos dizer que a primeira tendência é preocupante (estilo notívago-cibernético expressivo na periferia) tanto quanto a segunda tendência é alvissareira (estilo culto-caseiro expressivo na periferia).

**Tabela 41 – Ambiente social da escola por estilo de vida do jovem (% linha e coluna)**

	Notívago- cibernético	Culto- caseiro	Isolamento doméstico	Total
Ambiente socioeconômico				
Centro	34,7	36,7	28,7	100,0
Periferia	34,5	28,8	36,7	100,0
Ambiente socioeconômico				
Centro	46,0	51,9	39,8	45,9
Periferia	54,0	48,1	60,2	54,1
	100,0	100,0	100,0	100,0

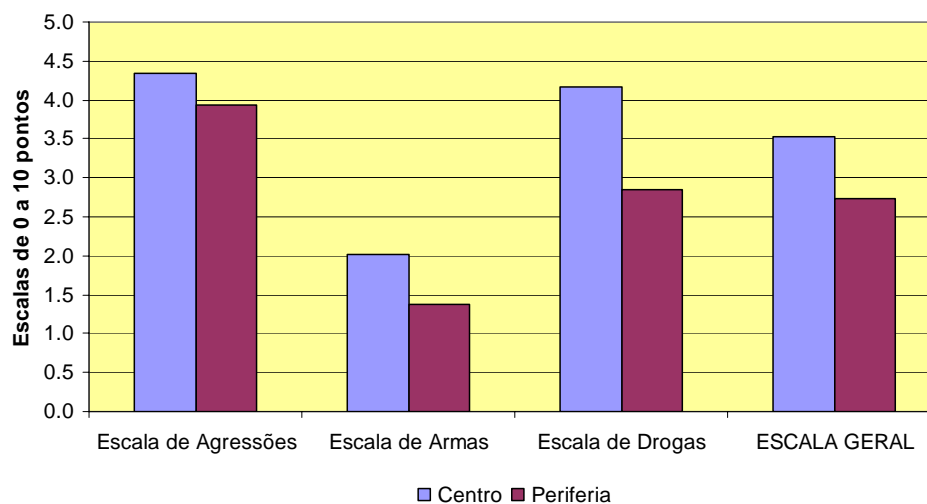
Analisando o perfil sociodemográfico por ambiente social da escola, apresentado na tabela 42, percebe-se que o percentual de homens e mulheres participantes da pesquisa é praticamente o mesmo no Centro e na Periferia. Os alunos da Periferia apresentaram uma maior média de idade e, em ambos os ambientes, a maioria dos alunos reside com a família. Também a maioria se identifica como “inativo”, não desenvolvendo nenhuma outra atividade, além dos estudos. Quanto ao nível de escolaridade, observa-se que os pais dos alunos do Centro apresentam maior tempo de estudos, se comparado com os pais dos alunos da Periferia.

Tabela 42 - Perfil sócio-demográfico por ambiente socioeconômico da escola (%)

		Centro	Periferia
Sexo	Masculino	41,2	39,6
	Feminino	58,8	60,4
	Total	100,0	100,0
Idade (média em anos)		16,6	17,1
Com quem reside	Família nuclear completa	68,3	68,4
	Outra situação	31,7	31,6
	Total	100,0	100,0
Situação laboral	Inativo	61,2	50,0
	Desempregado	30,3	30,2
	Trabalhando	8,5	19,8
	Total	100,0	100,0
Escolaridade do pai	Primeiro grau	22,7	49,7
	Segundo grau	33,8	35,8
	Terceiro grau	43,5	14,5
	Total	100,0	100,0
Escolaridade da mãe	Primeiro grau	19,9	41,1
	Segundo grau	48,4	47,0
	Terceiro grau	31,7	11,9
	Total	100,0	100,0

O gráfico 12 sintetiza o efeito do ambiente social da escola sobre a percepção da ocorrência de violência na escola. O gráfico mostra que, em todas as escalas, seja de agressões, de armas e de drogas, os alunos do Centro deram mais evidência do que os da Periferia. Esse dado é particularmente importante, mas deve ser interpretado com o devido cuidado. Ainda que os jovens estejam sendo sinceros em suas respostas, independentemente da localidade onde estudam (vale lembrar, uma vez mais, que investigações com detectores de mentira têm confirmado a veracidade desse tipo de resposta), não seria absurdo conjecturar a existência de diferenciais de “sensibilidade” à violência em função do ambiente social onde as escolas estão localizadas. Em outras palavras, caberia investigar se um processo de “banalização da violência” não estaria em curso mais acelerado na periferia do que no centro. Infelizmente, contudo, os dados coletados pela presente pesquisa não permitem testar apropriadamente essa hipótese interpretativa.

**Gráfico 12 - Escalas específicas e gerais de violência percebida por ambiente socioeconômico da escola (todas de 0 a 10 pontos)**



Aqui também, vale a pena observar o “interior” das escalas sintéticas, ou seja, os diferenciais de resposta em relação aos indicadores específicos utilizados na construção das mesmas. Vejamos, primeiramente, o que diz a tabela 43, referente aos tipos de agressão apontados pelos alunos.



Tabela 43 – Indicadores de agressões por ambiente social da escola (%)

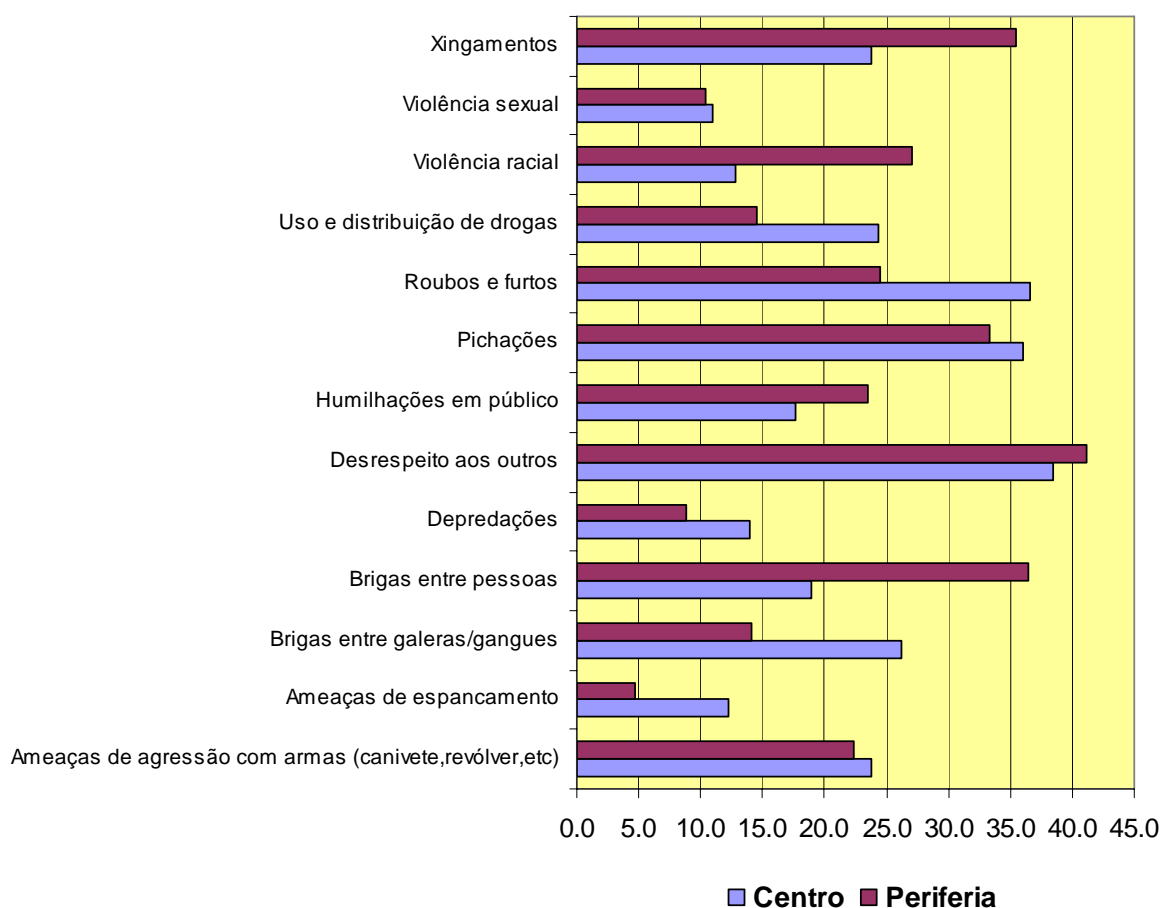
Indicador		Centro	Periferia
Ameaças de agressão com armas (canivete, revólver, etc)	Nunca	73,5	79,1
	Às vezes	25,3	19,9
	Sempre	1,2	1,0
	Total	100,0	100,0
Ameaças de espancamento.	Nunca	48,4	52,9
	Às vezes	41,0	39,7
	Sempre	10,6	7,4
	Total	100,0	100,0
Brigas entre galeras/gangues.	Nunca	29,6	52,1
	Às vezes	57,4	41,7
	Sempre	13,0	6,3
	Total	100,0	100,0
Brigas entre pessoas.	Nunca	9,8	11,5
	Às vezes	77,4	74,0
	Sempre	12,8	14,6
	Total	100,0	100,0
Depredações	Nunca	52,5	54,5
	Às vezes	32,1	30,2
	Sempre	15,4	15,3
	Total	100,0	100,0
Total	Nunca	6,1	9,4
	Às vezes	50,9	52,6
	Sempre	42,9	38,0
	Total	100,0	100,0
Desrespeito aos outros.	Nunca	6,1	9,4
	Às vezes	50,9	52,6
	Sempre	42,9	38,0
	Total	100,0	100,0
Humilhações em público.	Nunca	25,3	30,5
	Às vezes	51,9	50,5
	Sempre	22,8	18,9
	Total	100,0	100,0
Pichações.	Nunca	11,1	13,5
	Às vezes	42,0	34,9
	Sempre	46,9	51,6
	Total	100,0	100,0
Roubos e furtos.	Nunca	22,5	26,2
	Às vezes	53,8	56,0
	Sempre	23,8	17,8
	Total	100,0	100,0
Uso e distribuição de drogas.	Nunca	43,2	85,4
	Às vezes	39,5	10,9
	Sempre	17,3	3,6
	Total	100,0	100,0
Violência racial.	Nunca	51,9	38,0
	Às vezes	42,6	46,9
	Sempre	5,6	15,1
	Total	100,0	100,0
Violência sexual.	Nunca	86,3	84,2
	Às vezes	9,9	14,2
	Sempre	3,7	1,6
	Total	100,0	100,0
Xingamentos.	Nunca		2,1
	Às vezes	21,3	24,7
	Sempre	78,7	73,2
	Total	100,0	100,0

Conforme se verifica, os alunos do centro tendem a registrar maior ocorrência de violência em praticamente todos os indicadores. Vale destacar, porém, a ênfase que os jovens do centro conferem às ameaças de espancamento, brigas de galeras/gangues e uso e distribuição de drogas. Novamente aqui, suscitamos a dúvida interpretativa acerca não da sinceridade dos jovens,

mas da sensibilidade diferencial associada aos respectivos ambientes sociais. Em relação aos jovens da periferia, observou-se a ênfase conferida à violência racial.

O gráfico 13 informa sobre as prioridades no combate à violência em cada ambiente social.

**Gráfico 13 - Problemas de agressão na escola que o respondente atacaria primeiro por ambiente socioeconômico da escola (múltipla escolha - %)**



Para os alunos da Periferia, em ordem decrescente, o desrespeito aos outros, as brigas entre as pessoas e os xingamentos foram os tipos de agressão indicados como sendo os principais a serem atacados, caso pudessem resolver tais problemas. Os alunos do Centro também apresentaram como primeiro problema de agressão o desrespeito aos outros. Em seguida, roubos e furtos e pichações.

A tabela 44 refere-se à percepção sobre a presença de armas na escola.

**Tabela 44 - Armas na escola por ambiente socioeconômico da escola (%)**

		Centro	Periferia
Arma de fogo (revolver, pistola) na escola?	Nunca	82.5	87.4
	Uma vez	13.1	7.9
	Algumas vezes	3.1	3.2
	Muitas vezes	1.3	1.6
	Total	100.0	100.0
Arma branca (canivete, faca) na escola?	Nunca	52.5	61.1
	Uma vez	22.8	26.4
	Algumas vezes	21.0	11.4
	Muitas vezes	3.7	1.0
	Total	100.0	100.0
Outro tipo de arma (pedra, soqueira) na escola?	Nunca	57.8	69.5
	Uma vez	10.6	12.6
	Algumas vezes	20.5	13.2
	Muitas vezes	11.2	4.7
	Total	100.0	100.0

Embora a magnitude da presença de arma de fogo seja preocupante em si mesma, não se observou diferença muito acentuada entre o centro e a periferia (17,5% dos alunos do centro e 12,6% dos alunos da periferia já presenciaram algum aluno portando arma de fogo na própria escola). A diferença maior entre os dois ambientes sociais encontra-se na maior presença de outro tipo de arma (pedra, soqueira) entre os alunos do centro.

A tabela 45 refere-se à percepção sobre o uso de drogas.

Tabela 45 - Drogas na escola por ambiente socioeconômico da escola (%)

		Centro	Periferia
Álcool (cerveja, pinga)	Nunca	6.7	9.8
	Uma vez	11.7	11.4
	Algumas vezes	28.8	32.1
	Muitas vezes	52.8	46.6
	Total	100.0	100.0
Cigarro	Nunca	4.8	24.0
	Uma vez	6.7	5.7
	Algumas vezes	21.8	33.9
	Muitas vezes	66.7	36.5
	Total	100.0	100.0
Maconha	Nunca	36.8	75.7
	Uma vez	11.0	4.8
	Algumas vezes	28.2	11.1
	Muitas vezes	23.9	8.5
	Total	100.0	100.0
Inalante (éter, cola, lança)	Nunca	55.3	85.7
	Uma vez	8.1	2.1
	Algumas vezes	18.6	7.9
	Muitas vezes	18.0	4.2
	Total	100.0	100.0
Cocaína	Nunca	88.3	88.4
	Uma vez	3.7	4.8
	Algumas vezes	3.7	3.2
	Muitas vezes	4.3	3.7
	Total	100.0	100.0
Crack	Nunca	93.8	94.2
	Uma vez	3.1	2.1
	Algumas vezes	1.2	2.1
	Muitas vezes	1.9	1.6
	Total	100.0	100.0

Observaram-se aqui nuances muito relevantes entre o centro e a periferia. O consumo de álcool nas dependências da escola é verdadeiramente alarmante, mas não difere muito nos dois ambientes (93,3% dos alunos do centro e 91,2% alunos da periferia afirma já ter visto alguém consumindo álcool dentro da escola). O uso de cocaína e *crack*, por sua vez, embora em níveis preocupantes em função de seu poder destrutivo, também não difere muito nos dois ambientes. A percepção sobre o consumo de cigarro, maconha e inalantes, porém, é muito mais acentuada no centro do que na periferia.

A tabela 46 informa sobre o envolvimento pessoal em situações de violência em cada ambiente social.

**Tabela 46 - Vítima, algoz ou ambos por ambiente socioeconômico da escola (%)**

		Centro	Periferia
Já agrediu ou foi agredido na escola?	Nunca	69.4	71.1
	Já foi vítima	13.8	7.4
	Já foi vítima e algoz	9.4	8.4
	Já foi algoz	7.5	13.2
		100.0	100.0

Embora a proporção de alunos não envolvidos em situações de violência seja basicamente a mesma nos dois ambientes sociais, observamos uma espécie de “polarização” entre os segmentos: os alunos do centro enfatizam a condição de vítima e os alunos da periferia enfatizam a condição de algoz.

A tabela 47 diz respeito a indicadores de insegurança nos dois ambientes sociais.

**Tabela 47 - Indicadores de insegurança por ambiente socioeconômico da escola (%)**

Indicadores		Centro	Periferia
Considera que a violência em sua escola está:	Diminuindo	26,1	44,5
	A mesma	56,5	46,6
	Aumentando	17,4	8,9
	Total	100,0	100,0
Considera que o respeito pelos professores em sua escola está:	Diminuindo	28,7	24,6
	O mesmo	59,1	66,0
	Aumentando	12,2	9,4
	Total	100,0	100,0
De uma maneira geral, você diria que se sente:	Tão seguro na escola quanto em casa	29,4	20,5
	Mais seguro em casa	56,4	63,7
	Mais seguro na escola	1,2	1,1
	Inseguro tanto em casa quanto na escola	12,9	14,7
	Total	100,0	100,0
1) A rua é um lugar de perigo (assaltos, acidentes de trânsito). 2) A rua é um lugar de diversão (passear, shows). 3) A rua é um espaço de locomoção (ir ao trabalho, fazer compras).	Concordo mais com a primeira	22,5	34,3
	Concordo mais com a segunda	45,6	32,0
	Concordo mais com a terceira	31,9	33,7
	Total	100,0	100,0
Os meus melhores amigos ou amigas:	Não são meus parentes e não estudam na minha escola	28,5	22,1
	Não são meus parentes, mas estudam na minha escola	45,0	40,9
	São meus parentes, mas não estudam na minha escola	19,2	28,2
	São meus parentes e estudam na minha escola	7,3	8,8
	Total	100,0	100,0

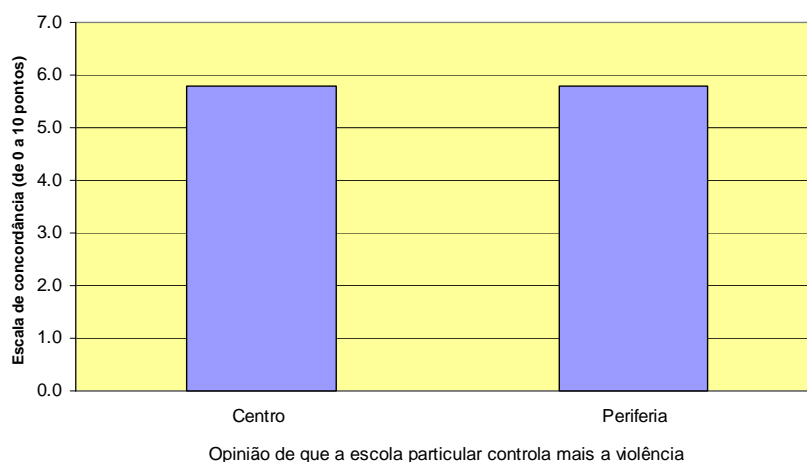
De uma maneira geral, os dados não apontam diferenças expressivas entre os dois ambientes. Os destaques ficam por conta, em primeiro lugar, da percepção mais “otimista” dos

alunos da periferia em relação ao curso declinante da violência. Além disso, observamos que os alunos do centro concebem a rua principalmente como lugar de diversão ao passo que os alunos da periferia distinguem-na como lugar de perigo.

Os alunos dos dois ambientes sociais consideram-se, em sua grande parte, mais seguros em casa do que na escola. Poucos se disseram inseguros tanto em casa quanto na escola. Finalizando a análise da tabela, os melhores amigos ou amigas dos alunos do Centro e da Periferia são, em grande parte, da própria escola, e não apresentam nenhum grau de parentesco.

O gráfico 14 sintetiza a percepção dos dois ambientes sociais com respeito à opinião de que a escola particular controla mais a violência.

**Gráfico 14 – Comparação escola pública/particular por ambiente socioeconômico da escola**



Conforme se verifica, praticamente inexistente diferença de percepção em relação a essa escala. Cabe indagar, porém, sobre eventuais diferenças em termos dos indicadores específicos utilizados na construção dessa escala sintética. É o que mostra a tabela 48.

**Tabela 48 – Comparação escola pública/particular por ambiente socioeconômico da escola (%)**

Opinião		Centro	Periferia
A violência é a mesma, tanto nas escolas públicas, quanto nas particulares.	Discordo muito	19.9	20.3
	Discordo em parte	38.5	30.2
	Não tenho opinião formada	4.3	6.8
	Concordo em parte	26.1	31.3
	Concordo muito	11.2	11.5
	Total	100.0	100.0
Os pais de alunos que estudam nas escolas privadas pegam mais no pé dos filhos quanto ao comportamento na escola do que os pais de alunos que estudam em	Discordo muito	21.2	14.1
	Discordo em parte	17.6	19.3
	Não tenho opinião formada	8.5	3.6
	Concordo em parte	37.6	31.8
	Concordo muito	15.2	31.3
	Total	100.0	100.0
É mais fácil expulsar um aluno violento de uma escola privada do que de uma escola pública.	Discordo muito	19.5	26.0
	Discordo em parte	11.0	17.2
	Não tenho opinião formada	12.8	10.9
	Concordo em parte	26.2	24.0
	Concordo muito	30.5	21.9
	Total	100.0	100.0
A direção e a coordenação pedagógica das escolas privadas ouve mais as reclamações dos alunos do que a direção das escolas públicas.	Discordo muito	9.7	11.5
	Discordo em parte	13.9	12.5
	Não tenho opinião formada	18.2	15.1
	Concordo em parte	37.0	32.8
	Concordo muito	21.2	28.1
	Total	100.0	100.0
Os professores dão mais atenção aos alunos nas escolas particulares do que nas escolas públicas.	Discordo muito	11.5	19.7
	Discordo em parte	18.8	19.2
	Não tenho opinião formada	14.5	11.4
	Concordo em parte	28.5	21.8
	Concordo muito	26.7	28.0
	Total	100.0	100.0

Apesar do alto índice de concordância, a maioria dos alunos do Centro e da Periferia discordou de que a violência é a mesma, tanto nas escolas públicas, quanto nas particulares. O fenômeno da violência pode ocorrer de maneiras e graus diferenciados, dependendo do contexto.

A maioria dos alunos dos dois ambientes sociais concorda com a afirmação de que os pais de alunos que estudam nas escolas privadas exigem mais (“pegam mais no pé”) dos filhos quanto ao comportamento na escola do que os pais de alunos que estudam em escolas públicas. O

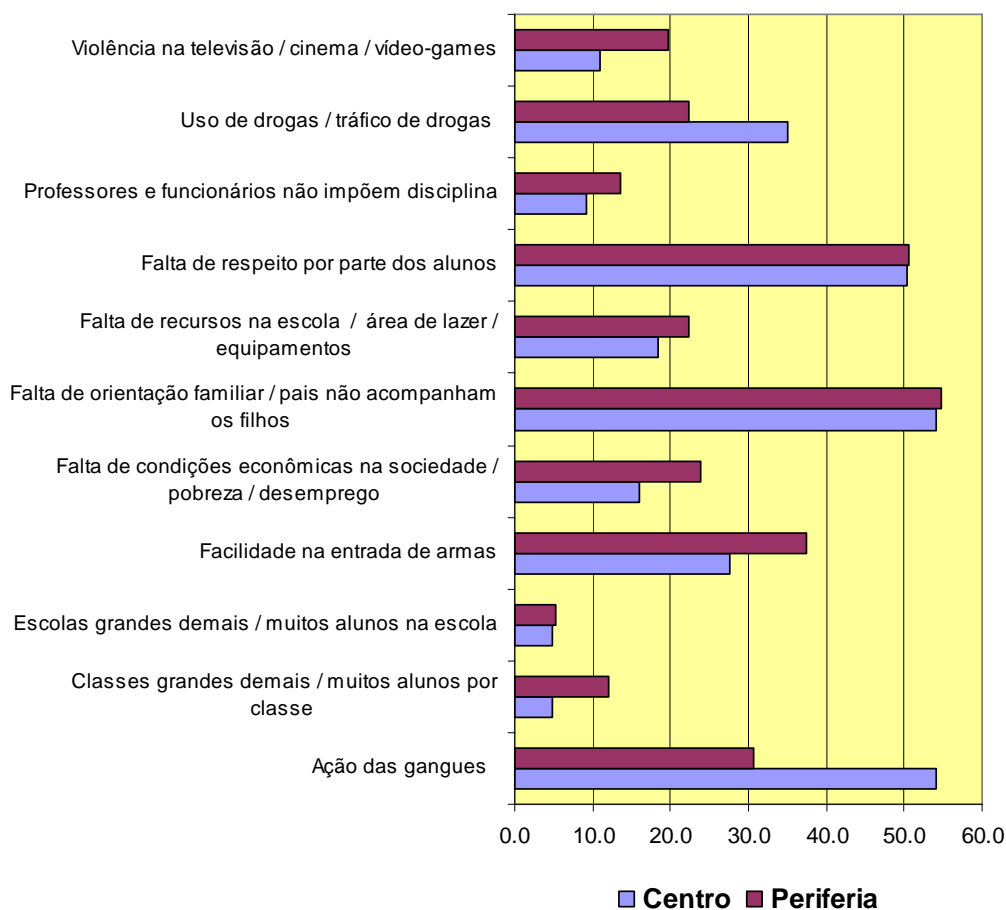
viés econômico pode estar diretamente ligado a esse fator, já que os pais, ao pagarem mensalidades na rede privada, reivindicam mais, exigem mais tanto dos filhos como da instituição de ensino.

A maioria dos alunos do Centro concorda que é mais fácil expulsar um aluno violento de uma escola privada do que de uma escola pública. Essa afirmação causou divisão de opiniões entre os estudantes da Periferia. Apesar disso, o índice de concordância mostrou-se superior, indicando, na percepção dos estudantes, a existência de maior rigor disciplinar na escola privada.

A maioria dos alunos do Centro e da Periferia concordou com a idéia de que a coordenação e a direção pedagógica das escolas particulares ouvem mais as reclamações dos alunos do que a direção das escolas públicas, reforçando a idéia de que os gestores das instituições privadas, na percepção dos alunos, mostram-se mais eficientes e profissionais, se comparado com os gestores das instituições públicas. Com os professores, ocorreu o mesmo resultado. Nos dois ambientes sociais, houve concordância da maioria quanto a uma maior atenção dada pelos professores das escolas privadas aos seus alunos.



**Gráfico 15 - Causas atribuídas à violência por ambiente socioeconômico da escola (múltipla escolha - %)**



Para os alunos do Centro, a ação das gangues e a falta de orientação familiar são as principais causas atribuídas à violência. Em seguida, vem a falta de respeito por parte dos alunos. Para os alunos da Periferia, a principal causa atribuída à violência é a falta de orientação familiar, sendo a falta de respeito por parte dos alunos e a facilidade na entrada de armas a segunda e terceira causas, respectivamente. A importância da família, novamente, é evidenciada. Desta vez, pelos alunos dos dois ambientes sociais (Centro e Periferia). Vale observar, também, a terceira principal causa da violência atribuída pelos alunos da periferia (facilidade na entrada de armas na escola). Esse é um ponto importante, visto que as instituições de ensino precisam, cada vez mais, cuidar da segurança dos alunos e de todos os demais sujeitos envolvidos no interior da escola.

A tabela 49 informa sobre o tipo de punição que os alunos do centro e da periferia consideram adequado aos diferentes tipos de violação.

**Tabela 49 - Punição atribuída a comportamento desviante por ambiente socioeconômico da escola (%)**

Indicador		Centro	Periferia
Pegar escondido algum objeto de pouco valor de um colega (algo que custe menos que 50 reais).	Não merece punição	0.6	1.0
	Repreensão verbal	39.3	42.2
	Suspensão de aulas	41.7	41.7
	Expulsão da escola	18.4	15.1
	Total	100.0	100.0
Danificar de propósito bens da escola, como carteiras, vidraças, banheiros e paredes.	Não merece punição	1.2	3.7
	Repreensão verbal	27.3	17.8
	Suspensão de aulas	46.6	53.9
	Expulsão da escola	24.8	24.6
	Total	100.0	100.0
Tentar beijar ou agarrar alguém sem o consentimento da pessoa.	Não merece punição	7.3	11.1
	Repreensão verbal	37.2	50.0
	Suspensão de aulas	34.8	22.1
	Expulsão da escola	20.7	16.8
	Total	100.0	100.0
Ofender alguém por causa da cor da pele.	Não merece punição	0.6	2.1
	Repreensão verbal	16.0	22.2
	Suspensão de aulas	36.4	34.9
	Expulsão da escola	46.9	40.7
	Total	100.0	100.0

Sobre o primeiro indicador (pegar escondido algum objeto de pouco valor de um colega), a maioria dos alunos do Centro indicou a suspensão de aulas como a principal punição. Apesar de um alto índice de alunos da Periferia ter atribuído valor à suspensão das aulas, a repreensão verbal foi indicada por eles como a principal punição.

Quanto a danificar bens da escola de propósito, a suspensão de aulas foi considerada a melhor punição a ser atribuída pela maioria dos alunos do Centro e da Periferia.

Para o comportamento desviante tentar beijar ou agarrar alguém sem o consentimento da pessoa, a repreensão verbal foi a punição indicada pela maioria dos alunos dos dois ambientes sociais. Os alunos da Periferia deram mais destaque do que os alunos do Centro.

Quanto a ofender alguém por causa da cor da pele, a expulsão da escola foi indicada como punição a ser atribuída pela maioria dos alunos do Centro e da Periferia.

Pode-se dizer que os alunos, de uma forma geral, demonstram um rigor acentuado, no que se refere aos comportamentos desviantes na escola, atribuindo punições, sendo que, dos comportamentos observados, a violência racial (ofensa por causa da cor da pele) foi a que apresentou a punição mais severa (expulsão da escola).

Por fim, a tabela 50 informa sobre diferenças de disposição nos dois ambientes sociais para o enfrentamento do problema da violência.

**Tabela 50 - Indicadores de atitude em face da violência por ambiente socioeconômico da escola (%)**

Indicadores	Centro	Periferia	
Para você, o problema da violência nas escolas é:	Impossível de ser resolvido	1.8	2.6
	Difícil de ser resolvido	76.2	63.2
	Fácil de ser resolvido	12.8	15.5
	Não sei se pode ser resolvido ou não	9.1	18.7
	Total	100.0	100.0
“Por mais pobre e sofrida que seja uma pessoa, ela tem sempre a liberdade de escolher se vai cometer um crime ou não.”	Discordo muito	12.7	5.2
	Discordo em parte	9.1	6.3
	Não tenho opinião formada	7.9	10.9
	Concordo em parte	13.3	16.7
	Concordo muito	57.0	60.9
Total	100.0	100.0	
“Têm pessoas que são violentas por natureza.”	Discordo muito	35.8	26.7
	Discordo em parte	16.4	18.3
	Não tenho opinião formada	9.1	6.3
	Concordo em parte	27.9	29.8
	Concordo muito	10.9	18.8
Total	100.0	100.0	

Analisando o primeiro indicador de atitude em face da violência por ambiente social, o problema da violência nas escolas é considerado pela grande maioria dos alunos do Centro e da Periferia como sendo difícil de ser resolvido, indicando as múltiplas faces e complexidade do fenômeno.

A maioria dos alunos dos dois ambientes sociais concorda com a afirmação de que por mais pobre e sofrida que seja uma pessoa, ela tem sempre a liberdade de escolher se vai cometer um crime ou não.

Quanto à afirmação “há pessoas que são violentas por natureza”, apesar dos alunos ficarem bem divididos, os do Centro, em sua maioria, discordam de tal afirmação, enquanto que os da Periferia concordam.

#### 4.5. O peso relativo das variáveis investigadas

---

Desenvolveu-se uma análise multivariada para identificar, entre as variáveis-chaves da pesquisa, os fatores que contribuem de maneira mais decisiva para a percepção da violência escolar entre os jovens pesquisados.

Até o momento, os dados foram apresentados sob a forma de tabulações e gráficos simples ou bivariados, visando caracterizar a percepção da violência entre os alunos. Agora, tentaremos identificar o peso relativo às variáveis-chaves do estudo (escala geral de violência percebida, ter sido vítima ou algoz de violência, tipo de escola, ambiente socioeconômico da escola e estilo de vida do jovem). Para enriquecer o modelo, acrescentaremos na análise a escolaridade da mãe e do pai, bem como uma outra variável sociológica clássica, “sexo”, que possui uma importância intrínseca para o tema. A variável “idade” não foi incluída devido ao fato de ser pequena a variação encontrada na amostra (97% dos alunos pesquisados possuem entre 15 e 18 anos de idade). Ademais, as simulações que fizemos introduzindo a variável série (uma *proxy* da idade) não mostraram nenhuma segmentação digna de nota.

Nessa parte da pesquisa, foi utilizado um método chamado CHAID (*CHI-squared Automatic Iteration Detection*), que investiga a força explicativa de duas ou mais variáveis independentes em relação a uma única variável dependente, e que prima por trabalhar com dados qualitativos (nível de mensuração nominal).

O CHAID opera basicamente sobre tabelas de contingência e utiliza o qui-quadrado para classificar os segmentos (variáveis e categorias ou agregado de categorias) que melhor explicam o perfil da variável dependente (cabe notar, porém, que o método admite que a variável dependente seja contínua, e, nesse caso, ele utiliza a estatística F). Os resultados do CHAID são descritos na forma de um “diagrama de árvore” de interpretação relativamente fácil. Os “nós” dessa árvore de classificação representam os “segmentos” identificados pela modelagem. Quanto

mais próximos os segmentos estão da variável dependente, maior a contribuição explicativa daquela variável (e das respectivas categorias ou agregados de categorias) para a definição do perfil da variável dependente. Além da árvore de classificação, o CHAID gera uma tabela indicativa dos melhores segmentos, um índice de risco para o modelo como um todo (porcentagem de casos provavelmente mal classificados), e uma matriz de casos provavelmente bem classificados por categorias que compõem a variável explicada.<sup>31</sup>

A aplicação do método CHAID envolveu as variáveis constantes na tabela 51 e seguiu as linhas de dependência funcional representadas no diagrama 1. A variável *idade* foi categorizada para atender os requisitos do *answer tree*. Considerando o fato de que apenas 13 dos 358 alunos pesquisados possuíam idade inferior a 15 ou superior a 19 anos de idade, decidimos excluir esses casos da análise e tratar as idades de 15, 16, 17 e 18 anos como categorias.

---

<sup>31</sup> Obviamente, não vem ao caso aqui adentrarmos nos aspectos matemáticos subjacentes ao método CHAID (índices de semelhança, técnicas de hierarquizar dados etc.). Uma explicação ao mesmo tempo rigorosa e didática do método encontra-se em Souza, Milton Mattos de. **Técnicas avançadas de segmentação de mercado: utilização do método CHAID**. Brasília, Universidade de Brasília, 2000. (Dissertação de Mestrado)

Tabela 51 - Variáveis e categorias inseridas na análise multivariada

VARIÁVEIS E CATEGORIAS	
AMBIENTE SOCIAL DA ESCOLA	1 Centro
	2 Periferia
ESCALA GERAL DE VIOLÊNCIA PERCEBIDA =	(de 0 a 10 pontos)
ESCOLARIDADE PAI	1 Fundamental
	2 Médio
	3 Superior
ESCOLARIDADE MÃE	1 Fundamental
	2 Médio
	3 Superior
ESTILO DE VIDA	1 Notívago-cibernético
	2 Culto-caseiro
	3 Isolamento doméstico
SEXO	1 Masculino
	2 Feminino
TIPO DE ESCOLA	1 Pública
	2 Particular
TRABALHO	1 Inativo
	2 Desempregado
	3 Trabalhando
VÍTIMA/ALGOZ	1 Nunca
	2 Vítima
	3 Vítima e algoz
	4 Algoz

Diagrama 1 - Esquema geral da análise multivariada

**Independentes → Dependentes**

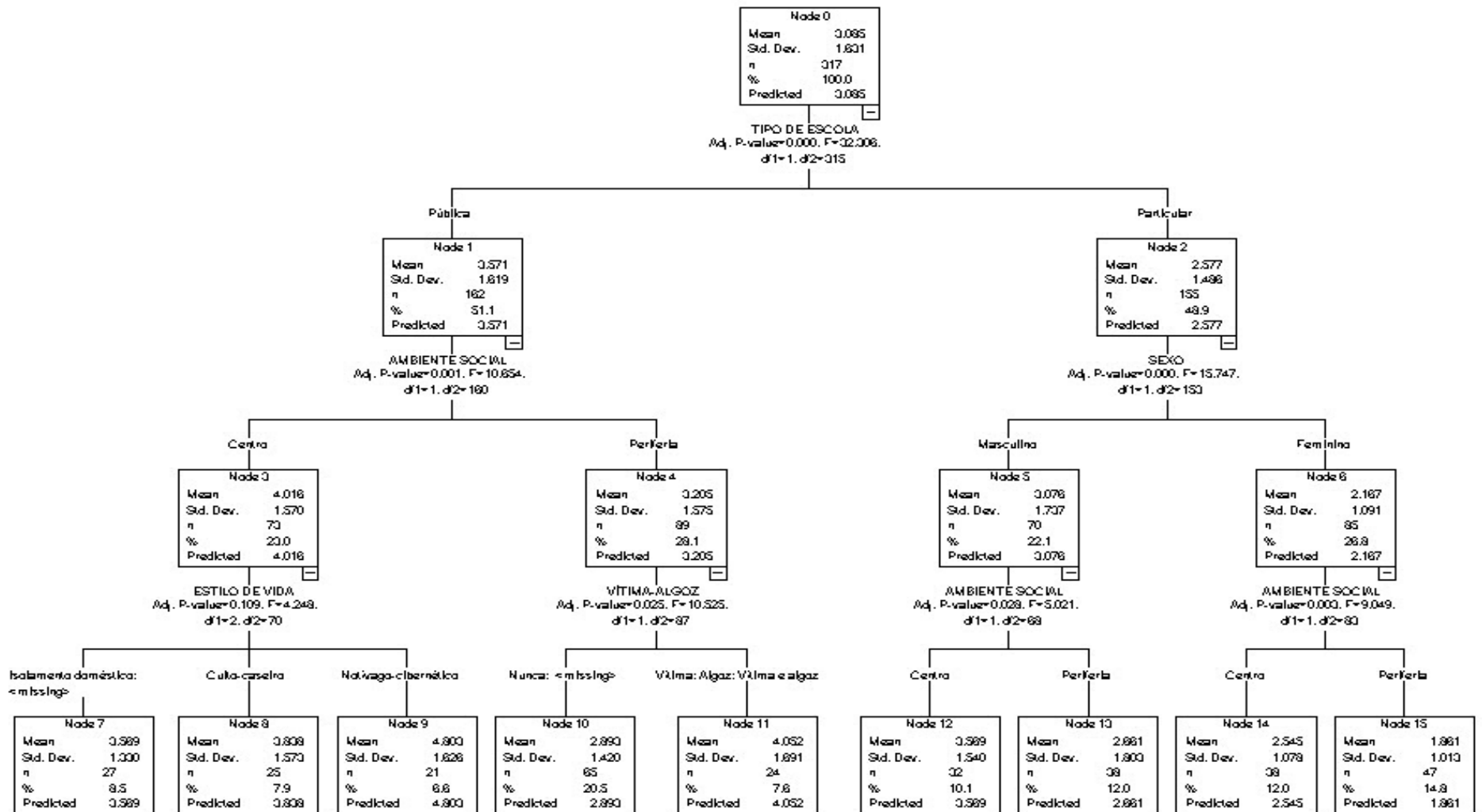
Deve-se ter em mente também que o método CHAID realiza os cálculos de significância até o terceiro nível de determinação e exclui automaticamente das árvores de classificação aquelas variáveis introduzidas no modelo que não apresentaram efeito explicativo significativo sobre a variável dependente em questão.

A primeira árvore de classificação refere-se aos fatores explicativos da escala de violência percebida pelos alunos. A variável dependente, nesse caso, é contínua (escala de 0 a 10

pontos). As variáveis independentes introduzidas no modelo foram: *ambiente social da escola; escolaridade do pai; escolaridade da mãe; estilo de vida; sexo; tipo de escola; trabalho remunerado; vítima/algoz*. O resultado do CHAID mostra que as variáveis *escolaridade do pai, escolaridade da mãe e trabalho remunerado* não contribuem significativamente na explicação da escala percebida de violência. O índice estimado de risco é de 1.94 (no caso de variáveis dependentes contínuas, esse indicador equivale à variância nos nós).



ESCALA DE VIOLENCIA PERCEBIDA

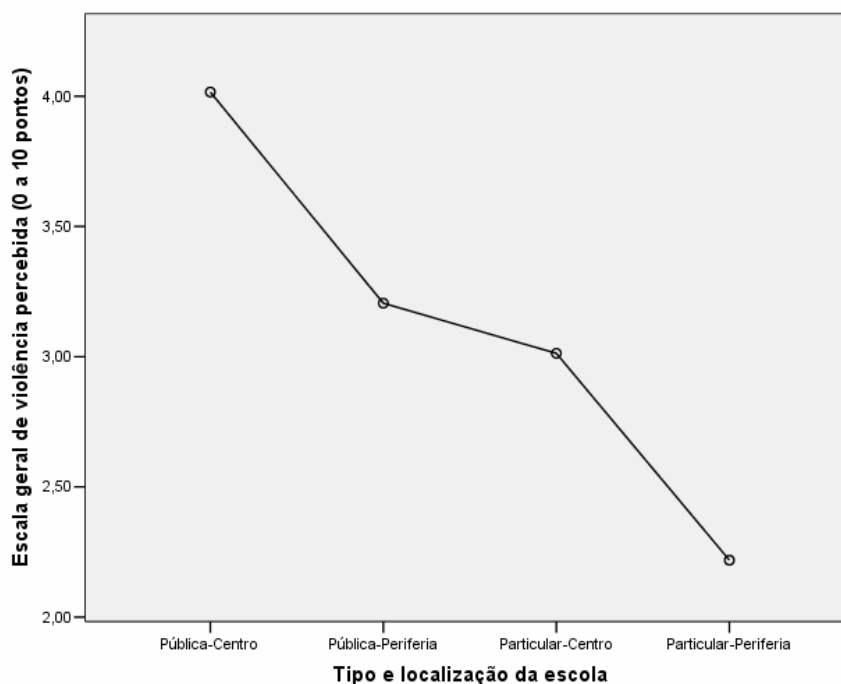


O nó 0 da árvore de classificação informa que o conjunto de alunos pesquisados apresentou 3,085 pontos em média na escala de violência percebida. O tipo de escola é a variável de maior poder explicativo com respeito à percepção da violência na escola. O segundo melhor preditor varia em função do tipo de escola. No caso das escolas públicas, o melhor preditor é o ambiente social onde a escola está localizada. No caso das escolas particulares, o melhor preditor é o sexo do aluno. O terceiro melhor preditor também varia nos segmentos subsequentes da árvore de classificação. No segmento dos alunos de escolas públicas localizadas no centro, destaca-se o estilo de vida do jovem. No segmento dos alunos de escolas públicas localizadas na periferia, destaca-se o envolvimento pessoal em situações de violência. No caso das escolas particulares, independentemente do sexo, destaca-se o ambiente social onde a escola está localizada.

O grau de violência percebida é maior entre os alunos de escola pública (3,571), localizadas no centro (4,016) e entre jovens notívago-cibernéticos (4,803). O grau de violência percebida é menor entre os alunos de escolas particulares (2,577), do sexo feminino (2.167), que estudam em escolas localizadas na periferia (1.861).

O gráfico 16 apresenta o comportamento da escala de violência percebida quando construímos uma variável combinando o tipo de escola e o ambiente social da escola.

**Gráfico 16 – Escala de violência percebida por tipo de escola-ambiente social da escola (diferença de médias).**



Verifica-se, portanto, uma percepção declinante da violência à medida que caminhamos da escola pública localizada no centro para a escola particular localizada na periferia.

A segunda árvore de classificação refere-se aos fatores explicativos da variável envolvimento pessoal em situações de violência (vítima/algoz). As variáveis independentes introduzidas no modelo foram: *ambiente social da escola; escolaridade pai; escolaridade mãe; estilo de vida; sexo; tipo de escola; trabalho remunerado*. As variáveis *escolaridade do pai, escolaridade da mãe e estilo de vida do jovem* não contribuem significativamente na explicação do envolvimento pessoal em situações de violência. O índice estimado de risco (proporção de casos incorretamente classificados) é de 29,7 %.

O nó 0 da árvore de classificação informa sobre o envolvimento pessoal em situações de violência no conjunto de alunos pesquisados. Ele mostra que 29,7% dos alunos já vivenciaram situações agressivas (seja como vítima, seja como algoz, seja como vítima e algoz). O sexo do respondente é a variável de maior poder explicativo do envolvimento em situações de violência. O segundo melhor preditor do envolvimento é o tipo de escola no caso do segmento masculino e

a situação laboral no caso do segmento feminino. O terceiro melhor preditor também varia em cada segmento da árvore de classificação. No segmento masculino de escola pública, destaca-se a escolaridade do pai. No segmento masculino de escola particular, destaca-se a situação laboral. No segmento feminino desempregado ou inativo, destaca-se o ambiente social onde a escola está localizada.

Ao focalizarem as categorias da variável dependente, verificou-se que o segmento masculino envolve-se mais em situações de violência (seja como vítima, seja como algoz, seja como vítima e algoz). Essa probabilidade aumenta ainda mais se os jovens do segmento masculino são de escola particular (46,7% deles já se envolveram em situações de violência, especialmente se estão na condição de inativos (20,4% deles já foram vítimas de violência). De outro lado, a probabilidade de não ter se envolvido em situações de violência é maior no segmento feminino (79,3%), especialmente se estão na inatividade (85,7%) e estudam em escolas da periferia (91,4%).

VÍTIMA-ALGOZ

- Nunca
- Algoz
- Vítima
- Vítima e algoz

Node 0		
Category	%	n
Nunca	70,3	246
Algoz	10,6	37
Vítima	10,3	36
Vítima e algoz	8,9	31
Total	100,0	350

SEXO  
Adj. P-value=0,000, Chi-square=21,815, df=3

Masculino

Node 1		
Category	%	n
Nunca	57,0	81
Algoz	16,2	23
Vítima	12,7	18
Vítima e algoz	14,1	20
Total	40,8	142

TIPO DE ESCOLA  
Adj. P-value=0,613, Chi-square=1,811, df=3

Feminino; <missing>

Node 2		
Category	%	n
Nunca	79,3	165
Algoz	6,7	14
Vítima	8,7	18
Vítima e algoz	5,3	11
Total	59,4	208

TRABALHO REMUNERADO  
Adj. P-value=0,035, Chi-square=13,566, df=6

Pública

Node 3		
Category	%	n
Nunca	61,2	41
Algoz	16,4	11
Vítima	9,0	6
Vítima e algoz	13,4	9
Total	19,1	67

ESCOLARIDADE PAI  
Adj. P-value=0,216, Chi-square=8,880, df=3

Particular

Node 4		
Category	%	n
Nunca	53,3	40
Algoz	16,0	12
Vítima	16,0	12
Vítima e algoz	14,7	11
Total	21,4	75

TRABALHO REMUNERADO  
Adj. P-value=0,141, Chi-square=7,945, df=3

Trabalhando

Node 5		
Category	%	n
Nunca	64,3	18
Algoz	17,9	5
Vítima	7,1	2
Vítima e algoz	10,7	3
Total	8,0	28

Desempregado

Node 6		
Category	%	n
Nunca	73,8	45
Algoz	9,8	6
Vítima	9,8	6
Vítima e algoz	6,6	4
Total	17,4	61

AMBIENTE SOCIAL  
Adj. P-value=0,360, Chi-square=3,216, df=3

Inativo

Node 7		
Category	%	n
Nunca	85,7	102
Algoz	2,5	3
Vítima	8,4	10
Vítima e algoz	3,4	4
Total	34,0	119

AMBIENTE SOCIAL  
Adj. P-value=0,078, Chi-square=6,819, df=3

Primeiro grau

Node 8		
Category	%	n
Nunca	60,6	20
Algoz	15,2	5
Vítima	18,2	6
Vítima e algoz	6,1	2
Total	9,4	33

Segundo grau; Terceiro grau; <missing>

Node 9		
Category	%	n
Nunca	61,8	21
Algoz	17,6	6
Vítima	0,0	0
Vítima e algoz	20,6	7
Total	9,7	34

Trabalhando; Desempregado

Node 10		
Category	%	n
Nunca	42,3	11
Algoz	23,1	6
Vítima	7,7	2
Vítima e algoz	26,9	7
Total	7,4	26

Inativo

Node 11		
Category	%	n
Nunca	59,2	29
Algoz	12,2	6
Vítima	20,4	10
Vítima e algoz	8,2	4
Total	14,0	49

Centro

Node 12		
Category	%	n
Nunca	75,9	22
Algoz	3,4	1
Vítima	13,8	4
Vítima e algoz	6,9	2
Total	8,3	29

Periferia

Node 13		
Category	%	n
Nunca	71,9	23
Algoz	15,6	5
Vítima	6,2	2
Vítima e algoz	6,2	2
Total	9,1	32

Centro

Node 14		
Category	%	n
Nunca	80,3	49
Algoz	1,6	1
Vítima	14,8	9
Vítima e algoz	3,3	2
Total	17,4	61

Periferia

Node 15		
Category	%	n
Nunca	91,4	53
Algoz	3,4	2
Vítima	1,7	1
Vítima e algoz	3,4	2
Total	16,6	58

A tabela 52 apresenta o envolvimento pessoal em situações de violência quando construímos uma variável combinando o tipo de escola e o ambiente social da escola.

**Tabela 52 – Envolvimento pessoal em situações de violência por tipo de escola-ambiente social da escola (% linha e coluna).**

		Pública- Centro	Pública- Periferia	Particular- Centro	Particular- Periferia	
Envolvimento pessoal em situações de violência	Nunca	71,8	73,5	66,7	68,2	70,3
	Vítima	11,8	5,9	16,0	9,1	10,3
	Vítima e algoz	8,2	7,8	10,7	9,1	8,9
	Algoz	8,2	12,7	6,7	13,6	10,6
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Envolvimento pessoal em situações de violência	Nunca	24,8	30,5	20,3	24,4	100,0
	Vítima	27,8	16,7	33,3	22,2	100,0
	Vítima e algoz	22,6	25,8	25,8	25,8	100,0
	Algoz	18,9	35,1	13,5	32,4	100,0
		24,3	29,1	21,4	25,1	100,0

De fato, observou-se um envolvimento um pouco maior de situações de violência nas escolas particulares (quer do centro quer da periferia, dado coerente com o comportamento da escala de violência percebida anteriormente apontado). Entretanto, esse comportamento reflete também uma incidência maior da condição de algoz nas escolas da periferia e de vítima nas escolas do centro. Já a condição de vítima e algoz não parece variar muito em relação a esses quatro segmentos.

## CONCLUSÃO

---

Com relação aos tipos e intensidade de violência percebida, os *xingamentos* destacaram-se como o principal tipo de agressão na escola. Observa-se, com isso, uma forte presença do *bullying* nas escolas estudadas.

Vale destacar a presença de armas de fogo nas escolas, o elevado consumo de álcool e cigarro, além do considerável uso de maconha nos ambientes de ensino.

Cerca de 30% dos alunos já foram vítimas ou cometeram algum tipo de violência na escola. Estes mesmos estudantes, de maneira geral, sentem-se mais seguros em casa do que na escola, e atribuem, como causa principal da violência nas escolas, a falta de orientação familiar.

Apesar do índice de discordância quanto à afirmação “a violência é a mesma, tanto nas escolas públicas quanto nas particulares” ter sido mais acentuado, as opiniões foram bem divididas.

Existe, de forma geral, um sentimento de desvalorização dos serviços prestados pelas escolas públicas, se comparado com os serviços prestados pelas instituições particulares, no que se refere ao trabalho docente e de gestão.

Considerando os efeitos do tipo de escola, os alunos das escolas públicas apontam maior ocorrência de violência do que os alunos de escolas particulares nas três escalas parciais (agressões, armas e drogas). Outro ponto a ser destacado em efeitos do tipo de escola, a opinião de que a escola particular controla mais a violência é maior entre os alunos da rede privada.

Sobre os efeitos do estilo de vida dos jovens, a participação cívica é baixa entre os jovens pesquisados. Os jovens notívago-cibernéticos apontam com maior ênfase a presença de armas e drogas na escola. Estes jovens destacaram-se também ao afirmarem já terem sido agredidos ou até mesmo agressores.

A falta de orientação familiar foi a principal causa atribuída à violência pelos alunos de estilo *culto-caseiro* e *isolamento doméstico*. Já a ação das gangues foi apontada em maior destaque pelos estudantes de estilo *notívago-cibernético*.

Considera-se que os jovens *culto-caseiros* são os que opinam mais duramente contra as violações, enquanto que os jovens *notívago-cibernéticos* são mais favoráveis a uma tese “naturalista” da violência do que os demais jovens.

A respeito dos efeitos do ambiente social da escola, nas escalas de agressões, armas e drogas, os alunos do Centro deram mais evidência às ocorrências do que os da Periferia. Nos indicadores de agressões observados, os alunos do centro registraram maior ocorrência de violência.

Caso os alunos pudessem resolver o problema, o desrespeito aos outros foi o tipo de agressão mais indicado como sendo o primeiro a ser atacado pelos alunos do Centro e da Periferia. Ainda em se tratando de causas, a falta de orientação familiar é o principal fator atribuído à violência, segundo os alunos do Centro e da Periferia.

A percepção sobre o consumo do cigarro, maconha e inalantes é mais acentuada no Centro do que na Periferia.

Numa análise geral, o grau de violência percebida é maior entre os alunos da escola pública, localizadas no centro, e entre jovens *notívago-cibernéticos*. O grau de violência percebida é menor entre os alunos de escolas particulares, do sexo feminino, que estudam em escolas da periferia.

Observa-se um maior envolvimento em situações de violência junto aos alunos das escolas particulares. Entretanto, esse comportamento reflete também uma incidência maior da condição de alzoq nas escolas da periferia e de vítima nas escolas do centro.



Espera-se que a presente pesquisa contribua com os estudos acerca da temática da violência escolar, mesmo sabendo das limitações deste trabalho, em virtude, basicamente, da escassa literatura que trata sobre a percepção de estudantes da rede pública e particular, estilo de vida e ambiente social dos jovens, além do pouco tempo para a análise de outros dados levantados pelo instrumento de pesquisa.

É importante que novos estudos sejam feitos, e que as questões intrigantes apresentadas neste trabalho e que não obtiveram respostas significativas sejam devidamente elucidadas.

## **BIBLIOGRAFIA**

---

A VOZ DOS ADOLESCENTES, Unicef, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam. *Violência nas escolas*. Brasília, UNESCO, 2002.

ABRAMOVAY, Mirian (et al.). *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*, Rio de Janeiro, Garamond, 1999.

ADORNO, T.W. *Educação e Emancipação*. RJ: Paz e Terra, 1995.

ALMEIDA, Ângela Maria de Oliveira. *Adolescentes em manchete (policial)*. In: PAVIANI, A., FERREIRA, I. C. B. e BARRETO, F. F. P. (org.). Brasília: Dimensões da Violência Urbana. DF: Editora UnB, 2005.

AMORETTI, R. *Bases para a leitura da violência*. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Psicanálise e violência*. Petrópolis: Vozes, 1992.

ANAIS DO SEMINÁRIO DE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS. *Desafios e Alternativas: Violência nas escolas*, Brasília, UNESCO, 2003.

ARAÚJO, Carla. *A violência desce para a escola: sua manifestação no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens*. Belo Horizonte, Autêntica, 2002.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. *As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes*. Educação e pesquisa, v.27, n.1, jan/jun. 2001.

CANDAU, V. M. *Escola e Violência*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

CASTRO, Mary (org.). *Cultivando vidas, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza*, Brasília, UNESCO, 2001.

CHARLOT, Bernard. *A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão*. Interface, Sociologias, Porto Alegre. Ano 04, nº 8, julho/dez 2002.

COHEN, A. K. *Transgressão e Controle*. São Paulo: Pioneira, 1968.

COLLEL, J. y ESCUDÉ, C (2002), *La violència entre iguals a l'escola: el Bullying*, Àmbits de Psicopedagogia, 4, febrer 2002, pp.20-24.

COSTA, Márcia Regina. *A violência urbana é particularidade da sociedade brasileira?* São Paulo em Perspectiva, 13 (4), pp. 3-12, 1999.

DAMATTA, R. *A Casa & A Rua*. RJ: Rocco, 1997.

DEBARBIEUX, Eric e BLAYA, Catherine (orgs). *Violência nas Escolas e Políticas Públicas*. Brasília: UNESCO, 2002.

ELZO, J. *El adolescente em la sociedad actual: una visión sociológica*. 2000.

ELZO, J. *La educación del futuro y los valores*. 2004.

ELZO, J. *La educación em valores como factor de prevención de la violencia juvenil*. San Sebastián-Mexico, Enero-Febrero de 1997.

FERREIRA, Ignez C. B. e PENNA, Nelba A. *Território da Violência*. In: PAVIANI, A., FERREIRA, I. C. B. e BARRETO, F. F. P. (org.). Brasília: Dimensões da Violência Urbana. DF: Editora UnB, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*, (trad. Raquel Ramallete). Petrópolis: Vozes, 1987.

FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na Civilização*. RJ: Imago, 1997.

GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 1999.

GIRARD, René. *A Violência e o Sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

ILANUD/INSTITUTO SOU DA PAZ - Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente. *O dia a dia na vida das escolas (Violações Auto Assumidas)*, São Paulo, 1999.

ITANI, Alice. *A violência no imaginário dos agentes educativos*. Cadernos Cedes, ano XIX, n. 47, pp. 36-50, 1998.

LEÃO, Geraldo M. P. *Violência na escola: um desafio à gestão democrática da educação*. Caderno do CEAS, Salvador, Centro de Estudos e Ação Social, 2000.

MARTINS, Maria José D. *O Problema da Violência Escolar: Uma Clarificação e Diferenciação de Vários Conceitos Relacionados*. Revista Portuguesa de Educação, ano/vol. 18, número 001. Universidade do Minho. Braga, Portugal, pp.93-115, 2005.

MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo: Ática, 1989, p.14.

PARO, Vitor. *Administração escolar: introdução crítica*. São Paulo: Cortez, 2003.

PARO, Vítor Henrique. *Gestão democrática da escola pública*. São Paulo, Ática, 2003.

PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PORTO, Maria Stela Grossi. *A violência entre a inclusão e a exclusão social*. Revista Tempo Social, 2000.

QUEIROZ, J. Edmar de. *Ocorrência e causas da violência na escola segundo a percepção de uma comunidade escolar*. Brasília, UnB, 1999.

RISTUM, Marilena e BASTOS, Ana Cecília de Sousa. *Violência urbana: uma análise dos conceitos de professores do ensino fundamental*. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9 (1), 225-239, 2004.

RODRIGUES, Margarida Maria Mariano. *Violência na Instituição Escolar*. UnB/I.P. LabPAM, 1998.

ROMERO, Marta A. B. *A violência e as condições degradantes do meio urbano*. In: PAVIANI, A., FERREIRA, I. C. B. e BARRETO, F. F. P. (org.). Brasília: Dimensões da Violência Urbana. DF: Editora UnB, 2005.

SANTOS, Leandro Gabriel dos. *A percepção de alunos sobre a temática da violência escolar: um paralelo de uma escola da rede pública e outra da rede particular*. UnB, 2005.

SELLTIZ (et al.). *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo, E.P.U/EDUSP, 1975.

SHOEMAKER, Donald J. *Theories of delinquency*. An Examination of explanations of delinquent behavior. New York: Oxford University Press, 1996.

SILVA, Aida M. Monteiro. *A violência na escola: a percepção dos alunos e professores*. Série Idéias nº 28, São Paulo: FED, 1995.

SILVA, Nelson Pedro. *Ética, Indisciplina & Violência nas Escolas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SPOSITO, Marília Pontes. *Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil*. *Educação e Pesquisa*, v.27, n.1, jan/jun. 2001.

SPOSITO, Marília. Pontes. *Estudos sobre juventude em educação*. *Revista Brasileira de Educação*. Juventude e Contemporaneidade, n.5-6, 1997.

TOURAINE, Alain. *Critique de la modernité*, Paris, Fayard, 1992.

VASCONCELOS, Ana Maria Nogales e COSTA, Arthur. *Demografia da violência no Distrito Federal: evolução e características*. In: PAVIANI, A., FERREIRA, I. C. B. e BARRETO, F. F. P. (org.). Brasília: Dimensões da Violência Urbana. DF: Editora UnB, 2005.

WASELFISZ, Júlio Jacobo (coord.) *Juventude, Violência e Cidadania: Os Jovens de Brasília*, São Paulo, Cortez, 1998.

---

## ANEXO – QUESTIONÁRIO APLICADO



Universidade de Brasília - UnB

### QUESTIONÁRIO

**Caro(a) aluno(a),**

A violência é um assunto que deve ser tratado com toda a atenção por parte da sociedade. Precisamos conhecê-la, analisá-la, além de buscarmos soluções de forma conjunta, fazendo com que o nosso país seja cada vez melhor. Este questionário é parte de uma pesquisa desenvolvida por alunos da UnB sobre a percepção que os alunos têm da ocorrência de violência no ambiente escolar. A sua participação é de extrema importância! Por isso, leia atentamente as perguntas antes de responder. Marque X na alternativa apropriada. Não precisa se identificar.

1. Ano de 

1	9		
---	---	--	--

 nascimento:

2. Sexo: ( ) masculino ( ) feminino

3. Com quem você mora?

- ( ) com os meus pais                      ( ) com a minha mãe                      ( ) com o meu pai  
( ) com parentes                              ( ) sozinho                                      ( ) outra situação

4. Exerce atividade remunerada atualmente?

- ( ) não trabalho, estou me dedicando exclusivamente aos estudos  
( ) não trabalho, mas estou procurando emprego  
( ) sim, estou trabalhando

5. Você participa de algum grupo? Marque aquele ou aqueles dos quais participa:

1. Grupo religioso ( )  
2. Grêmios escolares ( )  
3. Associação comunitária ( )  
4. Partido político ou sindicato ( )  
5. Grupo cultural (banda de música, coral, etc) ( )

6. Você estudou:

- ( ) sempre em escola pública                      ( ) sempre em escola privada  
( ) na maior parte do tempo em escola pública                      ( ) na maior parte do tempo em escola privada  
( ) metade do tempo em escola pública e metade do tempo em escola particular

7. Quando você não está na escola, com que frequência desenvolve as atividades abaixo mencionadas?

- |   |                                |                                   |                                       |
|---|--------------------------------|-----------------------------------|---------------------------------------|
| 1. Ajudo nas atividades domésticas (limpeza, compras, etc).             | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 2. Falo com os meus pais sobre os estudos.                              | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 3. Vou à Igreja (culto, missa, grupo de jovens, etc).                   | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 4. Saio com os amigos, à noite, para festas, barzinhos, boates.         | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 5. Pratico esportes (além das aulas de educação física).                | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 6. Leio livros por diversão, nas horas vagas.                           | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 7. Divirto-me em salas de <i>games</i> (flipperama, jogos em rede,etc). | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 8. Vou passear em <i>shoppings</i> .                                    | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 9. Divirto-me ao computador ( <i>email, orkut, sites, jogos, etc</i> ). | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 10. Vou ao teatro ou a espetáculos musicais.                            | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 11. Vou ao cinema.  | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 12. Visito ou saio com parentes (primos, tios, etc).                    | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 13. Desenvolvo atividades artísticas (pintura,dança, música,etc).       | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 14. Assisto televisão.  | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |

8. Qual a escolaridade de seus pais?

PAI	MÃE
<input type="checkbox"/> Primeiro grau incompleto	<input type="checkbox"/> Primeiro grau incompleto
<input type="checkbox"/> Primeiro grau completo	<input type="checkbox"/> Primeiro grau completo
<input type="checkbox"/> Segundo grau incompleto	<input type="checkbox"/> Segundo grau incompleto
<input type="checkbox"/> Segundo grau completo	<input type="checkbox"/> Segundo grau completo
<input type="checkbox"/> Superior incompleto	<input type="checkbox"/> Superior incompleto
<input type="checkbox"/> Superior completo	<input type="checkbox"/> Superior completo

9. Você já foi vítima de algum ato de violência na sua escola?  Sim  Não

10. Com que frequência ocorre na sua escola os tipos de violência abaixo mencionados?

- |  |                                |                                   |                                       |
|--|--------------------------------|-----------------------------------|---------------------------------------|
| 1. Ameaças de agressão com armas (canivete,revólver,etc) | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 2. Ameaças de espancamento                               | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 3. Brigas entre galeras/gangues                          | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 4. Brigas entre pessoas                                  | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 5. Depredações   | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 6. Desrespeito aos outros                                | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 7. Humilhações em público                                | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 8. Pichações   | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 9. Roubos e furtos                                       | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 10. Uso e distribuição de drogas                         | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 11. Violência racial                                     | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 12. Violência sexual                                     | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| 13. Xingamentos  | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |



11. Ainda com respeito aos tipos de violência apresentados na pergunta anterior, quais são os problemas que você tentaria resolver primeiro em sua escola, se pudesse? Marque **até 3** (três) alternativas.

1. Ameaças de agressão com armas (canivete, revólver, etc) ( )
2. Ameaças de espancamento ( )
3. Brigas entre galeras/gangues ( )
4. Brigas entre pessoas ( )
5. Depredações ( )
6. Desrespeito aos outros ( )
7. Humilhações em público ( )
8. Pichações ( )
9. Roubos e furtos ( )
10. Uso e distribuição de drogas ( )
11. Violência racial ( )
12. Violência sexual ( )
13. Xingamentos ( )

12. Você já viu algum aluno na escola carregando algum tipo de arma?

1. arma de fogo (revolver, pistola) ( ) nunca ( ) uma vez ( ) algumas vezes ( ) muitas vezes
2. arma branca (canivete, faca) ( ) nunca ( ) uma vez ( ) algumas vezes ( ) muitas vezes
3. outro tipo de arma (pedra, soqueira) ( ) nunca ( ) uma vez ( ) algumas vezes ( ) muitas vezes

13. Você já viu algum aluno de sua escola, dentro ou fora dela, usando alguma dessas substâncias?

1. Álcool (cerveja, pinga, etc) ( ) nunca ( ) uma vez ( ) algumas vezes ( ) muitas vezes
2. Cigarro ( ) nunca ( ) uma vez ( ) algumas vezes ( ) muitas vezes
3. Maconha ( ) nunca ( ) uma vez ( ) algumas vezes ( ) muitas vezes
4. Inalante (éter, cola, lança, etc) ( ) nunca ( ) uma vez ( ) algumas vezes ( ) muitas vezes
5. Cocaína ( ) nunca ( ) uma vez ( ) algumas vezes ( ) muitas vezes
6. Crack ( ) nunca ( ) uma vez ( ) algumas vezes ( ) muitas vezes

14. Que punição você consideraria justa aplicar a quem se comporte da seguinte forma na escola:

1. Pegar escondido algum objeto de pouco valor de um colega (algo que custe menos que 50 reais)  
( ) não merece punição ( ) repreensão verbal ( ) suspensão de aulas ( ) expulsão da escola
2. Danificar de propósito bens da escola, como carteiras, vidraças, banheiros e paredes.  
( ) não merece punição ( ) repreensão verbal ( ) suspensão de aulas ( ) expulsão da escola
3. Tentar beijar ou agarrar alguém sem o consentimento da pessoa.  
( ) não merece punição ( ) repreensão verbal ( ) suspensão de aulas ( ) expulsão da escola
4. Ofender alguém por causa da cor da pele.  
( ) não merece punição ( ) repreensão verbal ( ) suspensão de aulas ( ) expulsão da escola

15. Você considera que a violência em sua escola está:

- ( ) diminuindo ( ) continua a mesma ( ) aumentando

16. Você considera que o respeito aos professores em sua escola está:

- ( ) diminuindo ( ) continua o mesmo ( ) aumentando

17. De uma maneira geral, você diria que se sente:
- tão seguro na escola quanto em casa
  - mais seguro em casa
  - mais seguro na escola
  - inseguro tanto em casa quanto na escola
18. Com qual das afirmativas você concorda mais: 1) A rua é um lugar de perigo (assaltos, acidentes de trânsito, excesso de sujeira). 2) A rua é um lugar de diversão (passear, encontrar os amigos, assistir shows). 3) A rua é um espaço de locomoção (ir ao trabalho, sair para fazer compras)
- concordo mais com a primeira
  - concordo mais com a segunda
  - concordo mais com a terceira
19. Os seus melhores amigos ou amigas:
- não são meus parentes e não estudam na minha escola
  - não são meus parentes, mas estudam na minha escola
  - são meus parentes, mas não estudam na minha escola
  - são meus parentes e estudam na minha escola
20. Quais são, em sua opinião, as causas mais importantes da violência nas escolas, de um modo geral? Marque até 3 (três) alternativas.
- 1. Ação das gangues
  - 2. Classes grandes demais / muitos alunos por classe
  - 3. Escolas grandes demais / muitos alunos na escola
  - 4. Facilidade na entrada de armas
  - 5. Falta de condições econômicas na sociedade / pobreza / desemprego
  - 6. Falta de orientação familiar / pais não acompanham os filhos
  - 7. Falta de recursos na escola / área de lazer / equipamentos
  - 8. Falta de respeito por parte dos alunos
  - 9. Professores e funcionários não impõem disciplina
  - 10. Uso de drogas / tráfico de drogas
  - 11. Violência na televisão / cinema / vídeo-games
21. As afirmativas apresentadas a seguir expressam uma série de comparações que ouvimos em nosso dia-a-dia sobre o problema da violência nas escolas públicas e particulares. Leia essas afirmativas e diga o quanto você concorda ou não com as idéias ali apresentadas:
- 1. A violência é a mesma, tanto nas escolas públicas, quanto nas particulares.  
( ) Discordo muito ( ) Discordo em parte ( ) Não tenho opinião ( ) Concordo em parte ( ) Concordo muito
  - 2. Os pais de alunos que estudam nas escolas privadas pegam mais no pé dos filhos quanto ao comportamento na escola do que os pais de alunos que estudam em escolas públicas.  
( ) Discordo muito ( ) Discordo em parte ( ) Não tenho opinião ( ) Concordo em parte ( ) Concordo muito
  - 3. É mais fácil expulsar um aluno violento de uma escola privada do que de uma escola pública.  
( ) Discordo muito ( ) Discordo em parte ( ) Não tenho opinião ( ) Concordo em parte ( ) Concordo muito
  - 4. A direção e a coordenação pedagógica das escolas privadas ouvem mais as reclamações dos alunos do que a direção das escolas públicas.  
( ) Discordo muito ( ) Discordo em parte ( ) Não tenho opinião ( ) Concordo em parte ( ) Concordo muito
  - 5. Os professores dão mais atenção aos alunos nas escolas particulares do que nas escolas públicas.  
( ) Discordo muito ( ) Discordo em parte ( ) Não tenho opinião ( ) Concordo em parte ( ) Concordo muito

22. Para você, o problema da violência nas escolas é:
- impossível de ser resolvido
  - difícil de ser resolvido
  - fácil de ser resolvido
  - não sei se pode ser resolvido ou não
23. O que você acha da afirmativa “Por mais pobre e sofrida que seja uma pessoa, ela tem sempre a liberdade de escolher se vai cometer um crime ou não”.
- Discordo muito  Discordo em parte  Não tenho opinião  Concordo em parte  Concordo muito
24. O que você acha da afirmativa “Têm pessoas que são violentas por natureza”.
- Discordo muito  Discordo em parte  Não tenho opinião  Concordo em parte  Concordo muito
25. Ao longo de sua vida escolar, algum professor já repreendeu você por algum motivo (indisciplina, notas baixas, etc)? Como você avalia a pior repreensão que você já sofreu (se sofreu alguma)?
- nunca fui repreendido.
  - a repreensão foi merecida.
  - a repreensão foi injusta.
26. Você já cometeu algum ato de violência na sua escola?
- Sim  Não

27. Para terminar, que medidas você sugeriria para combater o problema da violência nas escolas, de um modo geral?

---

---

---

---

---

Muito obrigado por sua cooperação nesta pesquisa! Sua opinião vai nos ajudar a compreender melhor o fenômeno da violência nas escolas. Por favor, devolva o questionário para o aplicador.